A DELFINA DO MAL

A DELFINA DO MAL

POEMA

POR

THOMAZ RIBEIRO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1868

A SEU IRMÃO

HENRIQUE RIBEIRO FERREIRA COELHO

ABBADE DE SANTA MARIA DE SILGUEIROS

O.

O autor.

MEU PREZADO HENRIQUE:

Entre os nomes de amigos bons e bastantes com que Deus me favorece, pareceu-me que de preferencia devia escrever o seu na dedicatoria d'este livro. Varias rasões m'o aconselharam:—Um poema, que eu consagro á humanidade afflicta, um livro que me esforcei por orvalhar de balsamos para muitas feridas, de philosophia para muitos erros, de virtudes para muitos crimes, de cauterios para muitas chagas gangrenosas e até de ridiculos para muitas aberrações sociaes, um livro emfim que eu quiz fazer de ensinamento e de piedade, a quem melhor do que a um sacerdote de Christo, dispensador de balsamos e clemencias, podia ser offerecido?

Alem d'isto: quem, como o abbade, tem sido caçador toda a sua vida (Deus lhe perdoe!), quem nos montes da *Laceira* tem acompanhado as vozerias venatorias. *es-*

tendido o seu coelho na *Ponte do entrudo*, almoçado á sombra do *Fuso,* accendido cigarros na *Ucha* e dado esmola á *Délfina do mal;* quem viu nascer este modesto livro á sombra das arvores da nossa *Parada de Gonta,* e crescer e completar-se na *Quinta de Santo Estevão* e nas *Caldas da Felgueira;* quem conhece quasi todos os personagens (os que são conheciveis), aos quaes de industria conservei os proprios nomes, ha de achar mais prazer que ninguem em ver desdobrar as paizagens da nossa aldeia, as levadas dos nossos rios e os reconcavos dos nossos montes, nas paginas que para ahi vão escriptas a sabor de uma phantasia um tanto agreste e deseducada. E eu gosto d'ella assim; a phantasia de um poeta, Deus me livre de a ver amaneirada e palaciana.

Sabe porque chamei «agreste» á minha? porque olha nada por si e tudo pela natureza; porque se compraz em ver pouco as hodiernas magnificencias dos homens para se extasiar diante das velharias de Deus; porque, em vez de alizar e encobrir as rugosidades das ruinas, põe o seu cuidado e o seu trabalho em destruir, em esboroar os artecidas estuques do romanticismo, e quer bem a nu o musgo da rocha e as cicatrizes da face.

Abbade, a arte e a poesia que se não inspirarem da verdade, e se não modelarem pela natureza, não são poesia, nem arte.

Muitos amigos me perguntam porque não canto uma pagina gloriosa da historia em mais remontada poesia. Porque me não supponho com peito para a tuba epica,

e porque me inspira menos a gloria que a miseria. A gloria impera e manda; a miseria chora e pede. A gloria é vaidosa e ingrata; a miseria, modesta e humilde. O heroe é como o tufão que passa: trôa, assola... espanta! fica-lhe após um côro immenso composto de hymnos, silvos e maldições; côro que ás vezes se dilata pelos echos das idades até se perder no abysmo incommensuravel dos tempos; a miseria é a voz suave e meiga que se dirige á consciencia, e que só proclama os seus direitos, pedindo á sociedade a esmola dos seus deveres. A gloria epica, a guerreira, é, se tanto, uma vaidade nacional; a miseria, uma infeliz verdade social.

Podem, bem sei, dizer-me que o heroe resume e symbolisa uma idéa grande, social ou humanitaria (quando symbolisa). Já os antigos representavam na sua Minerva a idéa armada! Oh! mal vestida idéa! quantas vezes não ficas tu esmagada sob o peso da armadura? ou, quantas vezes o homem que te foi dado para instrumento, não te faz instrumento, a ti, da sua vaidade egoista?!

A idéa armada atrôa pela bôca dos canhões, offusca pelo fumo das arcabuzadas, esmaga pelo tropear dos ginetes, destroe, devasta; precisa, para se implantar, do solo movediço e fumegante das ruinas; para florescer, de uma rega abundante de sangue; e quantas vezes antes que fructifique, o vento da reacção a desarreiga ou a devora, alvoroçando-lhe o incendio nas proprias ruinas que a sustentam?

A idéa semeada por Christo. sim! e por todos os sol-

dados do martyrio, que essa era luminosa! Os martyres não tinham armas, tinham crenças: não offuscavam a humanidade, alumiavam-n-a; não punham a ponta da lança ao peito do que não cria, punham-lhe ante os olhos o exemplo; traziam-lhe a doutrina á alma, e ao coração o amor; davam-se todos e não pediam nada; entravam inermes na liça; quando as flores da fé precisavam regadas com sangue, era o seu que se derramava; e como ía nelle um grande amor, eram fructos de benção os que se colhiam.

Eis porque não sei cantar glorias guerreiras, e admiro-as. Os Cesares e os Napoleões são as maximas monstruosidades da gloria. Quantas vezes, armado com a luz da minha philosophia, não vou eu devassar os subterraneos lobregos d'aquellas existencias tenebrosas? quantas não transponho os porticos sonoros dos seus pantheons illuminados pelos esplendores da historia? quantas não subo os degraus das suas columnas, para ler lá em cima as pereciveis legendas de seus feitos, e para me abraçar ao marmore frio das suas memorias? E no recesso dos seus gabinetes, e nos capitolios dos seus fastigios, e nas bases de seus obeliscos, e na estrada de suas victorias e desastres, não encontro mais que sangue e ruinas!

—Cesar!... —Napoleão!... Que dois grandes nomes! porém sómente nomes. Christo é mais —é uma doutrina. Oh! se os padres, os seus successores, se não houvessem transviado! mas, ai! que tantos foram nescios e tantissimos foram maus! Deus perdoe aos muitos que

amesquinharam e abastardaram a sua obra! Padre Henrique, perdoe-me tambem, se quizer; mas eu não posso ver na Igreja a reacção, o interesse, a hypocrisia! Quanto mais augusto considero o templo, mais abomino os seus profanadores. Jesus prégou a verdade, a humildade e a liberdade. Nunca se esqueça d'isto. Aconselhar é direito dos mais velhos.

Mas se as glorias guerreiras me não inspiram, não ha tantas outras glorias?... Ha! E que faço eu neste poema senão cantar a gloria da caridade e a gloria da resignação? estas, sim, que são filhas do amor; nestas creio eu, porque são intimas; não se dissipam em fumo, nem em vozerias; chegam intactas pelo menos á sepultura, e deixam, por unicos signaes da sua passagem, lagrimas nos olhos dos consolados, sorrisos na face do consolador. Mas é das glorias que o mundo chama immortaes que estamos fallando, e podem apontar-se as litterarias como exemplo.

Abbade, não creio na immortalidade de nenhumas.

Se fosse licito comparar coisas pequenas ás grandes, dir-lhe-ía que esta carta-prologo me está lembrando os dialogos familiares dos dois irmãos Cicero e Quinto nas aprazíveis solidões de Tusculum, onde o grande orador escrevia os seus livros, quando os heroes da turbulencia e da guerra o afastavam dos cuidados da republica que ía transformar-se em imperio.

Note que não ousei fazer esta referencia para comparações: apontei-a apenas como exemplo; e, se aquel-

las seriam loucamente vaidosas, este é tanto mais para seguir-se, quanto de mais alto vem. E pois que incidentemente fallei de Cicero e dos seus dialogos philosophicos, deixe, antes que passe avante, penitenciar-me com uma phrase do grande pensador. Vem a proposito de lhe dizer que não creio na immortalidade da gloria.

Diz Cicero no primeiro livro das *Tusculanas*, proclamando a immaterialidade e immortalidade da alma:

«E que procuram tambem os poetas senão eternisar a sua memoria? Testemunha aquelle que diz:

«—Romanos, para Ennio olhae agora vós!
«Ennio, que vos cantou os celebres avós!»—

«O que Ennio pede por ter cantado a gloria dos paes é que os filhos façam viver a sua.

«. . . . .

«Mas para que fallar dos poetas, se até os artistas aspiram á immortalidade! Phydias, não podendo escrever o seu nome no escudo de Minerva, gravou nelle o seu retrato. E os nossos philosophos? *não escrevem elles o seu nome nos mesmos livros em que proclamam o desprezo da gloria?*»

Ha perto de dois mil annos que esta phrase foi escripta por um dos maiores homens do maior imperio do mundo; e se fosse possivel conceber na mais arrojada e

louca das minhas phantasias que por uma visualidade mysteriosa chegava aos que moram alem da campa a representação das coisas minimas da terra, eu supporia que o grande orador tinha acordado agora no seu tumulo de Gaeta, afastado o cobertor de marmore que o cobre ha perto de vinte seculos, e com um sorriso de desdem me enviava esta phrase, nova, fresca, improvisada para mim, que não creio na immortalidade da gloria, *e escrevo o meu nome no livro em que proclámo o desprezo d'ella.*

O padre Henrique póde attestar que sou um dos mais crentes homens d'este seculo, o que não quer dizer que seja muito. Sabe tambem que o estado quasi habitual do meu espirito é de duvida. É o peior estado da alma.

O scepticismo é uma fé; ha nelle uma idéa firme e assentada: a negação positiva, ou a positividade da negação (não sei se o abbade entende isto; a mim, custar-me-ía a entender o que escrevi, se não tivesse no espirito o pensamento que não sei explicar melhor); a duvida é a calmaria do espirito: não tem escarcéus que o abysmem, nem pampeiros que o despedacem; mas tambem não tem uma briza do mar que o leve a um porto, uma bussola que lhe diga o norte, uma voz que commande, um desejo á prôa, um pensamento ao leme. É o estacionar em mar sem vento; é o ranger e aluir-se em vagas mortas.

A duvida é o limbo das almas na estação da vida.

E eu duvido, não a respeito de tudo, mas a respeito

de muito. E não será esta a grande epidemia moral do nosso tempo?

Á fé profunda, e depois fanatica, de outr'ora, succedeu o scepticismo desdenhoso do seculo XVIII. As duas crenças radicaes — a do sim e a do não — encontraram-se, travaram renhida pugna, e, no momento em que a philosophia descrente ía talvez cantar o hymno de uma passageira victoria, cáem por terra attenuados da luta ambos os contendores que se haviam travado braço a braço! Vem para elles a mais absurda tolerancia, que é filha das extremas intolerancias, acha-os sem forças, e une-os em matrimonio sacrilego!

Do qual matrimonio nasceu esta monstruosidade abortiva que se chama «duvida».

Feito assim o *autem genuit*, servindo de diagnostico á moderna epidemia moral, deixe-me dizer-lhe que ha coisas a respeito das quaes eu ainda creio ou descreio positivamente.

Por isso eu lhe dizia que era um dos maiores crentes d'este seculo. Exemplo: *Apesar de escrever o meu nome á frente dos meus livros não creio na immortalidade da gloria litteraria.*

No decimo canto d'este poema ha de ler estes versos:

«Quando tinha esperança, amei a gloria,
sonho o mais seductor da humanidade!
sonho que nos eleva á divindade
no sacro altar do pantheon da historia.

Mas quando vejo o resfolgar vulcanico
das crateras que assopra a sociedade,
e o transmutar de face a quanto existe,
e o vacillar constante da verdade,
e este desmoronar da fragil tenda
que no infinito coube á raça humana,
que dia a dia treme, oscilla, range,
e ameaça abysmar a caravana
ao proximo bramir do cataclysmo,
a mim pergunto então:
—Pois o fragil batel em que boiâmos
no temeroso pelago do abysmo
será nau almirante em que embarcasses
de Deus ao nuto, ó *rei da creação?!*—

. . . .

Vaidade humana, cinge a c'rôa e canta!
pois te acclamas rainha, eia, soberba!
toma o sceptro... de canna, e ascende ao solio...
de lodo, que amassaste!... Ai! o teu erro!
Humanidade, em tua lida acerba
és seria, emquanto és nobre no desterro;
ridicula, subindo ao capitolio.

. . . .

Bem póde ser que breve
o que em ti vive acabe,
ó terra! e fiques erma
soidão nas solidões,
dizendo que és enferma
os ais de teus vulcões!
E ahi tens a *eterna gloria*
que se abysmou!

e a *immensa luz da historia*
que se apagou!

. . . .

E quantos nomes são findos,
e quantos clarões extinctos,
no vortice das eras?
Homem dos futuros lindos,
ó sonhador de chimeras,
subterra a tua vaidade!
risca das folhas da historia,
dos diccionarios da gloria,
o sonho —*immortalidade!*» —

Isto que no seu monologo diz Albano, senti-o eu, e sinto-o ainda.

Um dia Luiz Napoleão, após uma das suas mallogradas tentativas revolucionarias, ouviu ler uma sentença que o condemnava a prisão perpetua; voltou-se para os assistentes e disse-lhes: — «Podeis ter a condescendencia de me dizer quanto tempo dura a perpetuidade em França?» — Pois, a respeito da immortalidade d'estas glorias mundanas, chegam-me agora pruridos de paraphrasear a pergunta do condemnado que pouco tempo depois era imperador dos francezes, e dava beijamão aos seus juizes.

Quantos Homeros haveria antes de Homero?... Perde-se a pergunta no abysmo das olvidadas eras, e nem um echo surde a repetir um nome! Quem sabe já hoje a lingua do cantor da *Iliada?*... Quem saberá amanhã a dos cantores do Lacio? E nós... Findemos aqui

este *memento* da gloria, e deixemos em paz os sonhadores.

Tenho aqui sobre a minha mesa de trabalho a *Divina epopeia,* de Alexandre Soumet. É um livro de hontem; esta edição traz a data de 1841. Haverá seis pessoas em Portugal que tenham lido a *Divina epopeia?* creio que não; lêem-se-lhe menções enthusiasticas nos tratados de litteratura moderna? tambem julgo que não; se até a França parece têl-o esquecido! Pois não conheço poema epico de mais subidos quilates que a *Divina epopeia!* Se a gloria até no ser caprichosa mostra não ser immortal!

O homem é o mais egoista dos animaes, porque pensa em si; é o mais vaidoso, porque se desprende da terra nas azas da imaginação; mas é tambem o mais triste, porque só elle sabe que morre.

As maiores grandezas, os maiores feitos, os maiores nomes da terra, passam, por fatal gradação, da historia á tradição, da tradição á lenda, da lenda ao mytho, do mytho ao esquecimento. A historia considera-os, a tradição illustra-os, a lenda distanceia-os e divinisa-os; o mytho é a declinação do prestigio, a cambiante e indefinida luz do crepusculo que precede a noite do olvido.

Sabe porque o meu nome vae nos meus livros? pela mesma rasão porque os escrevo: para merecer dos meus vizinhos contemporaneos a consideração que se deve ao homem que trabalha. O escriptor, o portuguez principalmente, não póde, que eu saiba, ter outra aspiração.

Dito isto a Cicero, com as reverencias que lhe são devidas, caiamos outra vez em nós.

Resta-me dizer-lhe a ultima e principal rasão porque lhe offereço este livro:

Completo hoje trinta e seis annos; vou pois na idade em que dia a dia se vêem rarear as fileiras d'aquelles a quem demos as nossas affeições. D'aqui ávante declina o sol das alegrias, vão emmudecendo a pouco e pouco as vozes dos nossos coros, começam a apagar-se as luzes do nosso templo, e nos canteiros e pomares, ou que semeámos, ou que vimos crescer e cultivámos, cada nordeste que passa, quando não lasca um tronco, leva uma folha amarella, ou uma flor definhada.

De duas arvores frondosas que nos abrigavam, que eram o orgulho e a gloria da nossa floresta sacra, respeito e veneração de quantos se lhes acercavam, e asylo de quantas penas e pobrezas lhes vinham pedir sombra, uma, não a mais forte, mas a de mais suave ramagem, levou-nol-a um vento frio do outono, sem respeito á viuvez e á orphandade que íam ficar sem consolação. O vasio que entre nós deixou aquelle desapparecimento subitaneo entristece-me e apavora-me. A nós pois, arbustos que nascemos das suas raizes, cumpre estender os ramos, de um lado, por sobre o chão mortuario; do outro, para o tronco viuvo, em volta do qual os nossos braços devem enlaçar-se e fazer muralha contra a intemperie que nos procura.

Já vê porque venho estender-lhe a mão; aceite-a e

segure-a. Quanto mais o destino persiste em me tornar só, roubando-me affeições queridas, mais instinctiva necessidade eu sinto de me prender e de me segurar com ancia ás que me restam.

Duas palavras agora a respeito do poema:

Tinha escripto o *D. Jayme* para a patria, quiz escrever a *Delfina do mal* para a humanidade.

Como era ás penas que me dirigia, tomei a resignação por assumpto.

Pareceu-me que um dos maiores males da humanidade hoje era o desalento, e, como consequencia fatal, a tendencia crescente para o suicidio.

Não considerei o suicidio como crime, nem perante as leis humanas, nem perante os preceitos divinos; tambem o não proclamei fraqueza, nem loucura; deixei tudo isso á esteril declamação dos physiologistas, dos philosophos, dos moralistas e dos canonistas; pareceu-me que o suicida era doente do coração, e dirigi para ali os meus cuidados.

Foi outro dos meus intuitos pôr bem a nu as chagas da miseria, e procurar que a poesia servisse a approximar d'ellas a caridade.

Como accessorios, busquei nos velhos, mas ainda vivedoiros, costumes do nosso paiz, os fundos para os meus quadros e bosquejos. Ahi ha de encontrar, entre outros, as caçadas beirôas, os coros das lavadeiras, as historias de bruxas e lobis-homens, o acalentar ao berço, o soalheiro das velhas, os presentes das camponezas, o serão da aldeia com as suas cantigas ao desafio, emfim, alguma

coisa de bem portuguez do muitissimo que ainda por ahi ha, mercê de Deus. Os costumes de um povo representam uma parte importante da sua nacionalidade, e parece-me que bem faz o que os deixa consignados naquillo que porventura possa viver mais algum anno que a existencia individual. Muita da nossa litteratura, que é illustre, precisava de se fazer mais portugueza.

Aos que censurarem o estylo familiar com que vão escriptos quasi todos os meus versos, tenho que oppor uma das mais valiosas opiniões sobre o assumpto. Nem posso mesmo resistir á tentação de transcrever aqui alguns periodos de Lamartine, que neste momento muito de molde se me deparam no seu *Curso familiar de litteratura:*

«É preciso, diz elle fallando de M. Alexandre, um poeta bretão novo e não conhecido ainda, que o visitava, é preciso que o verso descalce o seu cothurno... é preciso desacostumal-o dos seus passos em tres tempos como os das nossas tragicas no theatro... para o fazer andar em passo natural, *musa pedestris*, segundo a tão justa expressão de Horacio.

«Esta poesia que anda a pé, que se não veste á antiga, que não põe carmim nem alvaiade na cara, que não traz mascaras tragicas nem comicas na mão, mas que tem no rosto a expressão verdadeira dos seus sentimentos e que falla a linguagem familiar, esta poesia que parece uma novidade, porque é a natureza desco-

berta em nossos dias sob os ouropeis da declamação e da rhetorica em verso, será a poesia... em que M. Alexandre parece dever primar... O poema do lar! deve ser tanto mais poetico quanto mais a poesia tem até hoje desprezado estas riquezas de descripção, de sensibilidade, de naturalidade, de paixões suaves... A epopeia da familia!... A Iliada do coração! Que assumpto para quem sabe ver, sentir e amar! —«Oh! se eu não tivesse mais que setenta e cinco annos —escrevia Voltaire passados os oitenta— eu lhes mostraria o que era um poeta.» — Eu digo como Voltaire, quando contemplo a fecundidade de um tal assumpto: —«Ah! se eu não tivesse mais de quarenta annos queria consumir vinte com este poema epico da familia.» —

Isto diz M. de Lamartine, um dos primeiros poetas do mundo.

Tambem eu não sei se terei tempo de escrever outro livro, cultivando sempre, como desejo, este genero de poesia, ou se, quando a vida me sobre, terei paciencia ou vontade que bastem.

Ha, entre outros, um assumpto social que eu muito desejaria ver tratado num poema: é o *duello;* excrescencia degenerada dos santos principios da honra; tribunal que não satisfaz, nem justifica, nem illiba; sentença do acaso; parada de vidas no azar da morte; sangue derramado *por ordem* de uma sociedade que tem justo horror á pena capital e a risca dos seus codigos; e san-

gue derramado inutilmente, porque nem a morte do offendido é reparação para si ou lustração para as torpezas do offensòr, nem a morte do miseravel póde santificar a sua memoria ou recompor as desgraças de que foi causa. Que logica a da sociedade, que se revoluciona contra o principio absurdo da vindicta social como pena, e promove, e incita, e instiga, e determina, a vindicta particular como justiça! Que logica a d'esta sociedade, illustrada e illustre, boa, honrada e sobretudo briosa, que, offerecendo ou retirando a mão, decreta um sacrificio, faz uma victima, e no dia seguinte ao da execução iniqua pretende recusar uma esmola á viuvez e á orphandade, que são obra sua!

E que ha de fazer o homem, ainda o que assim pensa, quando um dia a sorte inexoravel lhe ordenar o sacrificio das suas opiniões e sentimentos? Ou bater-se com o seu adversario, ou lutar com a sociedade! Cruel dilemma que ha poucos dias ainda a cidade de Lisboa encontrou escripto com sangue generoso num dos seus mais formosos suburbios!

José Julio de Oliveira Pinto, homem de profundo talento, de solida instrucção, e sobretudo funccionario de inquebrantavel honradez, viu-se forçado a sacrificar aos pseudo-brios de uma selvageria engommada as suas profundas convicções, e os seus mais acerbos desdens por esta deploravel anomalia das nações cultas; a propor um duello de morte; a tomar duas pistolas nas mãos que nunca souberam manejar outras armas que não fossem

a penna e os livros; e a esconder-se na valla da morte das vaias da sociedade!

E pasma sinceramente a Europa da festa dos *costumes* na côrte de Dahomé!... Estes *costumes* nossos ficarão muito distantes dos da costa da Mina?...

A morte de José Julio foi uma perda nacional. Não tem este paiz tanta sobejidão de illustrações que possa malbaratar existencias como a d'elle.

A poesia tambem tem a sua acção pratica e social; póde ser astro ou raio, alumiar ou fulminar. Da altura do ponto culminante onde vive não olhe só para cima ou para o largo: dirija as suas vistas ao coração dos povos, falle-lhes, eduque-os, melhore-os.

Eu, emquanto podér, trabalharei; conversarei com a minha lyra emquanto nella restar uma corda, e um sentimento em mim. É este o meu prazer e a minha necessidade. Pois que hei de eu fazer se não for isto? A nossa sociedade mesmo não consente que um poeta seja para mais. Inda que o poeta se chame Lamartine, deixa-se morrer pobre e solitario, como um reptil que espreita o sol de Deus nas ruinas de um velho palacio que ninguem quer! Sublime precito do genio! do genio, o mais imperdoavel dos crimes que podem assombrar as mesquinhas individualidades das maiorias omnipotentes! Por isso elle exclama da sua angustiosa solidão:

«Eu bem sei que a inveja e a mediocridade, que tudo querem rebaixar até ao seu nivel, contestam neste se-

culo a possibilidade do equilibrio entre as faculdades do homem de acção e as do homem de pensamento; mas a historia de todos os seculos e de todos os paizes protesta contra este conceito. Moysés, David, na Judéa; Confucio, na China; Mahomet, na Arabia; Solon, Demosthenes, na Grecia; Scipião, Cicero e Cesar, em Roma; Dante e Machiavel, em Florença; vinte homens de estado historicos, a um tempo grandes oradores, grandes escriptores, grandes coragens, attestam a compatibilidade perfeita da acção com o pensamento... Dividir o homem em dois, é querer cabeças sem braços, ou braços sem cabeças... Deixemos pois a inveja e a mediocridade consolarem-se da sua impotencia, mutilando as naturezas generosas; deixemol-as, que serão sempre esmagadas todas as vezes que nascer um homem verdadeiramente grande, e uma posteridade justa para o julgar.»

Homens como Lamartine têem realmente direito de se queixar; comtudo eu mais quizera que elle deixasse esse cuidado ao presente que o admira, e á posteridade que o ha de vingar.

O homem superior obriga as suas lagrimas a voltarem dos olhos ao coração, e não as deixa caír no papel em que escreve; só se as não chora por si.

Não tenho outra ambição mais que a de ser poeta; é uma grande ambição, mas eu confesso-a. Ter os meus *otia tuta* numa quieta mediania, por bem modesta que seja, no meio das agrestes paizagens da nossa Beira.

onde me conhecem algumas arvores plantadas por nossos paes!... Se a sorte me consentisse o que lhe peço, com que suave tristeza eu sentiria cerrarem-se-me os olhos para o meu ultimo somno!

Nesta poetica solidão d'onde lhe escrevo, debaixo do mesmo tecto onde habitou Garrett, cuja sombra veneranda e aureolada vem conversar commigo pelas horas mortas da noite e trazer-me uma ou outra das suas *folhas,* viçosas sempre apesar de *caidas,* eu sinto mais do que nunca a necessidade de fugir da vida publica e voltar ás amenidades da natureza e ás consolações da poesia.

Tenho a dois passos a risonha e ampla bahia de Cascaes, vejo d'aqui o mar a perder-se de vista, e todo constellado de vélas, estrellas cadentes do oceano a cruzarem-se em todas as direcções; vejo das verde-escuras aguas da bahia erguerem-se aqui e alem borbulhões de escuma, como se golphinhos de prata surdissem em rebanhos, e corressem, corressem, sumindo-se de repente, porque outros após elles surdiram e os vem perseguindo ao longe!... Como eu me fico horas preso á melancolia d'aquelle monotono brinquedo, deixando correr a phantasia,

«longe por esse azul dos vastos mares»

até encontrar o céu alem no extremo horisonte!

Como chego a invejar a sorte do pescador aventuroso que ao pôr do sol deixa a praia, murmurando a sua cantiga, do mar e de Deus sómente ouvida, para se ir fundear ao largo, tendo a leste os dois pharoes da barra, a noroeste o de Nossa Senhora da Guia, por cima os pharoes de estrellas! —a providencia que o vigia do céu e da terra.

E quantas vezes não vou eu visitar as fendidas fortalezas que estão atalaiando a bahia desde a cidadella de Cascaes até á torre de S. Julião da Barra, como um collar glorioso de condecorações guerreiras? e quantas não fico em silenciosa contemplação, quando, ao descaír da tarde, me apparece o venerando busto de um veterano sobre o parapeito do seu forte; memoria moribunda da nossa historia guerreira; tendo, por fundo, o mar... que foi nosso; por pedestal, um torreão asseteirado; e, por brazão, o escudo gasto das quinas?....

Mirra-te ahi solitario, pendido goivo das ruinas, e que as auras do mar nos tragam emquanto vecejas os teus aromas de gloria!

Todo este silencio tem vozes para mim e me acorda na alma a poesia melancolica e suave que é todo o meu enleio e delicias. Scismar é a minha sina; o extasis, a minha poesia.

O homem publico é o homem de todos; como ha de elle ser de si?

Meu querido Henrique: se eu verei realisado o meu sonho, e se, no remanso do nosso lar, eu poderei dizer

um dia como M. Alexandre, o poeta querido de Lamartine?:

«Dans ces bois où j'allais écouter l'infini,
Comme l'oiseau chanteur j'ai su bâttir mon nid;
Mon cœur dans le rẹtraite où sa fierté l'enchaine
Repond à d'autres voix qu'à celle du grand chêne,
Et les fleurs du désert, les torrents, le ciel bleu,
Les lacs, ne sont pas seuls à me parler de Dieu:
. . . .
Le portrait de ma mère est là qui nous sourit;
Je sens autour de nous rayonner son esprit;
Durant les entretiens, les jeux de la soirée
Je consulte du cœur cette image adorée,
Sachant bien qu'elle assiste et protège ici-bas
Le père en ses travaux, les fils en leurs ébats!»

Estoril, 1 de julho de 1867.

Thomaz Ribeiro.

A DELFINA DO MAL

INTRODUCÇÃO

Si vales, bene est.
CICERO.

Meu Adelino, os annos d'alegria
que nós passámos nesta pobre terra,
ora em sonhos d'ardente phantasia,
ora a caçar co'os nossos cães na serra,
ora a pescar nas presas do *Pavia*,
ora a talhar do mundo... a paz e a guerra,
saudades te farão de certo, amigo!
Eu tenho immensas d'esse tempo antigo!

Eramos tres, só tres, e essa trindade
valia para nós o mundo inteiro.
Onde existiu mais pura outra amisade?
affecto mais leal? mais verdadeiro?...
Ó aurea juventude! ó mocidade!
ó sonhos d'um passado feiticeiro!
enchei-me o peito vão d'essas memorias,
que valem mais que as ambições de glorias!

Eramos tres; é justo que não fique
na ingrata solidão do negro olvido
o meu pequeno irmão, o nosso Henrique;
assomado, amoravel e querido;
generoso no amor, prompto ao despique;
ora a chorar de pejo, ora aguerrido;
fronte adoravel, fronte aterradora!
semi-selvagem e semi-senhora..

Quando em noites de estio e lua cheia
da fadiga febril nos intervallos
sonhavamos os tres longe da aldeia
amores, e viagens, e regalos,
ao irmos pôr em obra a nossa idéa...
tinhamos magra bolsa e maus cavallos!...
Caíamos dos céus da alta poesia
na mais austera e chã philosophia!

E quando n'alta noite, veladores,
no aposento commum do salão velho,
que não tinha de ornatos e primores
mais que... o forro a caír e um gasto espelho,
deixavamos o leito e os cobertores
para nos agruparmos em conselho!...
Quem nos visse da mal cerrada porta
á luz da lamparina semi-morta,

vira um grupo, formoso, na verdade,
de tres inoffensivos nigromantes;
pés nus, com patriarchal simplicidade:
lençoes, fingindo mantos roçagantes!...
Ai! sorrira-se ao ver a mocidade
pintada nos imberbes tres semblantes
dos mais serios assumptos decidir:
Deus, caça, gloria, amor, pesca e porvir!

Lembram-me os teus amores tão violentos;
paixões malbaratadas tão sem tino!
tuas noites de insomnias e tormentos
maldizendo o teu ser e o teu destino!
e só porque os teus olhos tão ciumentos
viram... o que não viram, Adelino!...
Hoje tu proprio ris do que então era!...
Ai! quem nos dera a febre e a primavera!

As montanhas da *Vide*, as da *Laceira*,
o *Monteiral*, o *Crasto*, a *Domindinho*,
a *Castainça*, as lombas da *Ortigueira*,
a *Labor do cordeiro*, o *Salgueirinho*,
a *Leira das meninas*, a *Regueira*,
a *Faifa*, a *Corredoira*, o *Pe-pedrinho*,
já não sabem d'alegres vozerias,
do estrondo festival das montarias!

Tudo lá vae, tudo morreu! A esp'rança
era sonhos, mas bellos, Adelino!
Pena quem muito anhela e pouco alcança,
mas gosa mais que o preso o peregrino;
tem, podre calma, aspecto de bonança.
Não é porque eu lamente o meu destino,
mas só digo embalado entre carinhos:
—Quem me dera o passado e os seus espinhos!

Tres loucos nos chamava a turba austera
de mulheres de bem, d'homens prudentes,
que sempre estão da vizinhança á espera
de censurar amigos e parentes;
e nós riamos d'isso! a primavera
não teme as intemperies inclementes!
nunca invejámos, nunca, a taes creaturas,
nem alma, nem juizo, nem venturas.

Tudo acabou; o tempo avaro e frio
as flores nos levou da mocidade!
eis-nos da vida no encalmado estio;
distantes, porém ricos... de saudade;
queimada a mente; o coração vasio;
eu, deputado; tu, auctoridade;
o nosso Henrique, abbade austero e serio,
amparo de seu pae num presbyterio.

Olha o correr do mundo e o das venturas!
olha o mudar dos tempos e dos annos!
olha o paiz dos sonhos e loucuras,
como o doira a saudade e os desenganos,
agora que da vida nas agruras
colhemos da experiencia os dons e os damnos,
e de braços cruzados sobre o peito
já temos seria a fronte e triste o aspeito!

Não somos velhos, não! mas, como os velhos,
apraz-nos já fallar d'antigos feitos;
ninguem nos pede adagios, nem conselhos,
mas já vamos a elles sendo atreitos.
Memorias são os unicos espelhos
a que os velhos se miram satisfeitos;
imitemol-os, pois: escuta, amigo,
vou-te fallar do nosso tempo antigo.

Noites de inverno e noites de uma aldeia
só passadas em torno da lareira:
ao pé do velador e da candeia
muita fresca aldeana fiandeira;
e depois de comida a alegre ceia,
e de arrumada a loiça e a cantareira,
muitos contos ao lar; muitas cantigas!
Oh! como se está bem com raparigas!...

Senta-se no seu throno de monarcha
—velha, nobre cadeira de pau santo—
o chefe da familia, o patriarcha!
differe... em ter capote em vez de manto;
conchega-se alem mais na borda da arca
o engelhado hortelão mettido ao canto,
afagando no collo um nedio gato,
contando historias e enxugando o fato.

Se te agrada este quadro, e se desejas
fallar do que lá vae, num lar amigo,
deixa o concelho e a casa; oh! não, não sejas
preguiçoso esta vez: vem ter commigo
á habitação de paz que tanto invejas,—
ao nosso franco, abbacial abrigo;
bem sabes que a nós dois, para a *trindade*,
falta o *padre!* busquemos pois o *abbade*.

Eis completo o *mysterio:* eis-nos reunidos
na velha residencia de *Silgueiros.*
Uivam lá fóra os lugubres mugidos
do vento, dos caudaes, dos aguaceiros,
mas reina a paz no lar. Almas e ouvidos
para mim sejam só, meus companheiros!
Da *Delfina do mal* guardaes memoria?
Preparae-lhe uma esmola, e ouvi-lhe a historia.

CANTO I

A CAÇADA

CANTO I

A CAÇADA

Tremei, gandaras e montes!
ó feras, fugi! fugi!
A. F. de Castilho.

Não têm leões temerosos,
nem tigres crueis, as Beiras:
raros javardos cerdosos,
veados, corças ligeiras,
repastam nos seus montados;
mas têm por milhões contados
pardos coelhos medrosos
e perdizes chocalheiras;
têm nos valles paludosos

patos; lebres, nas clareiras;
e nos sêrros pedregosos
quantas raposas matreiras!
Nada mais... ou pouco mais;
mas se para altas memorias
de soalheiro e serões
nos faltam tigres reaes
e carrancas de leões,
como têm os orientaes
em romanescas historias,
isto dá fastos e glorias
aos caçadores beirões!

O caçador é selvagem,
solitario rei das brenhas;
o mato, os sêrros, as penhas,
são seu mundo e paraiso;
nunca repara que a aragem
lhe traz um canto divino!
que a aurora lhe manda um riso!
que um rouxinol na ramagem
lhe está modilhando um hymno!
nunca os seus passos retarda
o enlevo d'uma paizagem!
nunca descança, nem cança!
tem um amor—a matança!
tem um encanto—a espingarda!
uma familia—os seus cães!

Não lhe encareçam na terra
outro paiz mais que a serra,
outra ventura, outros bens!

Matar o que é fraco e foge,
ou geme ferido ou preso!
triste vivente indefeso,
que tem seus filhos e amores!
que tem as pedras por cama;
por mantimento, umas flores;
por coberta, humilde rama;
rara cova em que se aloje,
e em que elle se alberga hoje
para fugir ámanhã!
Caçadores do occidente!
e arvoraes vaidosamente
trophéus d'uma gloria vã?!

Que vem roubar-vos á horta
o coelho cauteloso?
um pobre talo mimoso...
uma herva apenas vos corta!
Que furta a perdiz da encosta?
um grão de trigo ou cevada,
que ao segador nada importa
porque o deixou na resteva,
ou que a leiva mal composta
não quiz cobrir na vessada;

ahi tendes o que vos leva!
tristes miserias d'um nada!

E só por isto, insensatos,
farejaes de vall' em vall'
o rasto, a penna, a pennugem,
que ficou presa nos matos?
genios selvagens do mal!
por isto os tiros estrugem
os maninhos e os reguengos,
e os echos dos arredores
repetem de serra em serra
brados de dez caçadores,
latidos de cem podengos?!...
Grande gloria em grande guerra!

Por isto roubaes a vida
a quem Deus a concedêra?
aos solitarios dos montes,
que sonham junto das fontes,
e brincam co'a primavera!
que são as glorias do prado!
as alegrias da selva!
que sabem fallar co'as flores,
e acarinhar seus amores
sobre tapetes de relva!?

Por isto... não é, de certo!

que fôra a vingança estulta,
vergonha da Europa culta,
gloria aos leões do deserto!

Como descêra na escala
o velho mundo, que ousava
fallar dos tigres de Java,
das pantheras de Bengala...
Ahi tendes caça formosa!
eia, valentes! ás feras!
caça aos tigres e ás pantheras!
Quando a fome negra os rala,
todo o bosque ondeia e estala,
como se horda de gigantes
lhe mettesse hombros possantes.
Uivando sinistras vozes,
trava-se combate horrendo
entre hecatombes ferozes!
vende-se vida por vida!
silvam-se injurias estranhas!
cada garra contraída
traz restos quentes d'entranhas!

Esta luta, sim! dá gloria,
e ha trophéus no desbarate!
não é de açougue!—é combate!
não é matança!—é victoria!

Em honra á nossa pujança
e aos nossos feitos valentes,
não matâmos fracos entes
por gloria, nem por vingança.

Negro instincto carniceiro,
que cheira a escravos e a feras,
já nos vem d'antigas eras,
e faz — o hespanhol, toireiro,
e o portuguez, caçador;
o inoffensivo carreiro,
algoz dos seus mansos bois,
e carniceiro, o pastor.
Inda corre em nossas veias
sangue desencadeado
das raças crueis de heroes.

Vem-nos dos circos de Roma
os instinctos sanguinarios;
dos crescentes de Mafoma,
e das phalanges do norte;
vem dos elmos dos templarios,
filhos de Christo e Mavorte!
de tantos frades guerreiros
de lanças e breviarios,
de matinas e batalhas,
cujo mosteiro... era um forte
de oratorios e muralhas!

. . . .

. . . .

Inda os reis usam de espadas!...
nem que os povos fossem feras!...
Emblemas da tyrannia!
herança da barbaria!
maculas de longas eras,
que inda o manso christianismo
não conseguiu ver lavadas
nas aguas do seu baptismo!

Vae nos montes da *Vide* e da *Ortigueira*
o estrondear festivo da caçada.
Robustos e gentis filhos da Beira,
d'olhos de fogo vivo e tez crestada!
de dia, açoites dos altivos montes,
á noite, orgulho, em salas e serões,
das beirôas travêssas!
correi, filhos dos largos horisontes!
voae de sêrro em sêrro! eia, beirões!
hoje o dia é feliz: já cem cabeças
vos pendem dos sangrentos cinturões.
Bradae, bradae aos cães; o brado estruge
pelos concavos seios da montanha;
em baixo, o rio brama, chora e muge

em catadupas mil.
Quando um tiro resoa, ouvem-lhe a sanha
os pacificos echos dos algares,
e lá vão acordar, rasgando os ares,
as amplas, magestosas solidões.

Serpeia, sulca os matos a matilha
arquejante, febril,
como um jacto de raios sulca os ares,
quando as nuvens d'abril
rebentam em trovões!
Ó delirio! ó caçada! ó meus beirões!

Olhae! vêde os meus guapos caçadores;
vêde-os na faina; vêde-os na canceira!
a matilha anda accesa,
tudo é tiros, latidos e clamores!
Um, lá traça a espingarda em bandoleira
para descer á cova onde o coelho
entrou *furtado*
a fugir da matilha e do silvado.
Outro, co'a ponta da arma o tojo arreda,
para seguir de perto em linha incerta,
mastim que vae latindo na vereda
de coelho fugido; e attento, e alerta,
ora corre veloz... ora se esconde
e pára!... e escuta!... e se levanta!... e grita!...
late de novo o cão? retoma a trilha!

vôa de sêrro em sêrro e o braço agita,
chamando os companheiros e a matilha.

Um tiro parte... errou!... segundo tiro!...
mais um!... mais dois!... prorompem os clamores
dos echos, dos mastins, dos caçadores,
pela immensa amplidão dos horisontes,
como se um furacão minasse os montes!

—«Abaixo, cães! *Leão! Raio! Vampiro!*»
(e á voz seguia o silvo do assobio)
—«Lá desce encosta abaixo! *Aguia! Vulcano!*»
—«Toma a vinha!»
—«Lá vae direito ao rio!»
—«Albano! vae ferido! atira, Albano!
aponta! mede-o bem!»
Ouviu-se um tiro,
e tudo se calou. Após momentos
ouviu-se alguem dizer:
—«Dá cá, *Vampiro.*»

Chegára a turba alegre ao pé d'Albano,
que olhava para todos triste e absorto.

—«Poeta, aceita os nossos comprimentos.
Sem querer offender-te, ha mais d'um anno
que não matas coelho tão bem morto.»
—«Creio que não, Ricardo.»

—«Mesmo agora,
pois minha lingua o manda, e é meu destino
quanto sei revelar-te e quanto sinto,
temi que lhe atirasses, em má hora,
em vez d'um tiro, um verso alexandrino,
que, embora regular nos hemistichios,
te não desse o prazer... de o pôr ao cinto.»
—«Pois vê como te enganas, fallador;
ao ver como dos cães vinha acossado,
fôra por mim este coelho errado,
se não fosse um poeta o caçador.»
—«Então, para o remate d'uma estrophe
querias esta rima?»
—«Certamente.»
—«Qual era o teu assumpto?»
—«A humanidade.»
—«O theatro da scena?»
—«Alem!»
—«A *Ucha?!*»
—«Justamente.»
—«O teu heroe?»
—«A pobre da *Sagucha.*»
—«Ora até que entendi! e isto consola,
comprehender-te a final:
este coelho vael-o dar de esmola
á *Delfina do mal.*
Olha se vês a filha, e aponta um verso
aos seus olhos crueis e matadores.

Ó poeta! poeta!... és um perverso!
Adeus! vou-me reunir aos caçadores.»

Ricardo, o fallador, julgae-o embora... um louco;
mas não, não lhe negueis o amor, a compaixão;
quanta palavra insonte apenas mancha os labios,
e nem da mente vem, nem vem do coração?

Ricardo partiu, e Albano
sobre o rochedo ficou;
ía afastar-se *Vampiro*,
mas olhou, viu-o, voltou.
Sobre o cano da espingarda,
que inda quente fumegava,
Albano o braço poisou.
Scismava...

Com seu olhar triste e fundo,
vago, inquieto, vagabundo,
se via a Ucha, tremia;
se olhava o monte fronteiro
e em baixo o rio palreiro,
sorria, tão contrafeito,
como quem disfarça o pranto;
se o fitava no infinito,
nos labios prendia um grito
que lhe fugia do peito.

Tirou do seio uma carta,
e era de ver com que horror,
tremendo, a lia e relia,
e murmurava:
—«Não tarda!...
pobre Antonio! desertor!
manchaste a bandeira e a farda!...
Ai! triste, triste Maria!
que desventurado amor!»

Porque olhava tanto Albano,
cabana, céu, rio e monte?
que procurava, ou que via,
que tanto ali se prendia?

Na choça via uma velha
de mãos e pés mutilados
sentada numas cobertas,
como o vestido, andrajosas!
os olhos, de sangue orlados!
os pés, com chagas abertas!
as mãos... de costras nojosas!

E chama a gente impiedosa
(ha de tudo em Portugal!)
á solitaria da Ucha,
por medo—a *Mulher do mal*,
e por alcunha—*Sagucha!*

A pobresinha é leprosa.

Via na encosta defronte
um longo atalho deserto
que se recurva no monte
entre os rochedos aberto,
e se ennovela, e desdobra,
'té se perder no horisonte;
e pareceu-lhe que via
as roscas de immensa cobra.

Cuidou ver... e viu de certo,
lá bem no cume do oiteiro,
sob a rama d'um pinheiro,
sinistro um vulto encoberto.

Seria um lobo esfaimado,
espreitando traiçoeiro
tenra cordeira, ou cordeiro,
que andasse ali tresmalhado?

Seria bandido açor
que, escondido a testemunhas,
sobre os rochedos da lomba
aguçasse as curvas unhas
para roubar uma pomba?!...

Era Antonio, o desertor.

Via no rio uma presa,
em que as aguas saltitantes
descançavam entancadas,
remanso de curtas horas,
somno de breves instantes,
para caírem canoras
em revoltosa cascata
d'aljofares e brilhantes
sobre o seu leito quieto.
Como um rancho de princezas
saíndo nuas do banho,
que sentem rumor estranho
de viração ou de insecto,
e fogem do espelho liso,
que no seu seio as retrata,
entre harmonias de riso
para os seus leitos de prata.

Via sobre as mansas aguas
espêsso toldo sombrio
de loiros, que inspiram brio,
de chorões, que choram maguas.

Ambas as margens franjadas
de junça, e de murtinheira
que se carrega de ninhos,
e que dá flores ás tranças
da pastora cantadeira.

e aos peixes da ribanceira
retintos, negros murtinhos.

Pavilhão regio, onde o rio
pára um momento, sereno,
a descançar da viagem;
oásis ledo, fresco, ameno,
quebrando o aspecto sombrio
da parda, agreste paizagem.

Sob as franças da ramagem,
grato repouso das brizas,
um eito de pedras lisas,
onde treze lavadeiras,
ajoelhadas na folhagem,
batem as alvas camisas,
longos lençoes de paninho,
gravatas, meias, e anaguas
com entre-abertos e rendas,
colletes finos de linho...
tudo, emfim; aquellas aguas
que digam todas as prendas
de cada moça aldeana
que hão de ser vistas na festa
e procissão de Sant'Anna!
Todas, não; cada uma d'ellas
tem dentro da arca dobrado
lenço do trinque engommado,

ou de seda ou de cambraia,
que só ha de ser botado
por cima da nova saia.

Todas riem, todas cantam,
uma só canta e não ri!
todas têm luxos que espantam,
só ella os não tem ali!

É bella! a face, morena;
o seio, a arfar d'anciedade,
não diz remorso, diz pena,
que póde bem ser—saudade.

Tem olhos negros e nobres;
mas rotos, miseros trajos!
Parece a pobre entre as pobres;
geme, canta e lava andrajos.

Sobre as faces maceradas
volita um rir de quem geme;
nas roxas mãos enrugadas
só farrapos lava e espreme.

Ai!... mas lava noutras aguas!
em presa estreita e mais funda!
Não querem folhos e anaguas
contacto de roupa immunda;

e é toda a sua barrela
de parches e ligaduras!..
Quando Deus a fez tão bella
porque lhe não deu venturas?!

E todas rindo e cantando,
só ella a cantar... sem rir!...
E Albano absorto escutando!...
Vamos as coplas ouvir:

Côro de lavadeiras

—«Batei, lavadeiras! cantae, raparigas!
que a vida tem risos, a lida, condão;
os prados têm relvas, as rocas, estrigas;
de dia, as barrelas, de noite, o serão!»

Maria

—«Eu no céu tenho uma estrella,
na terra, uma sombra:—a dor.
Diz-me o rio que sou bella,
teima que não cada flor.»

Côro de lavadeiras

—«Batei, raparigas, que o linho é de neve,
de cantos, a aldeia, d'amores, o lar!
Saudades e penas, o rio que as leve!
Cantar como as aves! viver é cantar.»

Maria

— «Numa tarde bem formosa
Deus meu berço visitou;
mandou-me ser desditosa!...
a Virgem viu-me e chorou!»

Côro de lavadeiras

— «Lavae, lavadeiras! a festa não tarda!
que danças, que abraços a festa nos traz!
que valem as furias da mãe que nos guarda
dos olhos travessos de muito rapaz?!»

Maria

— «Pedi ao prado uma rosa,
o prado a rosa me deu;
feriu-me os dedos raivosa
e de offendida morreu.»

Côro de lavadeiras

— «Batei, raparigas, colletes e anaguas!
quebrae-me essas pedras, que são de cristal.
Sois filhas mimosas do sol e das aguas,
e irmãs d'umas flores que nascem no vall'.»

Maria

— «Pedi a Deus na amargura
um affecto igual aos meus!...

Quem não póde ter ventura,
pedindo-a, entristece a Deus.»

Eis o que, attento e mudo, Albano ouvia e via;
gemidos entre o riso; entre a alegria, a dor!
tal em vergel florido, e á luz do meio dia,
corroe nojoso verme o calix d'uma flor!

Quereis saber o nome áquella desditosa
que só farrapos lava e só andrajos tem?
Maria da Sagucha! é filha da leprosa!
esp'rança, amor, bordão, que ampara a pobre mãe.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Quando Albano olhava os céus,
patria de eterna bonança,
junto á virgem via Deus,
o amor e o poder—a esp'rança.

Ía longe a montaria;
apenas de espaço a espaço
vinham quebrar-se na encosta

os echos da vozeria.
Vampiro erguia a cabeça,
e via seu dono absorto!
d'um lado, uma arma vasia;
e do outro, um coelho morto.

E os esplendores da tarde
iam já deixando a terra;
ao longe o sino da aldeia
repicava: Ave Maria!
Surgia, pallida e bella,
do nascente a lua cheia
sobre os penhascos da Estrella!

Absorto em lutas estranhas
á voz do sino acordou
o scismador das montanhas,
e descobriu-se, e rezou.

Pouco tempo depois, noite fechada,
entrou, saltando, a porta da cabana,
venturosa, risonha, altiva, ufana,
a filha da Sagucha:

—«Mãe! mãe! se tu soubesses a ventura
que venho annunciar-te,
ó minha mãe! havias de alegrar-te.

Aqui fóra, aqui mesmo ao pé da Ucha,
deu-me o senhor Albano este coelho
tão grande, gordo e velho,
que dá para um banquete de princeza.»
—«Oh! sim?! deixa-m'o ver!»
—«Tem mais d'um anno;
vaes ver; tenho a candeia quasi accesa...
Olha!»
—«Tudo é por Deus! bem haja Albano!»
—«Bem haja! Escuta o resto: Alem, defronte,
vinha descendo agora para o rio
um vulto de rapaz;
parei, parou!... tremi! O vulto... O monte,
mesmo com ter luar, era sombrio.
Julguei que um lenço branco me acenava!
fugi, contente e a rir, mas sem que atraz
volvesse os olhos mais; ria e chorava!...
que medo e que alegria!
Quando o senhor Albano achei lá fóra,
dei um grito e corei, como se um crime
houvesse commettido!...
—Boas noites, senhor!— e ao dizer isto
soluçava e tremia!
—Boas noites, Maria.—
Depois disse-me triste e commovido:
—A voz do coração não se reprime.
Nem sempre um anjo bom vence o demonio!
Leva esta esmola a tua mãe. Adeus.

Sabes quem vem descendo aquelle oiteiro?—
Tremi...
—Não conheceste acaso Antonio?—
Tinha-m'o dito o coração primeiro!
—Conheci— disse. E agradeci aos céus!»

—«Ó filha, abraça-me, filha!
Viste-o? é elle? viste-o bem?
Compõe-me o lenço, a mantilha,
quero agradar-lhe tambem.

Varre a casa, accende o lume,
e vae fazer-te uma flor.
Olha, o ingrato nem presume
que nos deve tanto amor!

Ai! o teu lenço tão velho!...
Tens os pés roxos e nus!
Alisa o cabello ao espelho...
É tão mortiça esta luz!..

Bem hajas, Virgem! Senhora
do mar, da terra e dos céus!
tenho dois filhos agora!...
Seja pelo amor de Deus!»

Emquanto esta alegria a choça povoava,
emquanto o pobre lar saudava o firmamento,

á branca luz da lua Albano assim fallava,
pallido, a meia voz, e Antonio ouvia attento:

—«Puro amor te espera, Antonio,
em dois peitos que são teus;
e na alma que se abre a Deus
não deve entrar o demonio.

A pobre velha, tu vês,
se lhe roubassem Maria,
de fome e sêde morria,
que já não tem mãos nem pés.

Se tal for tua maldade,
á triste Mulher do mal
crava no seio um punhal!
Sê ladrão, mas tem piedade!»

—«Porque me insultaes, senhor?
ha crime em querel-a e amal-a?
Sabeis que vou desposal-a,
sabeis...»
—«Sei que és desertor.

Já vês que as muitas cautelas
não serão de mais aqui;
toma conta! olha por ti...
que eu hei de velar por ellas.»

CANTO II
A UCHA

CANTO II

A UCHA

Quomodo sedet sola!...
JEREM.

Beirões! é justo que saiaes das terras
que vos viram nascer, e é tempo agora:
o sol d'outono esplende e se namora
nas doiradas folhagens d'estas serras
e nas aguas do rio transparente
que murmura entre as vinhas e se escoa
de cachões em cachões;
a estrada é larga e bella! Eia, beirões!
á travêssa Coimbra! á grã Lisboa!

Já não ha que temer
de serras e bandidos;
Vizeu, sae d'esses muros denegridos
que te deu Viriato! O açoite echoa;
os cavallos contorcem-se engatados;
o conductor espera... Eia, morgados!

Sus, sus, formosas filhas do Pavia,
que sois chamadas —bellas— por tão longe!
vinde todas! é grata a romaria!
Só, vive o crime, o desditoso e o monge.

A Coimbra! a Coimbra! a estrada é bella!
que pittorescas regiões serpeia!
d'um lado, o Caramulo; do outro, a Estrella;
e defronte, o Bussaco, o solitario
altar de Deus e tumulo da França,
que no silencio e na mudez descança;
que esconde no seu bosque o seu mosteiro
deserto, aberto, vão! como o sacrario
d'onde roubaram vaso e pão sagrado.
Tal guarda o amor na ausencia uma alma terna;
tal guarda o cão fiel sepulchro amado.

Sobre as cristas da Estrella, a neve eterna;
no Caramulo negro, o eterno fumo.
Ali, relvas, rebanhos, pegureiros,
fallam de Braz Garcia e Viriato;

aqui, de cada oiteiro erguido a prumo,
serranos, caçadores, carvoeiros,
mostram aos pés do sêrro escuro e ingrato
o florido pomar dos seus Besteiros!

De toda a parte a magestade, a gloria,
que se aprende nas folhas d'uma historia,
que ao neto ensina o avô; ao rio, a fonte;
que, se esquecer ao plaino, lembra ao monte.

No meio d'este abraço de gigante
que cerram as montanhas do horisonte,
de passo a passo o variar constante
de hortas, jardins, florestas e pomares,
horisontes, e climas, e estações,
terrenos, perspectivas, aguas e ares,
e as mudanças de trajes, de linguagem,
de caracter, costumes, condições,
prestam vivos esmaltes á paizagem.

Chegando junto á ponte da Ortigueira,
demorae-vos um pouco, viandantes,
na solitaria ponte;
refrescae-vos nas aguas d'essa fonte,
e descançae á sombra feiticeira
de seus myrtos, roseiras e chorões,
que tendes de subir longa ladeira.

Subi. Achaes no solitario monte
uma choça de taboas triste e pobre,
e nella, ou junto d'ella, o cantoneiro.
E, se olhardes d'ali para defronte,
rio abaixo, vereis que se descobre
no fundo, na raiz d'ingreme oiteiro,
em profunda garganta de montanhas
onde o rio passou, minando um sêrro,
outra mais pobre choça... antes —caverna!—
de rocha negra e tecto de colmeiro.

Uma noite fatal, nesse desterro,
fabricaram os genios da vingança
essa masmorra, esse infernal encerro,
onde o não visse Deus, o mundo, a esp'rança!
lançaram fogo em torno ao bosque e ao mato,
arrancaram a hervinha da ladeira,
para que o solo nu, crestado, ingrato,
afugentasse a moça cantadeira
e os pastores! mas Deus, que tudo vê,
por indignado, semeou-lhe ao pé
a mais viçosa e fresca laranjeira!

Rara vez, rara noite, um fumo tenue,
bafo, signal de vida em casal ermo,
sae, quebra e se condensa em torno á choça!
tal como um véu de crepe enluta e encobre
um rosto macerado e um seio enfermo.

Ali não soa um echo! um riso! um ai!
nem blasfemia, nem prece!
O sol, o pae dos pobres, se ali dece,
quasi sempre nublado e mal distincto,
vê, alumia, chora!... não aquece
a mudez tumular d'este recinto.

Aqui tendes a *Ucha*.

Ha já dois mezes
que passaram as festas de Sant'Anna;
todos folgaram muito! oh! quantas vezes
se falla inda nas festas!... A cabana...
o esquife da leprosa, esse faz dó!
roubou-lhe... tudo! tudo! um desertor!
roubou-lhe a filha, o seu amparo e amor!
e a leprosa ficou... mais morta!—só.
Eis porque este silencio tão gelado!
este luto que ensombra o monte e o prado!
esta dor sem chorar que faz horror!

Sentada entre a porta aberta,
á branda restea furtiva
do pallido sol d'outono,
vê-se a leprosa Delfina...
entre dormente e desperta,
entre a insomnia, o sonho e o somno.

Uma vez, a face inclina
para sobre os seus joelhos,
outra, a levanta e murmura,
e entre-abre os olhos vermelhos...
....
....

Deus, que horror! ai! como a lepra
corroe, come, encrusta, enruga,
cutis que foi tão formosa!
como absorve, como enxuga
a seiva d'uns labios bellos!
e como cresta e cobreia
faces que foram de rosa,
e amarellece os cabellos!
e como retorce, esmaga,
e devora lentamente
dos pés e das mãos os dedos,
essa escondida serpente,
sem lhes abrir uma chaga!
e amortece uns olhos ledos
dentro d'essa orla de fogo
que nas pupillas reluz
e que as palpebras inflamma!
carvão ardente sem chamma!
ferro candente sem luz!...
....
E após estragos enormes,

à victima consumida,
para horror da natureza,
deixa... fragmentos informes,
de braços, que não têm vida!
de pés, que não têm firmeza!

....
....
....
....

Mal atado na cabeça
sobre o revolto cabello
tem velho lenço de seda
que o fumo fez amarello.

Aos hombros... Onde ha pincel
que possa pintar seus trajos?!
capoteira... de... burel...
de pellucia... de bocados!
disforme andrajo d'andrajos!
e todos dilacerados,
vis, esqualidos, pendentes!
porque o monstro da miseria
tem fome, e garras, e dentes.

Tem, a guardar-lhe uma chaga
d'um calcanhar todo em sangue

que se queimára na chamma,
um pé de meia, tão velho,
que se deslaça e destrama,
e nem lhe agasalha o artelho.

Queima-se muito a leprosa!
o lume come-a!... que importa?
acha uma chaga horrorosa
e sorri!... se a carne é morta!...

A saia..........................
......Quem me diz de que era a saia
que mal cobria essa nudez nojosa?
era seda, ou burel? pano, ou cambraia?
era verde? era negra? azul? ou rosa?...
Era tudo!... era nada!
Era um traje de mascara andrajosa,
representando a sorte amaldiçoada.
Era prece e blasfemia! arranco e praga!
legenda escripta em mysteriosa lingua,
plangente e vaga,
em mil varios papeis com varia tinta!
pregão extremo de quem morre á mingua!
arremedo phantastico e eloquente
dos espelhos do intimo,
quando a voz da consciencia austera e seria
a alma convida a contas e a conselho!
A saia era a eloquencia da miseria!

A saia era a consciencia!
ali, cada remendo era um espelho
a que a fatua excellencia,
a ignara sociedade,
podia ver o rosto seu disforme
e tremer da verdade!
A saia... Era um poema
aquelle andrajo enorme!
farda de gala e dó
dos corpos da indigencia!
o =*benedictum nomen Dei*= de Job!
o =*Mane—Thesel—Phares*= da opulencia!
A saia era um brasão
a retratar no escudo esquartelado
as guerras, os trabalhos, a nobreza
d'uma grande nação...
da maior das nações! povo emigrado,
que se chama *pobreza!*
nomada, cuja patria é o mundo todo!
párea da sociedade, cuja mesa
são as pedras da rua! e a cama—o lodo!
A saia era um pendão
que a desgraça hasteava alto, bem alto,
ao pé das fatuidades da grandeza,
para seu vilipendio e seu baldão.

....
....

A saia pois que a veste
é a alva do precito;
tem cheiro a funeral
e lembra o sambenito.

Eis a *Delfina do mal*,
sentada entre a porta aberta
á branda restea furtiva
do pallido sol d'outono,
entre dormente e desperta,
entre a insomnia, o sonho e o somno.

Vêde-a... Ó Deus! que sonho a agita?
que pensamento a persegue?
Agora, um espectro evita!
logo, a funda magua entregue,
a soluçar tristemente,
immerge em lethal quebranto,
e deixa pender a frente!
e deixa correr o pranto!

....

Murmura!...

....

Ouvi-a:

—«Ai! se inda me vivesse o meu querido Bento,
seria o meu amparo! o meu bordão seria!
O filho da minh'alma, ouvindo o meu lamento,

viria soccorrer-me! Embora tu, Maria,
cega por amor impuro...
indigno amor!
me deixasses, sem cuidares
dos meus pezares,
da minha dor!

Deixa-se assim quem nos cria
entre beijos e caricias,
que são na terra as primicias
do amor celeste?!...
Olha para ti, Maria!
que me mataste!
que te perdeste!...

Foge, Antonio! longe, ai! longe!...
....
Deixarem a morta em vida
neste sepulchro escondida!
só!... tão só co'a sua magua!
sem pensares, tu, Maria,
que tua mãe não podia,
neste paiz tão alpestre,
colher um fructo silvestre,
encher uma bilha de agua!

....
....

Querer fallar, e assustar-me
o accento da minha voz!
Querer andar, e arrastar-me
como a serpente na brenha!
Ver a dois passos o mato,
sem ter um feixe de lenha!...

Ai, Maria!
ninguem no mundo presume
quanto, em noite humida e fria,
me doe chegar-me á lareira,
sem ter quem me accenda o lume.

....
....

Só tu, Deus, Senhor, que habitas
o teu céu azul sem termo,
lanças vistas de bondade
ás solidões do meu ermo!

Só tu me guardas do vento,
me abrigas da tempestade,
e, por mão da caridade,
me dás conforto e sustento.»

....
....

Que dor aquella! que martyrio intenso,
curtido assim, na solidão! no olvido!...
Que mudo pranto num pragal caído
não brota a flux d'um coração de mãe!...
E o tempo corre no seu carro immenso!
o outono, o estio, a primavera, o inverno,
hão de volver-se no seu giro eterno,
e... ninguem hoje?!... inda ámanhã ninguem?!...

Dizem que o Aljube tem sinistras vozes,
miasmas, vermes, maldições e pragas;
que lembra o inferno esse tinir das bragas
contra os lagedos da prisão sem luz;
que ha monstros lá, como os leões, ferozes,
que têm na fronte a maldição accesa,
e saturnaes em cuja ascosa mesa
Satan se invoca, e se maldiz a cruz!

Job, sim, foi martyr, que se viu mirrado!
chagas no corpo, mil angustias n'alma!
teceu-lhe a c'roa do martyrio, a calma
com que da vida via abrir-se o nó!
Tem o que morre um só lençol gelado,
silencio e vermes no ignorado abrigo,
onde lhe furta o soluçar do amigo
campa chumbada entre o pó vivo e o pó!

Mas á masmorra tenebrosa, immunda,

onde se roja acorrentado o crime,
entre as blasfemias com que a dor se exprime
d'esp'rança um raio muita vez sorri!
e aqui, a presa da soidão profunda
despende a vida em cada nova chaga!...
Da luz da lampa que se agita e apaga,
os raios sobem!... nenhum volta aqui!

De Job o nome inda é fanal de gloria
aos que padecem neste vall' d'horrores!
ai! perdeu tudo entre miseria e dores:
filhos, esposa, bens, saude e irmãos!
mas se disforme nol-o pinta a historia,
Deus, apiedado ante esse horror profundo,
para limpeza do seu corpo immundo,
deu-lhe um tijolo e conservou-lhe as mãos!

Se é muda a campa, e negro olvido a ensombra,
o que descança no mysterio enorme
não vê, não sente, não tem pena,—dorme!
que a fria lousa que nos causa horror
presta, aos que choram, protectora sombra,
e aos desgraçados, festival bonança!
mas ver-se morta para toda a esp'rança,
e achar-se viva para tanta dor!...

. . . .
. . . .

Olhos que tendes lagrimas
diante d'essa cruz,
aquellas dores sevas
que vêdes, ai! compungem-vos!
deixae aquellas trevas!
voltae-vos para a luz!

Entre os giestaes da Laceira,
juntando ramos e lenha,
vão e vem dois pequenitos
tão gordos e tão bonitos,
que vel-os andar faz gosto.

Dez annos tem Rosalina;
doze terá Seraphim;
ambos irmãos.
A menina
tem mais esmalte no rosto
e mais meiguice, que, emfim...
sempre é rapariga.
O irmão
é mais robusto; podéra!
por isso Deus o fez homem.
E tem força em cada mão...
ira e raivitas, de fera!

Se em lutas de braço a braço
por ora fica vencido,
deixem-m'o ser mais crescido,
e, se podérem, que o domem.
Heis de ver o heroe d'então!

Vê-se ali mesmo no monte
como elle se impõe á irmã,
guia, guarda e valentão!

Quando a debil Rosalina
tenta destroncar da urgueira
algum rebentão mais grosso,
luta embalde purpurina
de porfia e de canceira;
e vae sentar-se por fim,
triste de ser pequenina.
Depois resigna-se, e a medo
pede auxilio:
— «Seraphim!
vem ajudar-me! não posso
arrancar este gravanço;
não quebra, não dobra,
por mais que me canço!»

Seraphim chega num pulo,
e diz á formosa irmã:
— «Arrede-se lá, fidalga!

olhe não quebre os anneis!
As mãos dos homens têm callos,
mas têm os dedos mais sãos!
Vejam! que urgueira tão grande!
ih! que grossura de tranca!...
quanto dás a quem t'a arranca
sómente co'uma das mãos?»

Diz; num momento,
raiz ao vento!

Ás vezes Seraphim
diz para Rosalina:
—«Ouves, fidalga? imagina
que um lobo grande e esfaimado
se erguia de bôca aberta
a teus pés d'esse silvado!...»

Já d'um pulo a irmã formosa,
pallida, a tremer de medo,
arquejante o coração,
transpozera o curto espaço,
galgára o mato, o rochedo,
e caíra aos pés do irmão,
que a contempla e ri,
e lhe diz, erguendo o braço
com ares de protecção:
—«Ó medrosa! eu estava aqui!»

Pois, apesar de tão robusto e audaz,
eu sei de que tem medo, e muito medo,
o nosso pequenito Ferrabraz.
De que é?!... Direi, mas peço aqui segredo:
treme de lobis-homens e defuntos
e dos encantamentos do bruxedo!

Uma vez Rosalina
ficou-se a olhar attenta!...
co'os olhos muito abertos!
co'a bôca mal cerrada!...

A rosa da campina
co'as brizas da alvorada,
a palma dos desertos
aos impetos do vento
tambem assim se dobra
e fica recurvada;
mas nunca tem a palma
a fórma tão graciosa;
mas nunca tem a rosa
a côr mais nacarada.

Seraphim sorriu-se, e quedo
ficou pasmado a espreital-a
pela fisga d'um penedo.
Como era bello e gracioso
aquelle grupo mimoso
sem movimento e sem falla!...

Em baixo, á beira do rio,
na quebrada pedregosa,
erma, negra, horrenda, a Ucha;
sentada á porta, a Sagucha,
pobre, só, triste, chorosa.

Mal Rosalina a descobre,
a impor... a pedir silencio
estende a mão pequenina!
e sem bolir, por momentos,
ficaram-se ambos attentos:
Rosalina, para a pobre;
elle, para Rosalina.

. . . .
. . . .

Ai! se através dos teus prantos
para os ermos da Laceira
olhasses, pobre Delfina!
viras o sol no occidente
a coroar-te dois anjos
com diadema refulgente,
e a franjar-lhes azas brancas,
d'oiro e d'azul transparente!
e tu disseras:
—«Meu Deus,
teus anjos vem! soa a hora!

que eu vejo abertas agora
as aureas portas dos céus!

Sou martyr, mandas-me a palma!
meu corpo emfim se deslaça!...
com elles me desça a graça!
com elles suba a minh'alma!»

Não viu! seus olhos não viam;
cobria-os o pranto amargo,
pranto que não desce á face,
que, se não morre em lethargo,
volve á fonte d'onde nace.

—«Ergueu-se o vento da tarde,
e vem tão frio! —diz ella.—
Lar em que o lume não arde
é como a campa: enregela!

Ó sol, se te demorasses
sentado sobre essa penha!...
aqueces-me o seio e as faces!
bem sabes, não tenho lenha!

Não deixes o vall' sombrio!
não transponhas o arvoredo!
Não fujas, sol! tenho frio!
não vás dormir! tenho medo!»

—«Ouviste, Seraphim?
—murmurava baixinho Rosalina,
tremendo-lhe na voz a caridade
e accendendo-lhe a face purpurina—
ha de morrer assim
a Delfina do mal? pobre Delfina!
Tem frio a pobresinha! e nós que temos
tanta lenha no lar, roupa tão boa,
dêmos-lhe a lenha que ajuntámos! dêmos!
Diz sempre a nossa mãe, que não perdoa
o pae do céu ao que tem muito, e ao pobre
não quizer dar a parte que lhe sobre.»

Dizia-o co'as mãos postas,
agora olhando o irmão, e agora o céu.
E, leve como a pomba, quando escolhe
carumas para o ninho,
corre, procura, abraça e toma ás costas
o próvido feixinho
que ajuntou, que enfeixára, e que era seu!
Corria monte abaixo!... eis que lhe tolhe
os passos Seraphim:
—«Pára, louquinha!»
lhe diz, tremendo, o irmão, com voz sumida,
pallido o rosto, os olhos encovados,
e os cabellos em pé.
—«A pobresinha
—lhe tornou assustada e commovida

a meiga irmã— não tem lenha no lar!
tu, meu irmão, és bom! roubar-lhe a esmola
é ser mau e ladrão!
e ser ladrão, de quem?!...
Repara como choro; hoje ao serão...
o pae beija-me sempre, e ao ver-me triste
ha de me perguntar porque chorei;
verás como te ralha, e a santa mãe,
e o pae do céu que o sabe. Eu lhe direi
como tu foste mau, que me affligiste
por eu ser boa! Oh! não! não tens perdão!»

—«Ouve! escuta, Rosalina!
escuta um momento só!
ou foges d'essa Delfina,
ou eu te deixo aqui só,
e parto. A noite vem perto;
os lobos co'a noite vem;
e tu ficas sem ninguem
neste maninho deserto...
Jesus! tu caes, Rosalina!...
apertas-me tanto o braço!...
Basta já! não tenhas medo!
agora toma este abraço,
e vou contar-te um segredo:

Vês alem, mesmo defronte,
esse negro sêrro?»

—«Vejo!»

—«E vês no fundo do monte
essa escura penedia
onde nem musgo se cria?...
alem!.. alem!...»

—«Vejo tudo.»

—«Chamam-lhe a *Ponte do entrudo;*
ponte má! Por baixo d'ella,
muito fundo, muito fundo,
passa outro rio escondido,
dando uns ais de moribundo
num borborinho confuso,
emquanto encachoa as ondas
pelas soturnas barrocas.
Vês este penedo erguido
como torre sem janellas?»
—«Vejo, sim.»

—«Chama-se o *Fuso.*»

—«E aquellas penhas redondas
alem?»

—«São as *Maçarocas.*»

—«Quem serão as fiandeiras
que podem torcer nos dedos
taes fusos, que são rochedos?»
—«Quem serão?... as *feiticeiras!*»

O feixe que a menina segurava
caiu-lhe prompto ao chão!

de purpurino, o rosto ficou livido!
tremente o coração!
Foi conchegar-se ao seio que arquejava
de seu pallido irmão!

—«Não tremas tanto, mulher!
emquanto estiver comtigo
teu irmão, não corres p'rigo.
Escuta o que vou dizer.

Toma-me bem sentido em quanto eu conto:
Quando a lua não vem, ou quando é posta,
em cada noite á meia noite em ponto,
descem para este vall' de cada encosta
sombras que soltam ais; e o pé mais prompto
não as segue jamais! ninguem arrosta
co'a morte quasi certa.

O mundo é todo negro; a mata escura,
calada como os mortos, e deserta,
começa a ramalhar á meia noite
e a estalar sem quebrar! mas não que a açoite
um sopro só de vento.
Um demonio vermelho vem do sul
a cavallo numa aguia de fogo;
chega á Ponte do entrudo, e num momento
faz um grande remoinho e desce logo;
assenta-se no chão, puxa d'um raio,
e accende uma fogueira muito azul.

A luz que d'ella vem busca e rebusca,
olhando para tudo de soslaio,
porque teme encontrar signal de cruz
que o faça revirar a cara fusca
e voltar aos infernos d'onde veiu
depois, põe-se a escutar medonho e feio
se acaso alguma voz falla em Jesus.

Se nada vê, nem ouve, atrepa ao Fuso,
solta agudo assobio, que se espalha
como gritos de morte pelos echos,
tristes almas penadas
que o demonio semeia pelos montes
para saber o que se faz no mundo.

Mal o assobio parte,
os rios ficam seccos
e ouvem-se pelas fontes
umas palavras muito lastimadas
e uns cantares que vem de muito fundo.

E accendem-se no vall' milhões de luzes,
que voam, param, sobem, descem, giram,
azues, verdes, vermelhas, amarellas,
a ferver em cachões, a borbulhar...
É como se de noite ali caíssem
do céu muitas estrellas
e começassem loucas a dançar,

por ficarem de todo espavoridas
de as acordarem no primeiro somno:
são as gotas do orvalho d'estes campos
que o demo assopra, accende, e ficam soltas;
e as floritas do outono
que muda o encantador em pyrilampos...»
—«E que são pyrilampos?»
—«São as borboletinhas de luar
que andam de noite ás voltas
no meio do pomar
a subir e a descer,
que se te accendem se as estás a olhar,
e que se apagam quando as vaes colher.

Mas não pára inda aqui: nos pinheiraes
começam de se ouvir grandes risadas
e d'esvoaçar uns negros passarões
que se ajuntam nos ares em manadas...
como as nuvens pejadas
que trazem os relampagos e o vento
em noites de trovões,—
quando o pae se ajoelha ao pé do lar,
eu digo as orações,
tu choras, e a mãe busca o ramo bento!

Esses passaros maus são feiticeiras
e bruxas (são as velhas),
que, para se evadirem dos casaes,

ao dar da meia noite, untam-se todas,
cabellos, pés e mãos, pescoço e orelhas,
com oleos infernaes,
e dizem ao demonio esta heresia:
—Lindo bode e senhor! (Chamam-lhe bode
por ser cornudo.) A quem por si não póde,
faça uma graça a tua bisarria:
quero-te ir visitar;
faze-me ave á tua escolha,
que eu quero voar, voar,
por cima de toda a folha.—
Diz, e sem mais estorvo,
lá vae a bruxa ao ar,
coruja, noitibó, morcego, ou corvo!

Por entre as moitas de carqueja e tojo
ora se erguem ao ar, ora se somem,
umas vezes saltando, outras, de rojo,
bichos de quatro pés e caras d'homem.
São tristes lobis-homens que em manada
andam de rastos a cumprir os fados,
e lá se vão por mal dos seus peccados
para a Ponte do entrudo amaldiçoada!

E ali tudo se junta; apagam-se os luzeiros;
a mata fica muda, e inteira a escuridão!
o vento nem bafeja as ramas dos pinheiros;
o mocho entra na toca; o sapo entra no chão!

Alem, na Ponte do entrudo,
empoleirado em seu throno,
o infernal augusto mono
dá a beijar o pé felpudo
ás bruxas acocoradas
e aos lobis-homens sombrios.
Tem muitas prendas guardadas
no bojo d'um grande cofre,
e aquece os membros esguios
ao lume, que cheira a enxofre.

Depois, a côrte maldita
ali relata á porfia
seus estragos, e dá conta
dos males que fez de dia
aos meninos, ás piaras,
aos vinhedos, ás searas,
e aos velhinhos, tanto monta.

Uma diz que deu feitiços
d'amor a duas rivaes;
outra, que fôra aos silhaes
matar o gado aos cortiços.

Uma, assára uma cordeira
viva á luz d'uma candeia;
outra, enredára uma teia
que inda estava na urdideira.

Aquella, espreitára uns noivos,
e teve a *grande ventura*
de os levar á sepultura
co'uma peçonha nuns goivos.

Mais uma, torce os destinos
felizes das creaturas,
e entra pelas fechaduras
sugar o sangue aos meninos.

Outra, deu feitiço ás hortas,
e ao dono, um terçol num olho,
deixando-o calvo e zarolho,
e em cima co'as pernas tortas!

....
....
....
....

A Delfina do mal... que pensas, Rosalina?
que passa toda a noite a suspirar na Ucha?
Oh! Deus te livre a ti das mãos d'essa Delfina!
a velha que ali vês é bruxa e grande bruxa!»

—«Jesus! pois será verdade?
não posso crer, Seraphim!

vê! chora tanto! é maldade
fallar d'uma pobre assim!

Olha! as mãos sem um só dedo!
e as chagas de cada pé!...»
—«É! foi-me dito em segredo!»
—«Mas é mentira!»
—«Não é!»

—«Tu mentes, mau menino! A tua voz suave,
mocinha loira e bella, é santa, e Deus a ouviu!
Calumniar um pobre é sempre culpa grave!
Vem, Rosalina, vem, que Seraphim mentiu!»

Quem disse estas vozes? quem veiu á mofina
ladeira da Ucha, sósinha, e tão nobres
palavras soltára? Quem foi?—Josefina,
o archanjo da aldeia! o arrimo dos pobres!

A rosa singela, ciume dos lyrios!
a virgem formosa, rival dos amores!
o orgulho nas festas! a irmã nos martyrios!
conforto de tristes! remedio de dores!

Inda o sol na despedida
viu co'a luz d'um raio incerto

que no tugurio deserto
já havia calor e vida.

Seraphim vinha da fonte
co'a bilha que trasbordava,
e Rosalina apanhava
maduros fructos do monte.

E Josefina? a senhora?
a fidalga tão formosa?
fizera a cama á leprosa!
varria a casinha agora!

Tudo eram murmurios, fadigas, perfume,
cuidados, caricias e alegre canceira,
na cama fofinha, na ceia, e no lume,
que em chammas zumbia na humilde lareira!

Tudo eram suspiros de affavel transporte!
suaves palavras d'amigo conforto!...
Á barca perdida sem rumo, sem norte,
sorria uma esp'rança, mostrando-lhe um porto!

Após momentos, a Ucha
ficou só, mas farta e quente.
Sentada ao lume, a Sagucha
dizia com voz tremente:

—«Bemdito, ó rei das estrellas!
bemdito seja o teu nome!
bemdito, Senhor, que velas
pelos que têm frio e fome.»

CANTO III
PACIENCIA

CANTO III

PACIENCIA

Deus dedit, Deus abstulit... sit
nomen Domini benedictum.

JOB.

Ó solidão, és triste! és temerosa!
De noite, quando os echos das quebradas
calam a estranha voz, e nas montanhas
nem murmuram as brizas maguadas,
nem carpe ao longe o som d'harpa saudosa,
nem freme a selva em vibrações estranhas,
e dormem céus, e valle, e roble, e montes
na profunda mudez dos horisontes,
és triste, ó solidão! és temerosa!

Embora esplenda o firmamento em lumes,
embora o lago lhes reflicta as flammas,
embora ao roble que não tem queixumes
o rócio desça e lhe salpique as ramas,
e a flor aspire mysticas fragrancias,
e a lua, triste, absorta, silenciosa,
caminhe no infinito solitario
como um phantasma envolto num sudario,
és triste, ó solidão! és temerosa!

Quem te não teme? quem, mudez nocturna?
falle o monge, o poeta, o justo, o forte!...
Ai da que vive em solitaria furna,
talvez pedindo as solidões da morte!
Ai da indefeza, mutilada velha,
tão sósinha, tão pobre e tão saudosa;
sem filhos e viuva!... e canta e vela
emquanto dura a chamma na lareira;
mas quando a chamma for extincta... ai d'ella!
era-lhe abrigo, e luz, e companheira,
e fica... a solidão mais temerosa!...

Canta a leprosa Delfina
sentada á sua fogueira;
jámais foi no mundo ouvido
nem canto mais dolorido,
nem mais triste cantadeira!

Canta... por gastar as horas!
por afugentar o medo!
e neste cantar, que é luta,
a chamma a acompanha, e escuta
de fóra, mudo, o arvoredo.
O olhar triste e afogueado
passeia na escura estancia;
num velho berço vasio
prende-o emfim torvo e sombrio,
e canta uns cantos da infancia:

—«O berço é barquinha leve,
e a minha filha vae lá;
cruz d'oiro, enxoval de neve,
sua mãe tudo lhe dá.
Ah!... ah!...

Voga! ao largo! espaço em fóra!
dorme, anjinho, dorme já;
chegando ás praias da aurora,
o Senhor te acordará.
Ah!... ah!...

Mão no leme, outra na véla,
pobre mãe velando está;
em passando a ultima estrella

pára a barca; o céu é lá.
Ah!... ah!...

Phantasmas, fugi! fugide!
anjo da guarda, vem cá!
se dorme, tu lhe preside;
se acorda, espera que eu vá.
Ah!... ah!...»

Interrompe-se a triste!... Um canto ao longe
quebra a mudez da noite silenciosa;
treme a Sagucha, e alvoroçada escuta,
como a timida lebre que presente
ao pé do seu covil os caçadores.

Dizia o canto que se ouvia ao longe:

—«Porque te escondes, Maria?
vejo-te sempre; não fujas!
sou como as aguias de dia;
de noite, como as corujas.»

—«A voz canta nos altos da Laceira
—murmurou ella;— algum pastor que passa
com seu gado inda agora!... Deus permitta
que os lobos o não sintam. Tive medo.»
E tornou a cantar num tom mais alto,

como se desejasse annunciar-se
ao viandante incognito:

—«O berço é barquinha leve,
e a minha filha vae lá;
cruz d'oiro, enxoval de neve,
sua mãe tudo lhe dá.
Ah!... ah!...»

De novo o canto ao longe, e mais distincto:

—«És como a lebre na brenha
por fugires de ser minha;
eu, como a roda na azenha,
que anda sempre e não caminha.»

—«O canto desce monte abaixo!... acaso
moleiro que foi tarde á freguezia
e volta ao seu moinho!... Mas se fosse
perdido estranho em meio d'estas fragas?...
Se elle me ouvisse a minha voz... quem sabe?

Volve á terra a leve barca,
minha filha não vem lá!
eis fugida a pomba da arca;
anjo da guarda, onde está?!»
....
....

Perdeu-se ao longe a derradeira nota...
o silencio recresce... a velha escuta!...
nem mais um som d'essa canção d'amores
chega de fóra á solitaria estancia!

—«Ninguem! ninguem! —diz ella—
meu canto ouviu de certo...
que o guie amiga estrella!..:
E a voz vinha bem perto!...»

Havia aqui, não sei que extincta esp'rança!
não sei que pena occulta! A quem padece
dá qualquer voz modulações de prece;
qualquer astro do céu, luz de bonança.

O mundo é sempre o mesmo; em nós demora
espelho em que se altera quanto existe;
conforme for nossa alma alegre, ou triste,
assim o mundo nos sorri, ou chora.

Só é soidão completa a sepultura.
A acompanhar-se a si, já que era só,
continuou cantando a sem-ventura.
O fallar só é conversar comsigo!
é duplicar o ser, crear-se abrigo,
companhia, familia, esmola e dó;
é dividir em dois o coração:
dar um á dor, dar outro á caridade;

que um chore, outro sorria.

A humanidade

tem instinctivo horror á solidão.

—«Bordei-te enxoval de linho,
touquinhas de tafetá;
a alfazema e rosmaninho
cheira o berço, e choras, má?!
Ah!... ah!...»

—«Com que, ha meninos em casa?!
—diz uma voz junto á choça—
mais outro peixe na braza,
visto que a familia engrossa!

Vão lá fiar-se das velhas!
d'estes annos! a Delfina!...
já lhe furaste as orelhas?
já deste o peito á menina?

Pois, senhora, é caso novo!
tu, doente, e velha, e feia!...
depois, que não falle o povo!
e que não murmure a aldeia!»

—«Já basta, maldizente! —diz sorrindo
a Delfina do mal, que conhecêra

a voz motejadora de Ricardo —
a porta é franca, e o pobre lar tem lume.»

— «Seja Deus nesta casa! — e entrava a porta
Ricardo, o caçador, de bolsa ao lado,
bigode retorcido e botas brancas,
polvorinho e chumbeiro a tiracollo,
espingarda na mão, chapéu á banda,
e o *Raio*, o seu lebreiro, a acompanhal-o. —
Dizem que João Quinto algumas noites,
disfarçado em saloio, percorria
as ruas de Lisboa, e ouvia casos
de tal patifaria que pasmava.
Eu, como o grande rei, venho a deshoras
percorrer meus dominios; só não jogo
ás escuras, como elle, as estocadas,
nem tenho uma Odivellas.
Ha quem diga
que mais formosas freiras nunca houvera,
e que o bom rei já lia o breviario
como um frade Bernardo! e mais se conta
que, mais do que ás matinas, ia ás vesperas,
e preferia ao côro... o dormitorio!...
Eu nada sei, nem tu; que apesar mesmo
de teres presumpções de grã doutora
(Deus perdoe ás tontices da madrinha
que te ensinou a ler!) és velha e tonta!
e sabes que prohibe a Santa Igreja

isto de assoalhar vidas alheias!
e então vidas de reis, que são sagradas,
e não têm peccadilhos como a gente!
se os têm (que eu nunca vi!) são d'outro lote:
são peccados augustos! soberanos!
d'um sabor como tu nunca provaste,
nem eu hei de provar por meus peccados!...
(Que blasfemia, Jesus!)—por minha dita!

De quanto eu disse espero, boa velha,
que não tenhas ouvido uma palavra,
o que me priva do celeste goso
de te pedir aqui perdão do escandalo.»

Calou-se;
encostou á parede a arma voltada,
compoz junto á fogueira um ninho ao Raio,
foi pendurar na cronha o trem da caça
e sentou-se a fumar.

Havia ali que perguntar? havia;
mas que receio lhes tolhia as vozes?...
Quebrou ella o silencio:

—«Uma visita á Sagucha
d'um taful a horas mortas?!»
—«Tinha saudades da Ucha,
e a noite não tranca as portas.»

. . . .

Novo silencio... de quem pensa e espera.

. . . .

— «Quando entrou fallava e ria,
e agora tão triste e mudo!...»
— «Eu poupo a minha alegria;
quiz ver-te, vejo-te, eis tudo.»

E com visivel intenção corria
com inquieto olhar a casa toda.

— «Olá! que riqueza e aceio!...
a cama tão repuxada!
loicinha tão bem lavada!
lenha aqui e o lar varrido!...
alguma fada cá veiu!»
— «Foi anjo... e fada, acertou.»
— «Tem azas sob o vestido,
ou tem varinha, Delfina?»
— «Varinha e azas.»
— «E o nome?»
— «Adivinhe!»
— «Josefina!»
— «Josefina; adivinhou.»
— «E a morgadinha formosa
veiu sósinha?»
— «Isso sim!

trouxe, por aia, uma *rosa;*
e, por guarda, um *seraphim.*»
—«Foi pois visitada a Ucha
por toda a côrte celeste!
devia ter semelhanças
d'Eden o paiz agreste.
E trouxe-te acaso esp'ranças?...»
—«Nenhumas! trouxe conforto;
veiu trazer paciencia
ás agonias d'um horto!»
—«E tu esperas?...»
—«Quem sabe?!
espero! não sei mentir!
sinto fugir a existencia,
mas, antes que a vida acabe,
a minha filha ha de vir!»
—«Pobre mulher! e tu queres
apertal-a ao coração,
abençoal-a... perdoar...»
—«Oh! dizei: —pobres mulheres!—
pois não é nosso condão
despender a vida a amar?!...»

Dos olhos treme a debruçar-se o pranto;
abaixa o rosto; sobre a mão cerceada
as lagrimas estanca,
e na costra enrugada

ficam luzindo, como luz o orvalho
de tronco secco em mutilada arranca.

—«D'Albano que sabes?»
—«Nada.»
—«Prometteu que hoje viria?»
—«Prometteu.»
—«E Josefina
saberá d'elle?»
—«Não sabe.»
—«Anda ha quasi um mez correndo!...»
—«E só Deus sabe por onde!
Vêde que sorte mofina;
levei a rezar o dia,
e o meu protector não veiu!...
Quem sabe onde ella se esconde?...
e quem sabe se inda existe!
sinto o coração tão triste
chorar-me dentro do seio!...
Ó minha infeliz Maria!...
Senhor, era meiga e boa!
perdeu-se! filha coitada!
choro mais que a minha pena
vêl-a assim tão desgraçada!...
Sabe que o mundo a condemna,
não tem perdão, nem soccorro...
fugiu... porque se perdeu!

sabe que choro e que morro;
chora... a morrer, que o sei eu.

....

....

Nos meus braços a criei,
neste berço a acalentava!...
inda ha pouco recordava
cantigas que eu lhe cantei!

....

Vinheis saber d'Albano!
esperae! prometteu que vinha, vem!
disse-m'o o coração, que nunca mente;
elle sabe que espero, e Deus clemente
acolhe sempre supplicas de mãe.»

—«É tarde, e não convida o frio outono
a nocturnos passeios pelos montes!
o poeta esqueceu-se da promessa
no prosaico prazer d'um fundo somno;
por mais presentimentos que tu contes...»

—«Não hajaes medo, não, que hoje se esqueça;
alem de lhe doer a minha dor,
são annos ámanhã do seu amor!»

--«Basta! fallou e fallou bem, Delfina!

chama-se isso *dizer o desengano.*
Agora explico eu tudo! Josefina,
que te visita sempre de manhã,
veiu hoje á noite... por saber d'Albano.»
—«E por saber de mim!»

—«Alma christã!
ter inveja é peccado! e o confessor
deve dar-te pesada penitencia!
Pede ao padre te diga por favor
(se elle tiver do mundo a vã sciencia,
que tudo póde ser!)
qual tem maior poder: se o dó, se o amor!
Emfim, seja o que for,
eu que vinha tambem por saber d'elle...
e por saber de ti... longe o ciume!
conversarei comtigo ao pé do lume.
Fallemos do teu berço: tu cantavas,
a acalentar... o que?»

—«A minha esp'rança
e a minha saudade!
Sou tão pobre, senhor, que no universo,
do que tive, só resta a soledade!
de quanto nella amei, só tenho um berço!
pobre berço, vasio, e frio, e quedo!
emborcado no chão!...
ninho roubado por cruel brinquedo!
e eu sou a rola que se carpe em vão!
....

Nelle criei meus filhos
com tanto aceio e amor!...
Deus dá, dispõe de tudo
a mão do Creador!...
Eu, como Job, me curvo,
bemdigo-te, Senhor!»

—«Pois que o meu gracejo em vão
luta co'a tua tristeza,
e na pugna porfiosa
já que o vencido sou eu,
expande o teu coração!
dá largas á natureza!
bem vês, mulher desditosa,
que o meu sorriso morreu!
Deixa fartar as desditas
no teu coração, Delfina!
vem nas lagrimas bemditas
raios da graça divina!
Mulher que não tens esposo!
mãe que os teus filhos perdeste!
em ti o pranto é formoso
como o orvalho num cypreste!
Reconta-me as tuas penas,
irmã da noite sem brilho;
tens de maguas larga historia;
se o quer a voz e a memoria,
conta a morte de teu filho.»

Houve um longo silencio em que Ricardo
fingiu não ver os prantos da leprosa,
e erriçava o bigode, como o forte
que treme de chorar. Tossiu, ergueu-se,
caminhou para a porta, abriu, cerrou-a,
e tornou a sentar-se.
Recobrada
começou a Sagucha a narrativa:

—«Ides ouvir, senhor, d'uma profunda pena
a dolorosa historia. O céu quando condemna
aos golpes do martyrio, abre o infinito á dor!
És grande em tudo, ó Deus! guarda-me o immenso amor,
que eu tenho-o merecido. Á tua omnipotencia
submissa hei de offertar cumprida a penitencia
que me impozeste! espero-o! é perto a grande luz!
a via-sacra é finda! eu vejo erguida a cruz.»

Vibrava-lhe na voz a commoção sagrada!
relampagos no olhar! no gesto... uma inspirada!...

—«Menina me casei; quinze annos tinha só
quando o pastor, ao dar-me o indissoluvel nó,
disse: —Mulher, és serva; ao teu senhor te curva;
verás que nunca a magua o teu prazer inturva,
se és virtuosa e boa; emfim tu serás mãe!
é Deus que te visita! a prole é o summo bem
nas plagas do desterro; é quem na curva idade

vos é bordão e amor!...— Piedosa falsidade!
olhae-me bem, senhor!... Findava um anno mais,
e dava á luz um filho, a esp'rança de seus paes.

Eduquei-me, sabeis, com foros de rainha
em casa da fidalga, e ali minha madrinha
me fez de mestra e mãe. Quando ella nos morreu
tudo chorava triste!... afflicta era só eu!
eu só! porque ao saír d'aquella casa nobre
sabia... o que é melhor que nunca saiba um pobre!
Graças ao que aprendi fui mestra a minha vez:
fui mestra do meu filho; e a mim... a mim, talvez...
que idéa horrenda, ó Deus! deveu a sua morte!...
Era moreno e esbelto! era arrojado e forte!
era uma inveja vel-o! e eu sempre a il-o furtar
ao trafego da enxada! ao rude trabalhar!...
ai do fidalgo pobre!
Era homem o meu Bento;
um dia, vem, julgae do meu contentamento!
dizer-me o seu padrinho, um velho austero e chão:
—Teu filho sabe muito, e vae ganhar o pão
co'o seu trabalho honrado; alem, na *Lagiosa*,
querem-n-o para mestre!— Eu choro, e de saudosa,
era viuva já! quero negar... cedi!
cedi, vendo-o tão bello! e a enxada estava ali!

Ouvistes já fallar, senhor, d'uma alcateia
que andava devastando a villa, o campo, a aldeia?

bandidos sem temor, assombro do paiz,
feras, a quem da Estrella os rudes alcantis,
tendo-lhes dado berço, eram guarida e fojo?
tinham das feras tudo: o salto, a garra, o rojo!
O maioral bandido, o maximo ladrão,
tinha uma alcunha vil... nem vol-a eu digo! não!
era escutar-lhe o nome e logo um tremor frio
corria cada membro! o rosto, de sombrio,
livido se tornava! emmudecia a voz!
era um profundo horror, como se entrasse o algoz!
cada palavra sua annunciava o incendio,
o latrocinio, a morte, o incesto, o vilipendio!
sorria... ai que sorriso! aos tratos mais crueis!
das victimas guardava os dedos e os anneis!
ereis creança vós, não sabeis nada!

Um dia,

meu filho era na escola; ó Deus! quanta alegria
iria lá talvez!... que mocidade e amor
em tanto botãosinho, em tanta loira flor!...
Devia ser o céu! mas perto era a desdita!
de chofre se abre a porta! e a legião maldita
entra! e o prende! e o leva! Ó Virgem mãe de Deus!
como seria triste o silencioso adeus
do mestre que partia á escola que chorava!...
Ness'hora ao pé d'um berço inda eu feliz cantava!

....

Por noite velha abriu-se a minha porta, e vi
o vulto d'um bandido! eu seroava aqui

mesmo onde agora estou; não dei sequer um grito.
—Santas noites, me diz; Deus seja aqui!— Maldito!
impio! blasfemador! fallar ousava em Deus!...
—Quem sois, senhor? lhe digo. —Enviado sou dos céus;
venho, moido e só, seguindo a esmo o trilho,
dizer-vos: Mãe, correi! salvae o vosso filho!
—De que? Jesus! e ergui-me; acaso... ao seu dever...
calae-vos!... não! fallae!... meu filho vae morrer?!...
—Ó bello amor de mãe! ha muitas esperanças!
não morre assim um mestre! e as pobres das creanças?
—Não gracejeis, por Deus! —Pois bem; caíu nas mãos...
(perdoa, Deus do céu!) de meus crueis irmãos!
—Salvae-m'o! e ajoelhei; já tudo comprehendia.
—A que vim eu aqui? animo! Ave Maria!
não tem meu coração odios, nem vicios maus:
no inferno sou o archanjo, o lyrio entre os lacraus;
emquanto o chefe e os mais sangram com bruta calma,
ante o meu morto ajoelho, e rezo-lhe por alma,
e o lavo, e o penteio, entoando-lhe a oração:
=*Lembra-te, homem, que és pó!*= vêde se eu sou christão!
—Horrorisaes-me! —Ingrata! ides ouvir-me, e vêde
que injusta sois: tem sempre o tigre fome e sêde;
a sorte do bandido é a sorte de Lusbel;
o mundo é vingativo, e a lei é tão cruel!...
A noite vae no fim; já rompe o novo dia;
o pôr do sol que nasce é o termo da agonia
do vosso filho; é tempo! agora o seu perdão
de vós depende: á um'hora, ao pé do rio Dão!

quarenta peças d'oiro é o preço do resgate!
ou boa mãe que o salve, ou cruel mãe que o mate!
O ponto é no *Penedo,* ao pé de *S. Gemil.*
—Foje! foje de mim! cruel! blasfemo! vil!—
Mostrou-me o seu rosario e persignou-se attento:
—Deus manda perdoar! vá por tua alma, ó Bento,
que é luz que vae diante!— E poz-se a caminhar!
e via-se benzer! e ouvia-se rezar!...
E eu fraca! e eu mulher!...

Quarenta peças d'oiro!...
uma riqueza immensa! os cofres d'um thesoiro!...
impossivel, meu Deus!... Pedir... e quem as tem?!...
roubar... roubar!... Jesus! cala-te, pobre mãe!...
vender... o que?... a mim?... a minha linda filha
que dorme no seu berço?... Ucha?... enxoval?... mantilha?...
a ferrugenta enxada?... o vaso do alecrim?...
a cruz do meu rosario?... é benta e de marfim!...
Quarenta peças d'oiro!... homem de Deus, espera!
oh! pára! pára! escuta! eu fui talvez severa!
tu és humano e bom! ouve o que vou dizer:
entrego a minha vida!...—E elle a desparecer:
—Quarenta peças d'oiro é o preço do resgate!
ou boa mãe que o salve, ou cruel mãe que o mate!—
Disse, e limpava o rosto! após, desceu!... desceu!...
Rompia o sol na serra! minh'alma se accendeu!
—Vem, minha filha, vem!—

Tomei-a nos meus braços;
transpuz a serra e o vall', voando nos meus passos;

de povo em povo entrei pedindo em alta voz:
—Esmola por piedade!— e ao meu pregão atroz
corria a caridade a ouvir a pobresinha,
e a descorar de medo, e a dar... tudo que tinha!
Num braço a minha filha, um cesto na outra mão,
e a ouvir-se um choro immenso, e a erguer-se o meu pregão:
—Quarenta peças d'oiro é o preço do meu Bento!
quem compra a minha vida?!— Era um feroz lamento!
e o sol subindo sempre! e o Dão longe de mim!
mais outra e outra aldeia, e o cesto cheio emfim!

Marcava meio dia a torre da Lagiosa
quando eu descia a encosta, anciada, pressurosa,
e era já perto o Dão! Num denso pinheiral
da outra encosta, um silvo, e um côro sepulchral
de riso escarneador veiu chumbar-me á terra!
eis em novello immundo as viboras da serra!

Depois tudo o que vi foi mal distincto:
ergueu-se d'entre o mato um vulto! e outro!
e mais! e mais!...
rostos que tinham lume!
olhos que tinham sangue!
e conversavam entre si... e olhavam-me!...
cruzava-se o cárdume
e as vozes infernaes!...
eu assistia exangue...
absorta...

morta!
a procurar se via quem não via!...
De repente...
um grão clamor!
tumulto recrescente!
brada a voz do chefe em grita!
erguem-se os perros das clavinas!
e eu sósinha a tremer! a tremer!
a procurar meu filho, e sem o ver
entre o revolutear d'aquella gente!
e um brado horrendo, atroz, veiu gelar-me toda!
tremeu-me sob os pés a terra, e andou-me á roda!
—Mata! mata!...—
Não! não sonhei! ouvi distinctamente,
e vi-o!
era elle! era o meu filho, que fugia,
correndo para mim,
pallido! moribundo!
Bradei-lhe... não me lembra o que dizia!
elle a acenar-me que fugisse, e eu presa
pelos fortes grilhões da natureza!
E a turba sobre a victima!
e a victima açodada
fugindo aos seus algozes,
que a seguem voz em grita!
no rio a salvação,
e o rio é perto! é perto!
dois passos mais, e o Dão!

e após, materno seio!
foge!... cruel desdita!
nas margens d'um centeio
um pé vacilla incerto!
tenta suster-se... cae!!...
um turbilhão de fumo!... uma descarga!... um ai!...

....

Achei, tornando a mim passadas horas,
minha filha apertada ao coração.
Depois... veiu-me a lepra!
e agora... a solidão!»

Poucos instantes mais, ao pé da Ucha,
ouviram-se tinir umas esporas
e após dizer alguem:
—«A taes deshoras
lume e conversa em casa da Sagucha!»

E o Raio ergueu-se, a festejar o amigo
que entrava a porta,
escondendo nas flores d'um gracejo
o luto d'uma esp'rança que traz morta!

—«Até que abrigo
e gente amiga encontro. Olá, meu Raio!
só tu vens abraçar-me?!... Entendo!... É certo!

presente-se a desgraça e o nuncio d'ella!
antes que estruja o vento no deserto
sentem-n-o as caravanas e a gazella!

. . . .

Em vão busquei! perdi o alento e a esp'rança!
e tu, pobre mulher, acaso esperas?»
—«Se eu inda não vi rosas, nem bonança!
Deus deve-me o céu limpo e as primaveras.»

—«Pagas-me no teu sorriso
o meu trabalho perdido!»
—«Quem vos paga é o paraiso
que tendes tão merecido!»

—«Delfina, a ingrata Maria
não volta do errado trilho!»
—«Vós me fareis companhia:
sois meu pae, sêde meu filho!»

—«Pede a Deus te encurte a vida,
vivida tão sem ventura!
já tens a palma florida;
martyr, pede a sepultura!»

—«Deus vê-me; em cada existencia
a desgraça esmalta a prece;
paciencia! paciencia
é o brasão de quem padece.»

CANTO IV

O SOALHEIRO

CANTO IV

O SOALHEIRO

Sito rumpes arcum semper si tensum habeas.
PHEDRO.

Nós somos como o alqueive inda mal culto:
se lhe lançarem sempre uma semente
enerva-se-lhe a seiva creadora;
precisa de pousio que o descance,
ou de que se lhe alterne a sementeira.
Tal é noss'alma. O pranto, se é perenne,
embrutece-a, caleja-a, torna-a muda,
insensivel á dor mais lacerante;
o riso eterno a tornaria inane,

inerte, abstracta, vaga, incoherente;
até caír no idiotismo insonte.
É mister alternar-lhe o pranto e o riso,
e o pousio per-meio.

Assás de penas
tenho contado já; repouso agora,
e algum sorriso após, se a minha musa,
mais dada ás amarguras que aos prazeres,
quizer acompanhar-me e rir commigo.

Deixemos a miseria no seu antro,
a desgraça no seio onde brotára,
e vamos procurar novo caminho.

Á noite, baile no palacio nobre
dos morgados de Gonta e Santo Estevão.
D'elles nada sabeis? e eu nada, ou pouco;
sabemos só que é hoje o anniversario
da mais rica fidalga que passeia
nas vinte freguezias convizinhas;
sabemos que se chama Josefina;
sabemos, porque a vimos uma tarde
em casa da Sagucha, que é formosa;
branca de neve; altiva a fronte grega!
tem olhos scismadores, grandes, bellos,
da côr do céu e como o céu profundos,

que rara vez se fitam, para logo
se perderem no vago do infinito
em distracção angelica! O cabello,
negro, longo, luzente, basto, ondado,
mal se lhe póde acommodar em rolos,
ou captivar em tranças, e derrama-se
em soltas espiraes em torno ás faces,
que têm covas de riso. O corpo airoso
vê-se partir na cinta e arredondar-se
para um seio virgineo, onde a cambraia
consente adivinhar brandos contornos
e uns filetes azues de veias finas
cruzando pelo jaspe, que se encurva
suavemente!... um sonho de Canova,
d'onde um collo de cysne se levanta!
Abaixo d'umas curvas graciosas
que deram moldes por sendaes á Grecia,
pois vivem sequestradas sob as ondas,
rufos e pregas das modernas modas,
as mais absurdas que tem visto a plastica,
espreita o pé mais fino e mais pequeno
que pousar possa em pedestal de Venus.
A mão que o desaffronta dos vestidos,
colhendo com divina magestade
a longa seda em recolhidas pregas,
Lobo a julgára de coalhado leite;
os dedos afilados e flexiveis
vão terminar-se nuns botões de rosa.

A bôca melindrosa e purpurina
aljofares nos mostra ao desfranzir-se
num sorriso... que póde ser um extasis!
Sobre o todo o véu branco da innocencia.
Ahi tendes o que eu sei.
O que presumo
é que na estancia amena onde repousa
a senhora de Gonta em leito morbido
hão de entrar cantos d'ave noite e dia,
cantados no atrevido limoeiro
que lhe sobe á janella e lhe dá pomos;
ha de haver luz coada pelas folhas,
semelhando o crepusculo nascente;
ha de haver sempre a tepida frescura
das floridas manhãs da primavera;
ha de ser branca a estancia, como o leito,
e as cortinas, de gaze verde e rosa,
e que ha de ali voejar fragrancia idyllica
de rosas, de jasmins e laranjeira.
No jardim, por debaixo da janella,
ha de haver uma fonte que murmure
ás marmoreas gentilicas estatuas
uns segredos que traz de sob a terra
a Venus, a Diana, a Marte, a Jove,
merencorios d'amores e ciumes.
No fundo, um bosque e ruas escondidas.

Feliz! oh! bem feliz quem as primicias

do seu amor houver! feliz Albano
se for Adão naquelle paraiso!

D'Albano, o scismador, sabemos todos
que é moço e varonil, e que tem negros
olhos, cabello e barba; tez morena;
erriçado o cabello, atraz voltado;
franco e raro o fallar; as sobrancelhas,
quasi direitas, carregadas sempre:
signal de dor, ou de pensar profundo;
que ás vezes ri, mas por estudo e esforço,
e é sempre triste, quando a sós comsigo;
que foge á sociedade e aos seus caprichos;
que busca as solidões avidamente,
e que ali só respira a pleno peito;
que se perde a scismar horas e horas,
parando absorto, ou caminhando a esmo;
que é magro, e alto, e pallido; severo
comsigo só; com todos complacente.
Não sei se é crente, ou sceptico; já vimos
que tirava o chapéu quando tocava
signal d'Ave Maria um sino ao longe.
Feliz, ou desgraçado? Aquelle rosto
esconde, não revela a intima historia;
não sorri, não; mas rara vez suspira,
e será do cançaço, ou da tristeza
que acommette os felizes e os selvaticos.

Que faz? No gabinete onde trabalha
ha versos sobre a mesa; uma palheta
ao pé d'um cavallete, onde apparece
o seu retrato mal completo, em fundo
d'abruptos alcantis, lascados troncos
e infragados regatos; nas paredes,
paizagens, onde avulta mal distincto
sempre um rosto d'archanjo entre as folhagens;
num piano d'Erard, trechos de musica,
onde uma phantasia ardente e meiga
começa de carpir saudosas queixas,
e pára quando as flebeis harmonias
mais inspirados fogos traduziam!
tudo incompleto e vago, como os extasis,
os sonhos, os murmurios d'um poeta
que teme desejar e que deseja,
que teme revelar e denuncia!
E do seu nome em tudo isto a lettra...
uma só, a primeira... atomo inglorio!
sêllo vaidoso que no pó se grava!
pedaço d'alma que nos cáe no lodo!

Ricardo já sabeis que é grosso e forte,
audaz, valente. Voz que estruja os montes
nunca houve, nem ha, maior que a sua;
ninguem celebra mais um bom *bigode*
posto na cara a caçador de fama.

Tem o cabello negro e corridio;
rosto formoso; olhos fulgentes, vivos
e negros d'azeviche; alvos de neve
o collo e o corpo; o rosto e as mãos queimadas
na venatoria lida. Em cada phrase,
um gracejo fùgaz, ou dito caustico;
diz que Voltaire e que Balzac o inspiram;
é Bocage no amor, Luculo á mesa,
e Pollux na amisade. Alma illustrissima,
soberbo coração... melhor que a lingua!

De quantos hão de entrar no baile á noite
tres personagens só conheço... e é muito!
Quantos não vão a festas, quantos, quantos,
sem lá ninguem saber d'onde vieram,
nem os donos da casa conhecerem?
Um baile é o espectaculo gratuito
onde todos vão ser platéa e actores;
exposição de collos e brilhantes,
de falsos ouropeis e côr postiça;
onde se propicía encontro a amores,
a comedores pasto, somno ás velhas,
noticias a jornaes, oiro a modistas,
e themas para mofa a màldizentes;
onde tudo é feliz, exceptuando
os senhores da casa que se esmeram

em obsequios, dispendios e cuidados
que ninguem agradece. Um baile é isto.
Um baile d'hoje é um soalheiro illustre.

. . . .

—Um *soalheiro*— disse eu?...
creio que disse, não juro;
mas se disse, e o termo é impuro
na estancia d'uma epopeia,
o meu canto não recusa
nada por plebeu; e espero
que o meu leitor bem amado
consentirá de bom grado
que, pois que o nome lhe disse,
ao soalheiro o conduza;
e que as velhinhas da aldeia
venham pela sua vez
conversar ao sol da tarde
na sua linguagem rude.
É que ha muito que se estude
num quadro tão portuguez.

Eu tenho medo, formosas,
que os vossos ouvidos fira
este capricho da lyra
que tanto quer á verdade;
e a verdade é feia ás vezes;
mas quem ha de á tentação

fugir? senhoras, quem ha de
quebrar encantos? eu, não.
A lyra quer, e eu não posso
resistir ao seu desejo;
perdoaes-me?... oh! sim! bem vejo.
O soalheiro é tão nosso!...
Vinde, vinde ao soalheiro,
ao parlamento da aldeia,
ao forum do mulherio,
á notavel assembleia,
onde póde o mundo inteiro
murmurar da vida alheia
com liberrimo alvedrio.

Nem vós sabeis quanto é nobre
este comicio senil!
assembleia maldizente,
contra a qual verga impotente
do tempo ô braço viril!

Póde passar sobre a terra
geração e geração;
crie a paz; destrua a guerra;
na febre dos cataclismos
revolva-se o mundo embora;
a aldeana povoação
ha de salvar dos abysmos
o soalheiro e o serão.

Vem do principio das eras,
ao fim dos tempos hão de ir,
têm futuro e têm memoria,
são padrões e têm brasão;
se, fatua, os despreza a historia,
consagra-os a tradição
e os guarda ás eras por vir.

Foram paes da gazetilha,
mestres de noticiaristas;
os discipulos e a filha
podem renegar da origem,
phantasiar filiações;
mas é filha e são discipulos,
dizem-n-o a phrase e as feições.

Hoje mesmo por seu turno
são inda os jornaes da aldeia
francos, gratis para todos;
um, diurno; outro, nocturno.
Bem distinctos redactores
redigem os dois jornaes:
o —*soalheiro*— é das velhas,
o —*serão*— das raparigas;
typo e formatos iguaes.
Um d'elles sae todo em prosa;
d'outro sae parte em cantigas.

Seguem diversa politica,
o que os traz em guerra eterna;
chufas, insultos, rancor,
jogam-se e pagam-se á vista.
O soalheiro é retrógrado;
quando mais, conservador;
o serão é progressista.

Leitores, ao soalheiro!
Se não será de valia
a discussão, e animada,
sendo o baile da morgada
dado para ordem do dia?!

Resta descobrir agora
o remansoso logar
onde as velhas engelhadas
vem fiar, dobar meadas,
tomar sol e diffamar.
Busquemos:
Além... faz vento!...
nada! Aqui... Deus, que poeira!
se as velhas sabias... pois não!
Este é o *Largo da Amoreira*...
peior! este é do serão!
Andam comnosco as miragens!

Pensemos: vou buscar pela memoria

umas recordações da minha infancia
que inda, apesar do tempo e da distancia,
vejo ledas sorrir na minha historia.

. . . .

Em tres distinctas paragens,
conforme os dias e os mezes,
na velha aldeia de Gonta,
se congrega o soalheiro:
é, no outono, ás *Quatro quinas*,
e no *Outeiro* algumas vezes;
na primavera, no *Alpendre;*
no inverno, ao pé da capella
que está no centro da aldeia.
(O estio é sempre de ferias
nesta e naquella assembleia.)

. . . .
. . . .

Pois seja outono, embora! hoje no Alpendre
celebra sessão magna o grão soalheiro,
por excepção; graves rasões d'estado,
conveniencias de serviço, indicam
este abrigo por mais apropriado.
Se ali convergem, se ali vem passar
os caminhos que dão para o *Terreiro,*
onde a fidalga mora, — em que outra parte
o batalhão senil ha de acampar?

É ponto d'estrategia, e Buonaparte
não teria escolhido outro logar.

Leitores, ao Alpendre! ao soalheiro!

Vae a sessão tumultuosa:
recriminações, e ápartes,
apostrophes e aggressões,
vaias, celeuma insultuosa,
perfidas insinuações,
chovem de todas as partes!

Escutemos: falla agora
Manaita:

— «Assim Deus me salve
como a vi ao lusco-fusco
a dar abraços no Antonio
numa casa de Parada...»
— «Em casa de quem?»
— «Ahi está
quando me leva o demonio!
Não digo de quem, já disse!
e foi verdade!»
— «Mentira!»
— «Sim? é mentira? oxalá
que aquella rosa divina

me não torne a alumiar,
se eu não vi honte' á noitinha
a Maria da Sagucha
numa casa, ao pé do lume...
digo mais! tem ido á Ucha!»

(Jura fàlso; é de costume,
por isso ninguem se admira.)

—«Inda antes d'hontem á noite
foi a senhora morgada
levar esmola á Sagucha
co'esta pequena... Vem cá!
conta, conta, Rosalina:
quando tu mais a fidalga
viram aquelle tormento...»
—«Vês? e acredita a creança,
que nem é de sacramento!»
—«Deixa fallar a menina,
testemunhadeira!... Conta!
quem viste lá co'a Delfina?»
—«Ninguem: chorava e chorava,
sósinha, encostada á porta,
como qualquer que não tem
lume, nem pão! tanto monta...
como morta!»
—«Ora aqui tens!...»
—«Mal peccado

que vossês inda algum dia
me peçam todas perdão
de virem na minha cara
dizer que não vi, que não!...»

—«Santa Maria!
O espantalho da mulher
não deixa fallar ninguem!
pois olha, mais desgraçada
que aquella... não póde haver!»
—«Sim, sim! tem mais que comer
do que tu nunca tiveste.»
—«Porque a senhora morgada...
Ó mulher, és uma peste!»

—«Anda!... acaba!...
deixas a conversa em meio?
tudo é: —senhora morgada—
tudo é: —senhora morgada...—
Vá, diga o mais, não se esqueça!...»
—«Que tens que dizer, malvada?!»
—«Digo... que será ditosa...
se as visitas á leprosa
lhe não derem na cabeça!...»

(Não falla mal a Manaita.)

—«Co'a mão esquerda me benzo!
Ai! que mulher!... ai! que raio!...»
—«Pobre moleira, agua fresca!

póde dar-lhe algum desmaio!...
Pois não vêm a santarrona
feita de pau d'amieiro
creado no meu lameiro?!...»
—«Tem a Manaita rasão!»
—«Falle! falle!»
—«Se não quer
ouvir, ou fallar...»
—«Embora!
suma-se! deixe a mulher!»
—«A gente diz... por dizer;
não por falta de respeito,
nem com damnada intenção.»
—«Nem mais! Tu comes-lhe a sopa,
e eu como só do—se-o-tenho;—
tens bom pasto e boa roupa,
e eu co'a pobreza me avenho!»
—«Pois eu por mim...»
—«E eu tambem!»
—«Se é rica, pouco me importa!
póde jantar duas vezes,
que eu janto uma, e vivo assim.»
—«Se tem estrepes á porta
e espinhos dentro da sala,
não me hão de ferir a mim.»
—«Não vou lá mezes e mezes.»
—«Que fuja e que me não veja
quando eu for importunal-a!»

(Isto quer dizer: —inveja.)

—«Aqui estou eu, mais não lhe quero mal...
o mal que eu lhe desejo elle me venha!
que, andando no domingo á tarde á lenha,
vi uma coisa que me fez scismar!»
—«Que foi, Maria?»
—«Conta!»
—«Que seria?»
—«Ao pé do *Monteiral*
senti correr a toda a brida!... ergui-me,
e vi por monte abaixo á desfilada
o cavallo castanho da morgada,
e a dona dobradinha como um vime
sobre as clinas do bruto,
que nem sequer levava um pello enxuto.
Andavam na fundada uns caçadores,
e ella correndo e olhando; de repente,
ouvi-lhe... (ponho as mãos sobre umas *Horas!)*
—Meu Deus! que ia eu fazer?... Oh! felizmente
que me não viu ninguem!— Dobrou-se atrás...
o cavallo empinou-se!... ó Mãe divina!
foi-se a voltar e descambou-lhe um pé!...
tentou poisar as mãos, fugiu-lhe o chão!...
—Animo, *Açor!*— dizia-lhe a menina!
eu, tremendo agachada,
a cobrir-me co'as mãos para não ver,
e elles barranco abaixo de roldão!»

— «Jesus!»

— «Meu Deus!»

— «Gritáras d'um penedo!»

— «Queria, sim, gritar, mas tinha medo
d'ella morrer e d'eu ficar culpada!
Depois, fui-me espreitar d'entre uns silvados...»

— «E que viste?»

— «Jesus! que falta o ar!»

— «Vi-os ambos no chão estatelados,
na *Barroca da Serpe* lá no fundo;
e vi-a levantar-se a coxear,
encostar-se ao salgueiro, e ver na perna
muito sangue a correr e um bom rasgão!»

— «E tu sem lhe acudires!... sempre ha gente!...»

— «Nunca, nunca pensei que eras tão crua!»

— «Se me tremia tanto o coração!...
fôras-lhe acudir tu, que és mais valente!...»

— «Que mais?... Viu muito sangue... continua!»

— «Vi-a sorrir, dizendo: —Pouco importa!—
Depois, foi-se ajoelhar de vagarinho
ao pé do seu cavallo, que arquejava
sem se mover, no chão;
abraçou-lhe o pescoço, e com carinho
disse, pondo-lhe a cara sobre a clina
(assim Deus me perdôe!): —Eu não estou morta!
não, não, meu pobre Açor!
mas fiz-te muito mal, fiz, meu amigo;
lambeste-me inda as mãos esta manhã,

eras tão bom e tão leal commigo!...
Jesus, como eu sou má!
Ergue a tua cabeça tão formosa;
se podesses saber a minha dor! —
Elle, como se fosse alma christã,
olhou para ella, assim como quem diz:
— Menina, eu bem percebo, mas não posso
erguer-me d'este fosso!
— Animo, Açor! acima! acima! vá!
não foi nada, passou! e eu nunca mais
serei creança e louca; tu que queres,
se trago tão perdido o coração?...
Açor, Açor, não ralhes das mulheres! —
Cavallo em pé, e ella a lavar-lhe o sangue,
sem se lembrar do seu! Deliberei-me
a descer para ella, e já de perto:
— A fidalga caiu? — lhe disse. — Não!
O meu cavallo... um leve tropeção...
Mas peço-te um favor: não digas nada.
Ahi tens para os teus filhos. — Montou... foi-se!
Um pouco mais, e era uma vez morgada!»

.......!..............................

— «Lá que ella anda perdida de cabeça
e assim meio arvoada,
isso anda, o diabrete da morgada!»

—«E então por boa peça!...»
—«Ó moleira!... começa!...»

—«Eu sei coisa mais bonita!
Ella anda sempre sósinha...»
—«Sósinha, a cavallo e a pé!»
—«Tal e qual!»
—«D'aquella idade,
nem sei como o pae a deixa...»
—«É preciso ser bem cru!
sem temor de Deus, nem fé!»
—«Cala-te, por caridade;
fallo eu, ou fallas tu?»
—«Quem falla és tu, Damiana;
acaba, acaba a conversa.»
—«Vinha outro dia na estrada,
ao pé da minha cibana...
contaram-m'o, que eu não vi;
vinha a passo, ou vinha a trote,
pouco importa para o caso;
nisto viu-se um rapazote
bem vestido, —um figurão!
já co'uma perita e um buço,
correndo atrás da morgada;
chegou, passou-lhe adiante
num lindo cavallo ruço,
virou, cortou-lhe a passagem,
e disse com ar chibante:

—Senhora, é longe a romagem,
d'onde vem tão triste e só?—
Ella tremia, encarnada,
a ver se avistava alguem.
—Bella, estamos sós na estrada,
ninguem nos ouve, ninguem!
—A minha casa está perto,
e eu não sei porque motivo...
—Primeiro foi por ter dó
de achar assim num deserto
uma menina tão só!
mas ao ver quanto é formosa,
quem não ficára captivo?
—Senhor, os homens de bem
respeitam sempre as mulheres!—
E nisto chorava a triste,
e chorava tanto! tanto!
—Meu Deus! a chorar de pejo!
o meu amor não resiste!
vou já seccar esse pranto,
quero enxugar-t'o num beijo!...—
Inda não acabava, e já sentia
cingida co'o chicote a cara toda!
Sentiu que a um grande abalo
cedêra o seu cavallo;
olhou de roda... e nada!...
e nada!... Só se ouvia
um galopar ao longe, e uma risada

d'homem que estava perto e lhe dizia,
apontando-lhe um punho vigoroso:
—Vá lavar essa cara!
parece-me um leproso!—»

—«Bravo!» bradava o soalheiro em côro.
—«Viva a morgada!»
E a meia voz sorrindo:
—«Demonio da mulher! se ella anda espiritada!»

—«Aqui está quem a viu á meia noite,
ao pé da *Corredoira,*
a cantar, a cantar á lua cheia,
que era um regalo ouvil-a! uma sereia!»

—«Por uma noite bem bonita,
e de São João, por signal,
vi eu saltando a morgadita
numa fogueira no quintal.
Saltava e ria que era um gosto;
trazia tudo em reboliço;
e as barroquitas do seu rosto
par'ciam rosas! que feitiço!

Nisto, ouviu-se de repente
na aldeia um côro a cantar;
ella escuta, e deixa a gente,
e vae sentar-se a chorar!

Isto vi eu! mas que choro,
que partia o coração!
e a dizer: —Que lindo côro
e que saudosa canção!—

Sempre vou dizer agora
o canto das raparigas
com que ella tanto se mata:
—*São João por ver as moças*
fez uma fonte de prata!—
Por isto só ella chora!»

—«Aqui ha tempos... haverá dois mezes,
fallou assim a um padre virtuoso:
—Tenho tanto dinheiro,
que nem sei mesmo em que o empregue ás vezes;
quer ser meu esmoler?
tome esta bolsa.— E disse-lhe um segredo.
Pouco tempo depois uma mulher,
a mais pobre e doente
de legua, ou legua e meia em redondeza,
tinha saia de pano forte e quente,
chinelas e bajú, camisa e cama,
e cobres na algibeira!—uma princeza!»

—«Mas se o pae lh'o não dá,
avarento como é, d'onde lhe vem?
No tempo em que era viva a santa mãe,

inda vá!
dava-lhe tudo, e bem podia ser...
mas assim, quem lh'o deu?»
—«Eu cá não sei!»
—«Sei eu!
uns anneis d'oiro que mandou vender!»

—«A morgadinha vae bem!
atrás d'um bom poupador...»
....
—«Olha, olha o que lá vem!»
—«Bravo, que tafularia!
Quatro senhoras... tres homens...
com seu creado de farda!..»
—«Quem me dera na ucharia!
vae chegar nobreza em barda!
ha de haver vianda basta,
vinho a potes, doce a rôdo...»
—«Faz' como eu cruzes na bôca
contra o demonio do engodo,
e vae-te espiando a roca.»
—«Olha esta que vae na frente!
como o seu vestido arrasta!
como o seu cavallo branco
dá pinotes de contente!...»
—«Parece nova e bonita
por baixo do véu azul.»
—«Conheço-a: é D. Constança

do palacio do *Paul.*»
—«Rompe Troia esta peralta!»
—«Tal e qual.»
—«É pequenita,
mas dança!... aquillo é que dança!»
—«Manha e léria não te falta,
e por fim não sabes nada!
esta é prima da morgada,
a que vive em Santo Estevão.»
—«Quem? esta, a D. Joannita?!...
Se inda ha tres annos que a vimos,
e ella era tão pequenina!...»
—«Fez-se mulher no entrementes!»
—«Oxalá que eu seja cega,
e aquella rosa divina...»
—«Manaita, se juras, mentes.»
—«Sim, sim, seja lá quem for!»
—«Inda agora não conheço
este paninho d'armar?!
Vêm-n-a ali muito aceiada?
vive por muito favor
na quinta que é da morgada.
É bonitinha e faz vista,
sabe escrever e contar,
mas nada tem, mesmo nada;
tem o que traz sobre o corpo...
se o não dever á modista.»
—«Dizem que o senhor Ricardo...»

—«Vá! dize tudo!... Já agora!...»
—«É quem lhe faz pé d'alferes.»
—«Queres dizer: —que a namora.»
—«Isso é que eu não sei, Thomasia;
todas nós somos mulheres...»
—«Não te assustes do moscardo,
que já tens a pell' durasia!»
—«Ó comadre, dá cá a mão!
Que menina!... A gente, ás vezes...
Quem falla? eras já taluda
pelo tempo dos francezes,
e queres fingir que não...»
—«Que Anna Bolena!...»
—«Caluda!
vossês não olham quem passa?»
—«Dois... quatro... cinco... seis... oito senhores!»
—«Felizes tardes!»
—«Venham com Deus.»
—«Olhem que graça!»
—«Lindos rapazes! lindos! oito flores!
sem presumpção! tirarem os chapéus!...»
—«Isto é gente de tronco!»
—«É um gosto vel-os!»
—«E os lacaios atrás... que bem fardados!»
—«Eu conheci-os todos: são morgados
que vem dançar á festa.»
—«E hão de ir dizer depois os da cidade,
os —carinhas de fome— que não presta!»

—«É verdade! é verdade!»
—«Ha de ser d'insilvar esta funcção!
Como a fidalga não será ditosa
com tanto pretendente á roda d'ella,
a dizerem-lhe todos que é formosa!...»
—«E que alegria o velho D. Gastão...»
—«Pois agora sei eu...
(neste mundo por fim é tudo engano!)
quem ha de ter bem negro o coração!»
—«Eu sei!»
—«Mais eu!»
—«Mais eu tambem!»
—«Albano!»
(Ih! forte admiração!)
—«Pois póde ser que eu me engane,
mas de quantos vem á festa
nenhum lhe dá mais affecto!»
—«Eu digo mais: nenhum presta
ao pé d'elle, em corpo e alma.»
—«Aquillo é rapaz completo!
basta ver com que amargura
elle chorou por seus paes,
que passou noites inteiras
sobre a sua sepultura!»
—«Nem mais!»
—«Pois verás, não leva a palma;
morre por ella, isso vê-se!
mas, como se sente pobre,

quer voar, faltam-lhe as azas...
esmorece!»
—«Pobre, inda assim...»
—«Que tem elle?
tem a Domingas —a preta—
uns livros numa saleta
e os pardieiros das casas!»
—«Fazendas...»
—«Deve tudo!»
—«Foi uma casa grande!... más cabeças...»
—«E maus annos tambem. Por fim, Coimbra...»
—«Coitado, o pae... levou-lhe muito o estudo!»

—«Sim, sim! quem quizer que o gabe,
que a mim já me não engana!
Lá que elle sabe, isso sabe!
Anda agora de romagem
ao altar de S. José:
quer ver se faz a viagem
do Brazil, sem molhar pé.»
—«Se tu és moleira, e basta!
inda que alguem se levante,
sempre a tua lingua arrasta.»
—«Que tens que dizer d'Albano?»
—«Ora o lanudo! morgado!...
verieis que ao fim d'um anno
já andava mais penteado!
Diz assim uma cantiga:

Não te importe a minha vida,
nem te cancem meus destinos;
tenho sido pretendida
d'outros meninos mais finos.
Aprendi-a em rapariga.
Que tome a frente quem ande,
quem tiver azas—voar!»

(Não é difficil ser grande;
difficuldade é medrar.)

. . . .
. . . .

Já temos aprendido quanto basta.
Quando se anda buscando uma verdade
é nosso mestre o mundo—a sociedade,
na distancia do throno ao soalheiro.
Cada qual como póde a vida arrasta;
tem o astrologo o céu; os reis, a terra;
o diplomata, a paz; o heroe, a guerra...
fique aos poetas... o universo inteiro.

CANTO V
PRENDA DE ANNOS

CANTO V

PRENDA DE ANNOS

> Era a noite da loucura,
> da seducção, do prazer.
> GARRETT—*Folhas caidas.*

Hoje é toda fulgor, toda fragrancia e musica,
toda murmurio e riso, a senhorial mansão!
reverberae, cristaes! soae, concertos magicos!
voae, almas e amor, na valsa e na canção!

Erguei-vos de prazer, amantes seios turgidos!
alegre mocidade, ebria de fogo e luz,
estrellas do sarau—formosas virgens pallidas,
dae, dae a mão tremente á mão que vos conduz!

Voejae na aerea dança, ó loiras aves nomadas!
relampejae, fugi, reapparecei subtis!
cruzae-vos, repassae, multiplicae reverberos,
aureas visões d'um sonho! anhelos que sorris!

Erguei-vos, crepitae, tremei, luzes prismaticas!
roseos festões, sorri! labios, fallae de amor!
referva, corra, espume em Niagara esplendido,
em ondas o prazer, em raios o esplendor!

Mal pisa o rancho aereo as alcatifas morbidas,
de pombas semelhando, em seu voejar sem fim,
bando que paira, e vae roçar co'as azas candidas,
voando ao rés da terra, as flores de um jardim!

Redomoinhae na valsa, ó mariposas tremulas,
que não sabeis que a vida ao pé da luz se esvae,
e que ao prazer vos furta um só momento rapido
entre o soar de um beijo e o esmorecer de um ai!

A vida é aura do mar que passa em harpa eólea,
e treme de prazer ao som que fez vibrar;
e em vez de ir seu destino, á rosa, aos céus, aos jubilos,
volve, na harpa se enreda, expira e cae... no mar!

A dança é febre, excita!... e após, cançaço frigido
que toma corpo e alma! É a virgem do salão,

ave agarrada a um seio onde Vesuvio intimo
a espia e lhe prepara a morte na erupção.

Folgae, que o prazer passa e o baile tem bem proximos
os lustres e a manhã! sonho de amor fugaz!
raio que fulge e expira em meio a dois crepusculos!
sorrisos que um bocejo accende e outro desfaz!

Virgens, segurae bem na lisa fronte angelica
a singelinha flor que vossa mãe vos deu!
se o baile vos tentar sumir no escuro vortice,
furtae a flor e a mão á mão que vos prendeu.

E quando, após o baile, a estancia muda, placida,
onde a innocencia véla os sonhos virginaes,
vos acolher, não veja o vosso espelho fulgido
o escorregar d'um pranto, o vasquejar dos ais!

....
....
....
....

É toda hoje prazer, toda fragrancia e musica,
toda esplendor e riso, a senhorial mansão!
reverberae, cristaes! soae, concertos magicos!
voae, almas e amor, na valsa e na canção!

No relvoso, extenso pateo,
que circumdam trepadeiras,
como doira as laranjeiras
luz que foge dos salões!
como bate nos seus muros
e em seu ambito reboa
tanta voz que dentro soa
em protestos e em canções!

Como a fonte se derrama
em palhetas de oiro e prata!
como o lago lhe retrata
tanto sylpho em seu cristal!
como as flores das grinaldas
que se encurvam das janellas
bebem raios das estrellas
nesta noite festival!

E as singelas camponezas
que se encostam junto ao muro!
que sorrir tão franco e puro
de seus roseos labios sae!...
Como as aves, acordadas
pelo estrondo e pelas flammas,
se debruçam entre as ramas
a espreitar o que lá vae,

e a cantar um canto vago

que aprenderam junto ao ninho,
todo amor, todo carinho,
todo anceio e candidez,
como o idyllico murmurio
que escutou discreta faia
junto á fonte, ao pé da olaia,
uma vez... uma só vez!

E o jardim! que mago aroma,
nos canteiros e alegretes,
de baunilha e limonetes,
de violetas e serpol!
e as campanulas, que tremem
quando as beija a meiga lua!
e a pendente fronte nua
do saudoso girasol!

Vede agora em cada ramo
dos loireiros viridentes
quantas lampadas pendentes!
quantos lumes a brilhar!
Quem te deu, saudoso bosque,
tantas folhas rutilantes?
tantas flores de brilhantes?
tantos pomos de luar?!

Tudo é luz, frescura e risos,
tudo canticos e flores,

junto ao ninho dos amores
da formosa sem rivaes!
céu e lua, astros e brizas,
fonte e aróma, e rosa e planta,
tudo esplende e tudo canta
uns hosannas festivaes.

Quinze annos!... Luz de aurora e céu de amor!... quinze annos!
Ó rosea primavera! ó singeleza! ó graça!...
Que triste e longa historia ante os meus olhos passa!
que lutos eu colhi! que dor!... que desenganos!...

Cala-te, consciencia! esconde-te, memoria!
que vens aos meus festins, como tremendo espectro,
Macbeth ensanguentado, a reclamar teu sceptro!
a lividar-me o riso! a acinzentar-me a gloria!

....

Quinze annos conta a bella Josefina,
e céus e terra lhe consagram festas;
como se a fada abrisse a mão divina
e apparecesse inteiro o paraiso.

No bosque onde estrelleja
tanta fulgente rosa diamantina,
ha murmurios, e danças, e coreyas.
Não são antigas nymphas das florestas:

são beiroas modestas,
pobrinhas do logar,
que trazem no regaço umas estreias,
esp'rando que ali venha ella, a formosa,
cheia de graça e riso,
a quem hão de offertar a prenda pobre,
lembrança do seu dia,
e dizer-lhe: —Senhora, ao nosso lar
chegou esta alegria!
esta prenda é signal de muito amar
á nossa irmã, que é boa, e linda, e nobre;
para que Deus a faça bem ditosa
as nossas mães ficaram a resar,
e nós, porque não finde a romaria,
voltamos de hoje a um anno aqui dançar.—
Depois uma florinha, uns ramilhetes,
um pomo grado, uma fitinha verde,
o alvo cordeiro, a trança de cabello,
a fina renda, a caixa de alfinetes,
o lencinho bordado, o annel singelo...
os mil pobres thesoiros que adivinha
no lar sem pão uma alma de rainha.

Alem, ao pé do lago,
no floreo pavilhão,
entram agora uns vultos, e em segredo
fallam e andam subtis, como se a medo
se escondessem ali!...

quem será?...
outros furtivamente colhem flores,
alecrim fino e ramos do arvoredo,
e os levam para lá!...
reina a fadiga, e em cada rosto ledo
ha susto que sorri!...

....

....

Voltemos aos salões febricitantes,
ao centro do prazer, onde se inclina
cada fronte, se passa Josefina;
cada lume, se os prismas de brilhantes!

Abri passagem á rainha,
nomadas grupos dos salões!
quando a realeza se avisinha
fazem-lhe estrado os corações.

Como é formosa! que singelo
vestido azul!... convem-lhe a cor!
no collo... o collo! e no cabello...
tranças lustrosas e uma flor.

Quem póde, quem sabe contar os segredos
que peitos amantes gemiam ali?
quem sabe que amores, ânceios e medos
se escondem num rosto que treme e sorri?

Se as bellas soubessem que força de encanto
lhes brilha no rosto, lhes soa na voz,
que fogo celeste scintilla em seu pranto,
na prece, no mando... que fôra de nós?

Não são as vaidosas que ostentam nas salas
requebros mentidos, ou pompa fallaz
de riso ou suspiros, de enfeites e galas,
que prendem! rainhas d'um reino fugaz,

enluta-lhes o olvido as glorias da festa;
a c'rôa lhes murcha; o sceptro lhes cae;
só tu, ó formosa, singela e modesta,
conquistas imperio que nunca se esvae.

Onde ella assoma, o borborinho e o aspecto
das salas se transmuta;
modifica-se o tom;
tal se altera na voz, na orchestra, o som
que ora treme, ora ri, ora se enluta,
quando surge no palco um novo affecto.

Eil-a junto ao piano.
Longe, no vão de uma janella, Albano
buscando, sem ser visto, vêl-a e ouvil-a.
Em volta d'ella, unidos, agrupados,
para que os veja attentos a applaudil-a,

collocam-se os morgados.
A um lado, o nobre D. Gastão de Mello,
pae da gentil menina;
um velho alto, delgado, airoso e bello!
é como a faia entre floridos prados,
pois tem de neve as barbas e o cabello.
Cercam-n-o uns primos gordos e anafados.
Ao fundo estão Ricardo e Joannita:
elle, a satyra audaz, o fino engenho;
ella, a mais provocante morenita
que usa de signaes pretos semeados
em rosto malaguenho.
Grupos aqui e alem, e em roda as damas.

Vae cantar Josefina. O murmurinho
passa, rareia... expira!
o piano começa; as almas pendem
dos labios da tremente sensitiva;
já os vagos harpejos se suspendem;
Começa a virgem casta a
Casta Diva!

Ó lua, pára, escuta
o flebil canto aereo!
no espaço azul sidereo
se expande a vibração;
ouve a sacerdotisa
que em supplices accentos

e em magicos lamentos
te invoca na amplidão:

—«Casta Diva que prateias
a sagrada selva annosa,
volve o rosto a nós, formosa!
puro, limpido, sem véu!»

Parae, auras do outono
que andaes furtando amores
ao calice das flores,
parae! ireis após
levar á Casta Diva,
que sobe á immensidade,
as notas de saudade
que solta aquella voz!

—«Dos crueis fogosos seios
modifica a intensa chamma!
branda paz aqui derrama
como a paz que dás ao céu.»

Que voz! flexivel, meiga,
e limpida, e vibrante,
como em seu trilo amante
a solta o rouxinol!
tem da ventura o enleio,
echos de voz que implora,

lamentos de quem chora,
gorgeios do arrebol.

E Albano como a escuta
ancioso, enternecido,
tão louco e tão perdido!...
A alma que lhe elle deu
vae presa áquellas notas
em mystico delirio
a demandar o empyreo!
a descançar no céu!

Terminado o canto angelico
da saudosa cavatina,
soa em côro applauso fervido!...
Inda ao longe a voz divina
se derrama em sons aereos
pelos echos da campina,
inda a lua melancolica
ouve, pára, escuta, e inclina
para a terra a fronte pallida,
quando a virgem, purpurina
como a flor de rubras petalas,
volve ao astro que a domina
meigo olhar ancioso e rapido,
e no rosto que a fascina
vê brilhar furtiva lagrima!

Que lhe importa o que ouviu, se todo o encanto
está naquelle pranto?!
se veio aureolar-lhe a fronte bella
a luz d'aquella estrella?!

O grupo dos primos apafados

—«Que linda voz, meu primo D. Gastão!
tomára uma rainha esta garganta!...»
—«Muito bem, muito bem, priminha! bravo!
Meu primo, a tua filha quando canta
faz mesmo estremecer cá dentro o peito
á gente que tem alma e coração!
Eu tambem já cantei!...»
—«Ora! e eu que ouvi!»
—«Acompanhado a cravo.»
—«Bem sei, bem sei!»
—«A voz nesta familia é já de herança;
meu pae, aquelle grande maganão!
que era teu... nono primo, e se entroncava,
tal como tu, na casa de Bragança,
cantava no *Veludo* e na *Constança!...*»
—«E a prima, a... bisavó da prima Eliza!»
—«A mãe do primo Antão de Albergaria?»
—«Essa mesma! naquelle *Triste Mocho!...*»
—«Minha mulher, que é tua prima... oitava,
como ella cantava:

—Azas! azas como ao cysne!
quero voar aos seus lares!—

D'onde é isto, Gastão?... Elle sabia!»
—«É da *Nova Heloiza;*
isso não é *modinha,* isso é poesia!»
—«*Nova,* já não; mas é bonita a *Luiza!*»
—«Transumpto da alma de um illustre cego
que todos conheceis.»
—«Quem é?»
—«Castilho!»
—«Castilho!... não conheço; as *azas,* sim.»
—«Os cegos cantam coisas muito lindas,
e nunca vem debalde á minha porta,
que eu dou-lhes preferencia a qualquer pobre.»
—«Eu cá por mim
gosto d'elles; e tu, primo Gastão?»
Gastão sorria de piedade. Albano
chega no entanto e diz:
—«Peço perdão!
Castilho, o creador de tanta gloria
de inspirada poesia,
é vulto venerando, e serio, e nobre!
não vê, nem terá pão!... que é dura a sorte
dos que têm de viver alem da morte!
mas ha de dar-lhe aurea mortalha a historia!
Se o inspirado cantor inda algum dia
passar á vossa porta,

não entra, descançae! é muito grande,
não lhe cabe lá dentro a magestade!
Pobre morreu Camões: pedindo arrimo,
foi d'um servo, e não sua, a ultima prece!
por não achar palacio onde coubesse,
abriu-lhe o seu, que é immenso, a caridade!»

(Ignora tudo um nedio... oitavo primo!)

O grupo dos morgados em volta d'ella

—«Que bem, prima Josefina!
tomára eu ser lua agora!
veria se não baixava
dos céus onde ella fluctua...»
—«Que pena que seja a lua
tão inimiga da aurora!»
—«Bravo! formoso conceito:
a priminha é a aurora esquiva,
sim! e a lua... é... a Casta Diva!
muito bem!»
—«Porto e Lisboa
que blasonam de cantoras,
têm por lá muitas senhoras
que cantam bem! mesmo bem!
Como a prima Josefina
digo que não!...

não têm! juro que não têm;
nem mesmo as de profissão!
Ouvi cantar a Volpini,
a Borghi, a Lotti, a Tedesco...
inda tenho da Novello
tal ou qual reminiscencia...
nunca ouvi timbre tão fresco,
estylo tão puro e bello!...
nunca! em minha consciencia!»
—«Que bem, prima Josefina!»
—«Se os anjos cantam assim,
viver na mansão divina
deve ser bom!...»
—«Muito bem!...»

(Fallem antes para mim;
ella não ouve ninguem.)

Grupo de senhoras

Alto

—«Muito bem, e com muito sentimento!»

Entre si

—«A voz, coitada, é fraca, é de creança,
mas afinada muito, e graciosa.»

—«Deve estudar, que é uma bella esp'rança.»
—«Tenho medo que a percam tantos gabos;
ella é modesta, hão de a fazer vaidosa!»
—«D'aquella idade... assim tão requestada!...
olha! tudo ao pé d'ella!»
—«É muito rica, todos a acham bella!»
—«Um casamento bom para teu mano.»
—«Pois sim! tu não a vês tão namorada?»
—«Já me quiz parecer! aquelle Albano!...»

Ricardo e Joannita ao fundo

—«Olha! as mulheres raivaram!
vês o desdem como adeja?...»
—«As novas, será de inveja.»
—«E as velhas porque acordaram.
Como os prosapias cadimos
fazem côrte a D. Gastão!
vês ali?»
—«De que será que elle ri?!»
—«Das tontices de seus primos.»
—«Ricardo, poupa a velhice!
cabellos brancos são luto!
e os nobres no seu caminho...»
—«Plantam *arvores* sem fructo
com folhas de *pergaminho*,
bem sei.»

—«Ricardo, obrigada!»
—«Dão, por descuido, um raminho...»
—«Como eu... por estar presente.»
—«Não; porque a minh'alma o sente.»
—«Lisonjeiro!... e Josefina?!»
—«Outra flor exceptuada.»
—«E tu?»
—«Por ora mais nada.»
—«Mas tu, que és filho de nobres...»
—«Não tenho primos grutescos!
Eu e tu, minha Joannita,
inda temos uma dita!...»
—«Dita de...»
—«Por sermos pobres
perdermos taes parentescos.»
—«Ricardo!... Lingua maldita!
Ouve!... a voz de Albano!... escuta!...»
—«Bravo! estylo romanesco!...»
. . . .
—«Aquillo sim, que é nobreza!»
—«Aquillo sim, que é loucura!
De formosas phrases ôcas
tem a indigencia fartura!...
Este orgulho de pobreza
não enche, mas incha as bôcas...
Se ha nada mais quixotesco!»
—«Até de Albano, Ricardo?!
Mas tu bem vês, nem tugiram,

nem palavra responderam.»
—«Vae-lhes perguntar se ouviram,
e, ouvindo, se perceberam.»
....
—«Repara, Ricardo! attenta
no cortejo ciumento
que persegue Josefina,
e como ella, estranha à luta,
me parece venturosa
de ouvir tanto rendimento!...»
—«Podéra! se os não escuta!»
—«Ricardo, agora sê meu...»
—«Agora só?»
—«Deixa os mais,
que tudo que não sou eu
se me afigura rivaes.
Sou muito, muito zelosa...
Sempre um riso impertinente!...
Ouve e responde: imagina
que vens lá de muito longe,
que chegas, e de repente
vês Joannita e Josefina:
qual te parece mais bella?»
—«Ella.»
—«Mal haja a minha pergunta
e a tua rude franqueza!»
—«Pergunta mais: —E a quem davas
logo inteiro o coração?»

— «Eu?!... Não!»
— «Vou, sem gracejar agora,
fazer-te uma confissão:
eu sou... se queres, um louco...
um philosopho... um perdido...
importa pouco!
homem sem alma,
sem futuro e sem historia,
que nunca soube se a palma
que deixára após é symbolo
de um martyrio ou de uma gloria,
mas que em seu correr sem norte
um dia emfim parou,
porque te viu e amou.
Agora, minha morena,
pelos teus olhos ardentes!
pelo teu cabello ondado!
pelos signaes do teu rosto,
que o fazem tão namorado!
por esse riso que nasce,
como nasce o sol, tremendo,
tremendo na tua face
por mais que o rosto lhe esquives!
por ti! pelo teu futuro...
por minha mãe! que mais queres?
juro
que vivo, porque tu vives,
e morro, se tu morreres!»

Veiu o piano interromper a musica
d'este divino enleio:
pelos rosados labios de Joannita
lhe transbordava o seio
em ondas de prazer, amor e dita.
Cobriu de melodias o piano
os effluvios da ardente namorada,
como cobre o véu branco e transparente
o celico rubor da desposada.
Vae recitar Albano;
Josefina acompanha em lento harpejo
os versos de uma valsa apaixonada:

—«Ó primavera! é tua festa esplendida!
tudo o que exulta é convidado aqui!
tudo se achega aos teus effluvios mysticos!
tudo se enfeita, e refloresce, e ri!

Tudo é feliz! tudo o que nasce e cresce,
viça, floresce, luz, rasteja ou se ergue,
voa, braceja, corre, canta ou chora;
a noite, a aurora, o paço, o templo, o albergue!...»
....
E a mal soada musica
voejava no teclado
como os murmurios tremulos
de um seio apaixonado

que diz segredos celeres
balbuciando um—sim!...
Vede os suspiros trepidos
e as faces de carmim.

. . . .

—«Tudo é feliz! de musgo novo, morbido,
os ninhos brotam no arvoredo a flux!
Bemvinda aurora dos bafejos tepidos,
chuvas de flores, e canções e luz!

Em nuvens de oiro o immenso espaço abysmas!
dás novos prismas ao painel sidereo!
suspenso orvalho de esplendor saudoso!
pó luminoso do caminho ethereo!»

. . . .

E o mystico dialogo
—a musica e a poesia—
recresce em fogo e jubilos,
como ondas de harmonia!
A rosa tenra e timida
ergue a corola ao céu!
A branda vaga nomada
referve no escarcéu!

. . . .

—«Tudo é feliz! cada sorriso fervido
diz (e não sabe porque o diz)—amor!—
cada suspiro se prolonga em extasis,
e diz ternuras em secreto á flor!

Tudo é feliz! a das soidões senhora,
fera ou pastora que descanta e ama;
acha por leito, do arvoredo á sombra,
flaccida alfombra na propicia grama!»

. . . .

Ai! que voejar de fremitos
nos dois amantes seios!
que arroubos tão poeticos
de amores sem receios!
Nem um vapor tenuissimo
viam erguer-se ao sul!...
Dois cysnes sós, reconditos
sobre o seu lago azul.

. . . .

—«A terra exulta, e do seu manto gelido
sacode as pregas, reverdece emfim;
e o vento que hontem rebramava asperrimo
tornou-se aragem mal que a viu jardim!

Ao bafo agreste do florente maio,
a cada raio que descer do empyreo,
arma-se um ninho no folhudo acantho,
acorda um canto e desabrocha um lyrio.»

. . . .

E a turba espreita-os avida,
e elles não vêm a turba!
que importam rostos pallidos,
se amor se não perturba?!

que importa ao coro angelico
o uivar da multidão?
Amor, tornara-os unicos,
e em torno... a solidão!

. . . .

—«Ó florea fada! em teu regaço provido,
se a minha fronte se pender... bem vês,
a vida é sonho!... ó meiga fada, acolhe-m'a!
eu sei de certo que te cáio aos pés!

Tudo é feliz! tudo o que nasce e cresce,
voa, floresce, luz, braceja, ou corre!
eu só, nas trevas da soidão, commigo
ás vezes digo: —É bem feliz quem morre!»

. . . .

E as harmonias celicas,
como de voz doente,
vão-se apagando languidas,
e expiram brandamente!...
Tal a avesinha pavida
desce cançada ao chão,
e com sua aza candida
aperta o coração!

. . . .

—«Fugi, fugi, cerradas sombras turbidas!
longe os lamentos! não se escute um ai!
Eia, poetas! ao concerto idyllico!
pulsae a lyra! o sol é nado!—amae!

Eu quero a vida! emquanto amor nest'alma
regar a palma que hei de ver florida,
e a minha estrella me apontar um norte,
alma, sê forte! eu quéro o amor e a vida!»

. . . .

Já para o extremo anhelito
ella cessára o canto;
pejada nuvem tumida
veiu enlutar o encanto!
Nas entre-abertas palpebras...
presentimento ou dor?...
tremiam duas lagrimas!...

. . . .

Assim floreja amor!

Depois, de novo o baile, o turbilhão, a dança!
após lenta quadrilha, o remoinhar da valsa!
febre, paixão, furor, que mais e mais se exalça!
Tal se enfurece o lago após curta bonança.

E a noite passa lenta, e a lua desce, desce,
triste como surgiu nos plainos do infinito;
e encosta a fronte á serra, ao leito de granito...
virgem que vae dormir, e resa a ultima prece!

Já no oriente fulge um reluzir esquivo;
doideja inda o prazer na senhorial estancia;

hora dos filtros maus que exhala, na fragrancia,
a flor; no olhar, a bella; e o seio no—ai—furtivo.

Quem passeia nos jardins?
quem, no bosque illuminado?
algum par enamorado
que vem fugido aos salões,
para dizer ás estrellas,
ás fontes, ao bosque, ás flores,
confidencias dos amores
que trazem nos corações.

Pois se os jardins e se as fontes,
astros, aves e arvoredos
ouviram ternos segredos,
juras e timidos ais,
e os hão de guardar còmsigo,
não seja a lyra indiscreta;
diga-os sómente ao poeta,
longe de ouvidos mortaes.

E após um grupo, outro grupo;
e após um par, outro desce;
e a pouco e pouco emmudece
o palacio festival.
Vinde todos á frescura
do vergel convidativo;

vinde! e assistireis commigo
do baile ao quadro final.

Na clareira do bosque onde se ostenta
o floreo, illuminado pavilhão,
Josefina agradece ás camponezas
as mil singelas prendas que lhe dão.
Ouvi:

—«Bella Maria, o annel tem lettras!»
—«Querem dizer *amor;* leia, menina;
enfiei-lh'o a cantar, e é branco e verde:
são signaes de ventura; olhe se o perde.»
—«Porque lhe não pozeste —Josefina—?»
—«É muito grande, e não cabia nelle.»
—«Hei de guardal-o bem. Rosa, o cordeiro
que tu me deste anda a chorar por ti:
tem rasão, tem...»

—«Senhora, é tão fagueiro!...
a flor do meu rebanho!...
faça-lhe festas: é porque anda estranho;
verá que, se o pozer no seu regaço,
e lhe der muito beijo e muito abraço,
lhe lambe as mãos e lhe adormece ali.»

—«Como eu vos agradeço, raparigas!
heis de jantar commigo de hoje a um anno;

já vos convido aqui, minhas amigas.
Hoje sou muito rica!
todos me deram prenda... exceptuando
um grande ingrato... que se chama Albano.»

—«Senhora, a vossa festa
nunca podia ser-me indifferente,
não m'o consentiria o coração;
guardei-me para o fim humildemente:
a minha pobre prenda, por modesta,
escondeu-se naquelle pavilhão!»

E tudo corre á porfia,
e tudo grita e braceja,
tudo ri, tudo vozeia!
Quem será o afortunado
que entre primeiro, e que veja
por dentro o caramanchão?
Ai! que febre de alegria,
a d'esse enxame doirado
que entre as folhagens volteia,
e se ennovela e se estende,
chega á porta e se comprime,
passa, irrompe de roldão!

. . . .

Ao descobrir-lhe o centro
grita surpreza a turba!
Um grupo divinal era lá dentro!

Em molle cadeira coberta de flores,
camelias e amores,
e myrtos e loiro, serpol e alecrim,
a velha Delfina sorrindo chorava,
e rindo a guardava,
d'aqui, Rosalina; d'ali, Seraphim.

Os anjos, que a velam, de branco vestidos,
de rosas cingidos!
a pobre é viuva, trajava de dó!
do pano mais fino, roupinhas e saia!
collar de cambraia!...
o aceio escondendo miserias de Job!

De tamanha surpreza recobrada,
chega-se á pobresinha, Josefina,
abraça-lhe a cabeça, e diz magoada,
tomando para si os dois anjinhos,
guardas d'aquella martyr, e encostando-lhes
ao regaço as cabeças:
—«Bem, Delfina!
bem hajas que vieste!—astro propicio
é-me o teu meigo olhar; e o astro veiu
presidir ao meu dia natalicio...»

E disse a pobre a estremecer-lhe o seio:

—«Senhora, não sei se é sonho

todo este quadro risonho
que está passando por mim!...
deixae-me chorar, senhora,
que sou tão feliz assim!...
Ao ver-me entre tanta dita,
tão contente e aceiadinha,
—que é isto? pois quem sou eu?
scismava commigo;
uma mulher que morreu...
e de repente
foge, deixa a fria cova,
leva dois anjos comsigo,
e chega ás portas do céu
muito contente
por ir co'a mortalha nova!»

Josefina tomára a mão de Albano;
aos dois lados o amor e a caridade;
a desgraça no meio;
completara-se o grupo divinal!
elle a sorrir, ella a inundar de lagrimas
o rosto meigo, o casto, ebúrneo seio!
....
Eis os brilhantes
que ficam bem, trementes, fulgurantes,
scintillando num collo virginal.

11

CANTO VI

IDYLIO EM GETHSEMANI

Ignez

— «Mas o dobrar da torre, aquelles sinos
não fallaram commigo? ....»

Leonor

— «Mui timida sois vós! agora o vejo!
porque um sino tocou, já são desastres!»

A. F. DE CASTILHO — *Noite do Castello.*

Começa a via-sacra, e talha-se um sudario!
cae o matiz á flor! descobrem-se os espinhos!
transformam-se em mortalha a purpura e os arminhos,
e Gethsemani está na base do calvario!

Feliz quem neste mundo, ao rés da sepultura,
achar, como Jesus, propicios olivedos,
disser á solidão seus ultimos segredos,
e erguer co'a mão bem firme o calix da amargura!

Dez horas da manhã seguinte á festa
da bella Josefina. Albano entrava
em casa de Ricardo: ía mais pallido,
mas co'a fronte mais alta e mais soberba,
e crispava-lhe os labios um sorriso.

—«Não dormiste, bem vejo; a cara o mostra.
Meu feliz *D. Juan,* és um demonio!
em amores não tens de que te queixes;
e, com ares de novo Santo Antonio,
andaste-me a fazer sermões aos peixes!
Duvido que os convertas, meu amigo!
Pobres primos!... e então sermões em grego!
fallar-lhes de Castilho e de poesia!...
queres acostumar (louca porfia!)
á luz do sol os olhos do morcego?!»
—«Inda os ha que vêm longe!»
—«Que?! de dia?!»
—«Lê, Ricardo.»
—«Papel que cheira a rosas!...
bilhetinho da bella namorada!...
Então são versos teus! nenias queixosas
contra o invejoso alvor da madrugada!»
—«Lê, Ricardo.»
—«Vou ler. A assignatura
diz... —D. Gastão!...— Olá, meu caro amigo!

—Escutae-me, senhor (Estylo antigo,

mas portuguez de lei) que é grave e serio
o que venho dizer, e breve o digo:

Esquecestes (e de certo
por distracção!) de quem era
a casa onde entrastes hontem.
Pensae se foi desacerto
desairar lá sem motivos
quem tanto vos considera.
Já agora na minha idade
não é nobre que me affrontem,
e aos meus parentes e amigos.
A mocidade parece
que no desvario exulta!
e como os velhos são francos,
venho dizer-vos: —Senhor,
quem de si proprio se esquece
e os meus hospedes insulta,
cospe os meus cabellos brancos.
Já sabeis, quero-o suppor,
o que a nós ambos importa:
é nunca, nunca esquecer
que fechastes ao descer
com grave estrondo està porta.—

Reparaste na lettra? é grada e firme!
e falla bem meu primo!»

—«E mira ao largo!

Venho pedir-te, amigo...»

—«Vens pedir-me

que seja teu padrinho! honroso encargo!
o florete, a pistola, a espada...»

—«Espera.

Duello é jogo cego, e eu nunca jogo,
nem por juiz aceito essa chimera
que dá sentenças de honra a ferro e a fogo.

E depois D. Gastão
dispoz com mão de mestre uma estocada,
e correu-m'a direita ao coração...»
—«Com ar de quem não sabe usar da espada!...
Tudo por honra e gloria de seus primos,
dos quaes sómente fez uma parede
para esconder a filha aos teus amores.
Vê com quanta nobreza te despede
o *illustre rebentão de avós senhores*,
como diria Horacio. Mas tu vinhas,
co'o ar (bem natural!) de quem não gosta,
pedir-me...»

—«Lhe levasses a resposta.»

—«Em que estylo? sermão de quantas linhas?»

—«Escuta e vê:

—Senhor,

comprehendo a vossa carta!
enviou-m'a um odio atróz... que pouco monta,
escreveu-m'a o designio de uma affronta,
dictou-a uma ambição que se não farta.

O pretexto que destes,
perdoae-me a palavra... é baixo... é vil!...
e quando a carta hypocrita escrevestes
nem vos tremeu sequer a mão senil!
Porque me não dissestes:
—Albano, és louco; eu sei dos teus amores,
não tentes impossiveis. Eu sou pae,
adoro a minha filha, e taes grandezas
lhe sonhei no futuro,
que nunca, nunca, Albano, lh'as daria,
por mais que te envaideça a ignota lyra,
um noivo como tu, que és pobre e obscuro!—
Ousasseis vós dizer-m'o!... e era mentira!
ai! que nem vós sabeis quanto eu podia!
mas fallava-me um pae, e era sagrada
a mão que se me vinha pôr diante,
a voz que me accusava do meu nada.
Assim fallou-me... um cavalleiro andante,
Magriço de uns illustres parasitas...
illustres... vêde bem que digo —illustres!—
não mais me accusareis de irreverente
para com essas pobres creaturas
que não têm no futuro, no presente,
nem inda no passado... oh! não! silencio!...
deixemos o segredo ás sepulturas!
Vós, sim, suppunha eu nobre, D. Gastão,
e é pena que tenhaes um coração
pequeno, como agora se descobre.

As phrases, fezes d'alma que está morta,
que me dissestes ao fechar-me a porta,
são de um guarda portão, não são de um nobre. — »

— «E nada mais, Albano?»
— «E nada mais.»
— «Deixa ficar a carta.»
— «E se t'a não recebe? e se a não lê?»
— «Eu leio-lh'a, descança; deixa-a aberta.
Queres que Josefina...»
— «Oh! não! jamais!»
— «Tens pois alguma esp'rança, alguma fé?»
— «Nenhuma; o meu futuro está perdido.»
— «E dizes-me isso assim co'a cara enxuta,
e ficas-te a scismar esmorecido!»
— «Pois eu que hei de fazer, Ricardo?»
— «Luta!

Sae! sae-me já de aqui
e deixa-me pensar:
os grandes pensamentos
procuram-se pelo ar
e encontram-se nos ventos.
Vae passear, Albano;
refresca essa cabeça;
verás que é pouco o damno,
por mais que se encareça;
e eu sou teu diplomata.
Sorris com ar de dó?

Pois bem, sorri!
Deixa-me só,
e á noite, aqui!»

Albano deu-lhe a mão,
e saiu;
e Ricardo, apertando o coração,
murmurava baixinho a sós comsigo:
—«Lá vae! d'aquella sombra o espirito partiu!
Mataste-o, D. Gastão! mataste o meu amigo!»

Vae-se findar o dia eterno e sem conforto!
vejamos noutro quadro, em que mais punge a dor,
como o infeliz sorri! como acrescenta amor
venenos de amargura ao martyr no seu horto!

Albano emfim cançado,
talvez perdida a propria consciencia,
foi assentar-se e repousar, coitado!
sobre os gastos degraus de pobre ermida
que demora a noroeste, e da eminencia
vigia o povoado.

Escutae! falla só! e inda na mão
tem a carta fatal de D. Gastão:

—«Pallidas frondes que a outoniça aragem
sacode com seu halito de morte
no roble que estremece!
flores que após sasão rides no prado
por engano do sol, e a noite gelida
enruga e amarellece!

como vós sois formosas nestas veigas!
que amavel pallidez melancolisa
a vida que vos foge!...
como as aves canoras do arvoredo
cantam comvosco os carmes de saudade
do curto dia de hoje!...

Hoje! hoje, é para vós toda a existencia!
ámanhã quem verá no prado a rosa,
e quem, no roble, a fronde,
se a geada nocturna ha de crestal-a,
e as brizas matinaes leval-a á campa?!...
Ventura que se esconde!

Sympathica estação das luzes timidas,
confidente fiel dos que têm maguas
que não revela o rosto;
diz riso a primavera, e tu, saudade?
eu quero mais que ás rosas da alvorada,
aos lyrios do sol-posto!

Quero-te muito! eu, como tu, sou triste!

és a minha estação, que me disseste
as penas que ora sinto!
ultimo som de um cantico sagrado!
ultima luz, no templo do universo,
de cyrio quasi extincto!...

Nasci para romeiro de ruinas.
Minh'alma atribulada é como a lampada
em templo solitario;
se o temporal invade a rota ogiva
e m'a extingue, quem ha de alumiar-te,
meu intimo sacrario?!...

Vejo-me em ti, retrato meu symbolico!
perdes, uma por uma, a folha, as flores,
os fructos, as bonanças,
os cantos de ave, as virações balsamicas,
'té seres mudo e nu! e eu perdi todas
as minhas esperanças.»

Assim dizia o triste, o sonhador Albano,
co'o rosto sobre a mão, co'a vista esmorecida,
sentado no portal da pardacenta ermida
da *Senhora do Amparo*. E alem, se não me engano...

Jesus! Jesus! faltava-lhe
agora aquella dor!

Mal sabem os ditosos
quanto és veneno, amor!

Lá vem por detraz da ermida
a graciosa Josefina
pé ante pé...
subtil, aerea, escondida!
Pára... escuta... espreita... esconde-se...
alonga o collo... e o retrae
quando Albano, que a não vê,
se move, ou disfarça um ai!...
Mais um passo a furto e a medo;
e, se as auras chocalheiras
se baloiçam nos sarçaes,
põe ella um dedo na bôca
a impor segredo
ás hervinhas, ás balseiras
e aos sonoros pinheiraes.
Se um tentilhão se esvoaça,
ou pisco serapintado
pia e passa
junto a pardal invejoso,
ou cotovia loquaz,
ella treme de impaciente,
ruga o rosto nacarado,
e refoge um passo atraz.

E assim, timida, furtiva,

ingenua, accesa, fugaz,
impalpavel, fugitiva,
vae-se a ermida costeando,
sem que ruja um pé no chão,
sem que exhale o som mais brando.
Dissereis que a santa empreza,
a piedosa romaria,
dos céus á terra baixára
o anjo casto da alegria,
e parára
junto ao vulto da tristeza.

—Que fazes tu, virgem? foge!
aurora, vens ao sol-posto,
e no teu candido rosto
tanta alegria retratas?
Innocente, olha que o matas
co'o teu sorriso fagueiro!...
Oh! não! vem! que o dia de hoje
é talvez o derradeiro!—

Quando chegára ao cunhal
da ermida, que o sol banhava
a declinar no occidente,
não reparou que ante Albano
seu vulto se projectava,

e que, emquanto ella o julgava
immerso em seus pensamentos,
elle lhe via na sombra
as fórmas e os movimentos.

Viu-a, e escondeu no peito
subito a carta fatal!
O sangue girou violento!
ensanguentou-se-lhe o aspeito!
viu, por entre visões turbidas,
a campa, o esquife, um punhal!
A vertigem foi relampago:
fulgiu, passou num momento.
—Albano, Albano, sê forte!
—dizia o triste— é preciso!
ámanhã já vem a morte!
Mente, Albano!... estamos sós!
Martyr, prepara um sorriso!—

Depois, levantando a voz,
e inda a fingir que a não via:

—«Meu Deus! como sou feliz!
O sol é meu confidente:
vê tudo, e tudo me diz!
....
Nunca falta, inda que tarde,
uma flor que esmalte um sêrro;

cada alma a cumprir desterro
tem sempre um anjo que a guarde.

. . . .

O meu, que é ciumento e avaro
da alma que Deus lhe confia,
é já perto e me vigia...
diz-m'o a Senhora do Amparo.

. . . .

Jurára que, surprehendido
de ver que o vejo em meu seio
como num limpido espelho,
com pudibundo receio
retrae o rosto vermelho,
e o tem nas mãos escondido.

. . . .

(Ai! a mentira-esmola,
a quem se dá consola;
mas dilacera o peito
o riso contrafeito.)

De novo o seu collo estende,
de novo o seu rosto inclina...
diz-m'o este sagrado lume
que dentro de mim se accende
ante o olhar que me fascina!
diz-m'o o celico perfume
que em torno de mim se exhala!
diz-m'o a luz, que mais esplende

e o murmurio, que se cala
ante a apparição divina
do meu anjo guardador!
sei, sei que és tu, Josefina!
diz-m'o o sol e o meu amor!»

Ella corre e lhe entrega
a seductora mão,
que Albano aperta, e beija,
e leva ao coração.

—«Que faz aqui tão sósito
o meu querido poeta?»
—«Scismava num quadro bello!...
pedia ao mestre infinito
inspiração, tella e côres
para pintar... imagina!
todo um poema de amores
num retrato de Julieta,
e nisto chega o modelo!»
—«Sou eu?! vê que amavel sina
me trouxe aqui!...
mas tu scismas co'o infinito,
e eu sómente scismo... em ti!»
—«Pois se a creação divina
em ti o céu me traduz,
não vês que és tu, Josefina,
o meu quadro tão formoso!

o sol c'roa-te de luz!
tens, por fundo, o céu radioso;
por artista, a inspiração
que vem de ti e a ti volve:
por sendal, o casto véu
da pudibunda belleza;
e eu tenho, da audaz empreza,
um grande amor, que me absolve!»
—«Mas falta ao quadro um Romeu,
serva de rosto assustado,
e a calhandra sentinella
que nos mostre de alva a estrella,
prenuncia do novo sol.»
—«Bem vês que é meu quadro, ó bella,
todo *a giorno* illuminado.
e se uma noite sombria
o envolvesse, eu preferia
á calhandra o rouxinol.»
—«E a tal ponto sou formosa
que inspire ao teu coração
palavras que são poemas
de uma ignota seducção?»
—«Se és formosa e se me inspiras?!...
pois, mal teu rosto apparece,
não vês que tudo me esquece?!...
mal que se ouve a tua falla,
não vês que tudo se cala,
balsas, brizas, aves, lyras?!...

Pois tu nao sabes que és bella?»
—«Tu dizes-m'o, e tu não mentes;
o teu olhar me revela
que dizes tudo o que sentes.
Nunca pensei tanto em mim
como ha muito poucos dias
vou pensando!
queres saber?... mas não rias,
e nem me julgues vaidosa:
quando passo no jardim
não sou boa como d'antes!
tenho invejas que não tinha!...
De quando em quando
páro a ver humida rosa
que me acena e me sorri!
e os meneios petulantes,
que só lhe descubro agora,
nunca os vi!...
e digo-lhe afflicta e má:
—Sim, sim, serás mais formosa,
mas amor ninguem t'o dá;—
e quando sou tão raivosa...
tu és bom... mas penso em ti,
que a estás olhando tambem...
não com odio!... com desdem!»
—«Odio ou desdem, Josefina,
á pobre rosa!... que horror!
mas se eu lá andasse comtigo

não via a pobre da flor!»
—«Oh! bem hajas, meu amigo!
Quando vejo erguer-se a aurora
do seu leito fulgurante
e admiro tanta alegria
no seu rosado semblante,
e os olhos da côr dos meus,
profundos, grandes e bellos,
rasos de luz tão brilhante,
eu julgo que é minha irmã:
—Porque me negaste, ó Deus,
exclamo, os loiros cabellos
que deste á aurora louçã?!—
Vês? tenho pena!»
—«Da aurora fulgente e amena
fez-te Deus transumpto ethereo
na frescura do teu rosto;
para cumulo de amores,
ás ondas dos teus cabellos
quiz dar as nocturnas côres;
e eis-te o divino composto
de riso, amor e mysterio!»
—«Bem! nunca mais tenho inveja
da minha irmã desditosa,
que, em vista d'isso, deseja
ser... tanto como eu, formosa!»
—«E póde invejar-te, e deve;
que do mar no espelho liso

não vê bôca de tal riso!
nem faces tanto de rosa!
nem collo tanto de neve!»
—«Pois sabes? quando no espelho
fui hoje ver o meu rosto
tive um tamanho desgosto!...
pareceu-me feio e velho!
Repara bem: pois não vês
que ora sou verde e amarella,
ora o rosto de vermelho
dardeja lume e calor?
Não é de rosa esta côr,
nem aquella é pallidez!»
—«É que o teu sangue anda em vagas,
e, ou sobe ao rosto o cachão,
ou desce ás intimas plagas,
e dorme no coração;
maré montante e vasante,
febre, anceio e convulsão!»
—«Marinheiro, marinheiro,
que sabes tanto do mar,
e não quizeste fallar
de bonança e de aguaceiro!»
—«Ai, filha minha, que dizes?
pois tens um céu tão sereno
e um caminho tão ameno
de fragrancias e matizes,
e fallas de tempestades...»

—«Não! só de prenuncios fallo.»
—«Os teus extasis divinos...»
—«São de... não sei que saudades!
De dia canto e estremeço!
de noite sonho e esmoreço!»
—«Dormes o somno dà infancia...»
—«E acorda-me intimo abalo!
Assusto-me de tudo!
tremo de cada voz:
do campo, se está mudo;
de estar comtigo a sós;
do riso de meu pae;
das flores do meu quarto;
do fumo que se esvae;
de ti, se me procuras;
de mim, quando me aparto;
dos cantos da ave;
da flor; do arbusto;
da funda nave
do templo augusto!...
serão loucuras,
mas tenho medo.
Albano, juras
que serás meu?...
oh! não! não digas!
o teu segredo
póde matar-me!...
oh! não!...

cala-te, Albano, que nos ouve o céu!...
Ai!... meu coração!...»
E um soluçar que lhe intumece o peito,
lhe inunda o rosto e lhe estrangula a voz!
Albano, ante ella ajoelhado, ancioso,
abraça contra o seio o mesto lyrio,
que chora de mimoso;
vae fallar... sente a mão d'ella nos labios,
e beija-lh'a em delirio!
E a Virgem Santa, que da ermida ouvia
os ais d'aquella dor,
velava-os e sorria!
se era tão casto aquelle immenso amor!

....

Foi-se apagando a pouco e pouco o incendio;
foi-se encurtando o soluçar e o choro;
foi-se accendendo sobre a face um riso,
e abriu-se emfim a melindrosa bôca
para dizer em tom de aereo cantico
de anjo descido ali do paraiso:
—«Não vês como sou louca?»
—«Minha querida, escuta!»
—«Logo! espera.
Lembra-te acaso a nossa meninice?»
—«Se lembra!...»
—«Nessa quadra dos delirios
um dia, ao mando de infantis amores,
tecemos no jardim duas capellas

e coroámos nossas frontes bellas...
(horrendo agoiro!) sabes de que flores?
de perpetuas, de goivos e martyrios!
Que triste acaso nos guiava o instincto!...

Tinha eu tres annos quando a vez primeira
transpuz o limiar da tua porta
pela mão de meu pae; triste romeira
que ía ver a que tanto me queria,
a tua santa mãe, e achava-a morta!...
vê se me eu lembro ou não. Depois, morria
minha mãe no teu dia anniversario!...
Teu pae, quando tu vinhas de Coimbra
da conquista de illustres pergaminhos...
e quando eu lhe beijava de contente
o rosto e as mãos, e em férvidos carinhos...

Mas para que lembrar a dor vehemente
que venerâmos no intimo sacrario?...
zunia sobre nós da sorte o açoite!...
Já d'este amor a immensa chamma ardia...
ha pouco mais de um anno!
em Santo Estevão, lembras-te? era noite:
atravessámos o relvoso pateo;
a lua cheia dominava o céu!...
era em agosto, Albano;
ao norte, a serra, negra como um tumulo;
ao sul, Vizeu,

a branquejar e a erguer-se como um throno
sôbre formoso altar,
a dardejar seus lumes, e nas cupulas
esplendentes palhetas de luar.
Ao longe, em todo o fundo, a altiva Estrella;
por sobre ella
as estrellas do céu,
abrilhantando a faixa do horisonte.
Suspensa do teu braço, percorremos
a longa, ampla carreira que se inclina
ao convento do monte;
depois entrámos na avenida longa
que lhe vem parallela
dentro da quinta amena, e que domina
os valles de Quintella.
Tomámos para a fonte, e ali sentados
sob as ramas altivas do arvoredo,
ai! dissemos de amor tanto segredo,
ouvidos só da fonte e do jardim!...
convidativo sitio para amores,
propicias ramas e discretas flores!
queres saber por fim
que abobada escondêra as nossas chammas,
ouviu nossos protestos de ternura,
sonhos mimosos de fugaz ventura?...
foram de cedro as funerareas ramas!
Vês? sempre o agoiro infausto,
sempre o fatal destino

a sustentar a luta!
e ao seu poder ferino
sinto que cede já meu peito exhausto!...
Escuta!... escuta!...
ouves ao longe a voz d'aquelle sino?»
—«Annuncia consorcio ou baptisado,
não tens de que tremer; feliz a sorte...»
—«Não! não! são dois! e o dobre compassado
aos echos manda o seu pregão de morte!
Albano, esconde-me em teu seio; eu morro!
aquelle som vem-me gelar! soccorro!»

E de repente, erguendo-se,
com gesto de inspirada:
—«Albano —exclama— enganas-me!
eu já não sou amada!
a carta que escondeste
aqui, aqui no seio?!...
deixa-me procural-a!...
de que tens tu receio?
mentiste, vejo-o em tudo!...
oh! quero-a, quero-a! Falla!...
que é isto? ficas mudo?...
Achei-a... é minha emfim.»
—«Não leias, Josefina!
não leias, desgraçada!»
....
....

Debalde clama, é já tarde!
a infeliz a fronte inclina,
e, como estatua arrancada,
cae-lhe nos braços.........
....
....

—«Jesus!
Que é isto, Senhor dos céus?
Deus! Deus! pelo teu amor,
ampara-a, dá-lhe valor,
de novo á vida a conduz'!
Pois é possivel, meu Deus,
que tanto amor, tanta luz,
se extinga e morra num dia?!
pois hei de ficar sósinho
a chorar sobre os abrolhos
da minha triste existencia
até cegar os meus olhos?
Pois não has de ter clemencia,
Deus do céu?! que horrendo crime
macula a minha existencia?!...
Tens lá meu pae, minha mãe,
e matas-me o ultimo affecto!...
Senhor, mata-me tambem!...
é beneficio completo!
não tenho nada de meu!...
....

Josefina!... Josefina!...
não me conheces? sou eu,
que te aperto nos meus braços,
ao pé do meu coração!
Ai! que horrenda pallidez
na tua face divina!
filha, porque não acordas
ao calor dos meus abraços,
á voz da minha afflicção?!...
E ninguem que me acuda! ó minha mãe, ampara-me!
tu, que do céu me vês, tem dó da minhá dor!
acode á minha magua!...
O meu sangue por uma gota de agua!
pelo cheiro vital de uma só flor!»
....

Soa de um côro ao longe o canto ameno e vario;
sobe, sobe, apparece um rancho de donzellas
pela fronteira encosta! Elle a chamar por ellas!...
ai, triste! o côro passa... e o campo é solitario!...

Ao naufrago infeliz tambem no mar profundo
refulge no horisonte um iris numa véla;
mas leva-a, esconde-a, abysma-a a furia da procella,
e fica solitario... o mar e o moribundo!

Inda em dobrar pausado os sinos dão da morte
a nova sepulchral aos pavidos viandantes;

inda pelo horisonte os echos mais distantes
choram nos tristes sons a inexoravel sorte;

quando o infeliz Albano á amante inda em desmaio
diz, apertando-a ao seio, onde tem leito e abrigo:
—«Se voas, anjo meu, leva-me ao céu comtigo!
que, se me deixas só, falta-me a força e cáio!»

Depois, silencio e soluços!
nem o fulgor de uma esp'rança
de que ella voltasse á vida!
elle, curvado a abraçal-a,
beija-lhe o rosto inundado!
robusto cedro vergado
cobrindo uma flor pendida!
era o martyrio sem falla,
a dor de todas as dores,
ludibrio infernal da sorte!...
éra um mysterio de amores
junto aos mysterios da morte!...

Da morte, ó Deus! pois eu fallei de morte!...
De que me espanto? inda ha peior desdita;
a morte é o esquecimento; e quem se esquece,
nem diz, nem dá, nem pede, nem carece,
nem ri, nem chora: é sombra que se agita
por um sepulchro abaixo; e quando pousa,
nada mais soa que o fragor da lousa!

O sol tinha caido já nas aguas;
e a lua, que surgíra entre as neblinas,
luz feita para angustias e ruinas,
dava de rosto sobre aquellas maguas!

—«Albano!... Albano!...» diz um grito ao longe.
—«Quem me chama?»
—«Ricardo!»
—«Vem, amigo!»
—«Até que emfim! custou-me a dar comtigo...
Ao pé da ermida! queres já ser monge?!...
....
Que vejo?! Josefina?!»
—«Caíu-me desmaiada sobre o peito...»
—«Ah! sim! questão de nervos! bem conheço.»
—«Oh! não! foi mais, Ricardo! foi delirio!...»
—«Parece-me um formoso amor perfeito,
um pouco murcho, um tanto contrafeito,
que tu prendeste sobre o lado esquerdo
á laia de taful!...»
—«Se este martyrio,
Ricardo, te faz rir, por Deus te peço,
foge!»
—«Deixar-te assim nesta amargura!
mal me julgaste, amigo! eu sou dos poucos
que têm predilecção por estes loucos
assim, taes como tu; que fazem versos
e deliquios ás bellas. Ergue-a e vamos,

que o velho D. Gastão já vos procura,
e convem preparar motes diversos,
e apologos de lobo ou de serpente,
auroras boreaes, a luz de um raio,
coisas que ditas a quem for... demente
lhe justifiquem bem um bom desmaio!
É tarde! eil-os que vem!»

Surge em tumulto,
uma turba de servos e senhores!
toma o caminho do olival das cruzes,
sobe a encosta do monte, e ameaçadores
os olhos flammejantes e inquietos
buscam por toda a parte o grupo occulto,
ao sinistro clarão de muitas luzes.
Encontra-o! pára, e cala! era o momento
do extremo desenlace! após instantes,
dizia D. Gastão, convulso e pallido,
com desvairado olhar medindo o grupo,
torvo o gesto, e o fallar pausado e lento:

—«Por quem quereis que vos tomem,
senhores que a noite encobre?
quando em fundas trevas o homem
procura o ermo e a calada,
deixa a distancia annullada
entre o salteador e o nobre!
Eu venho em nome de Deus
pedir-vos a minha filha:
sou velho, viuvo e pae!

eis tudo o que vos importa;
dizei-me se é viva ou morta!
sereno escuto, fallae.
—«D. Gastão, no mundo ha dores
que nos roubam da alma o siso!
talvez que neste momento...»
—«Neste momento... é preciso!
a quem é tão desgraçado
nenhuma pena se occulta.»
—«Senhor, ella volta á vida;
o longo desmaio passa,
e a historia d'esta desgraça
de seus labios a escutae;
não aggraveis esta magua,
que tanto em meu seio avulta,
e que ha de morrer commigo!...»
—«Foste feliz, minha filha,
por achar encosto e abrigo
sobre um seio tão amigo...»
—«E honrado!»
—«Senhor, que a insulta!»
—«Meu pae, meu pae, que me mata!
dê-me o seu braço;
ha de escutar-me sem ira,
e veja bem se a mentira
no meu rosto se retrata!...»
—«Sei o que vaes dizer-me; eu t'o repito,
que tudo o teu desmaio me revela.

Tu amas e és amada! és, acredito;
que és rica, e nobre, e virtuosa, e bella.
Vaes dar-te a quem já deste o coração.
Albano é bom; afianço a tua sorte!...
pouco tens que esperar!—a minha morte!
Antes... não!»

....

Ouviu-se um immenso grito.

....
....

Filha da noite, ó lua melancolica,
scismadora dos plainos transparentes,
ouviste-o? esconde a tua face pallida,
triste rainha das soidões luzentes!

Astros do céu, ó solitarias lagrimas,
congeladas na face do infinito!
desprendei-vos! correi! que a eterna magua
resume-a a vibração d'aquelle grito!

CANTO VII
ENTRE-ACTO

CANTO VII

ENTRE-ACTO

> Ah, dimmi: é vero
> Ch'io ti perdo, o mia vita?
>
> METASTASIO.

Desce o pano; levante-se a platéa.
Leva a passar dois annos o intervallo,
para dar tempo a que no palco immenso
que ha de abranger o espaço entre dois mundos,
se prepare o scenario e a perspectiva.

Pois que ha tempo de sobra para criticas,
façamos nós sinceramente o escorso
retrospectivo do confuso drama

cujo remate se prepara:

—O entrecho
corre diffusamente; é frouxo o enredo;
a acção, partida aqui e alem; e ás vezes
começa um novo assumpto e esquece o antigo!...
De um poema surdiram dois poemas:
a miseria e o amor!... (Verdade seja
que nem sempre estes motes são diversos.)
Ha duas heroinas em vez de uma:
Josefina e a leprosa!... Fins diversos
se propõe cada acção. Os personagens:
Maria e o desertor, desappareceram!...
A Delfina do mal, protogonista,
quasi em olvido é já!... Absurdo! absurdo!—

A critica fallou, e eu curvo a fronte,
porque os preceitos da arte me fulminam!
E comtudo o meu canto é verdadeiro!
historiei cantando. É pois bem certo
que mil vezes no mundo a chã verdade
absurdo se afigura aós olhos da arte!

. . . .

Esperae o final, e após julgae-me!
Nascem de um tronco só ramos diversos,
que se afastam do centro, e se recurvam
em direcções oppostas; mas do meio
sobe a altiva coruta, e põe remate
á harmonia do roble. O templo augusto

abre-se de um só portico e desparte-se
em renques de columnas e arcarias
que formam fundas e sonoras naves;
ao fundo ha só o altar; em cima, a abobada,
que tudo prende ao fecho de uma ogiva.
Mas que fui eu buscar ao roble? ao templo?...
Exigir symetria nos meus cantos
é condemnar-me ao leito de Procustes!
Oh! não! deixae, deixae que eu ande immune
por todas as paragens do infinito
a sabor dos caprichos do meu estro!
ensinou-me a cantar a natureza!
a symetria é da arte; o grão preceito
da grande obra de Deus é a harmonia,
que palpita nos seres diversissimos
da profusa creação. Pois no *principio*,
quando a mão do Senhor semeou mundos
nos plainos transparentes do infinito,
em que os fez elle iguaes? em luz? em vulto?
em movimento?! acaso equidistantes
orbitas lhes marcou?! horas precisas,
identicas, fataes, a dois que seja,
para findarem seu caminho a um tempo?!
Não! e a solemne rotação se cumpre
varia e constante, desigual e harmonica!

A lei reguladora do infinito
presente-se, adivinha-se... revela-se

na agitação constante e imperturbavel
que se vê na fulgente ramaria
d'essas florestas virgens de brilhantes
semeadas por Deus; mas lingua de homem
inda não formulou, nem disse o verbo
da lei da creação. A' geometria
dos insectos reptis do atomo globo
inda não descobriu compasso ou regua
que lhe desse o theorema das pyramides
da celeste geodesia.
A lei da immensa variedade harmonica
existe! mas não póde a vista humana
ir na mente de Deus descortinal-a!
Eis o eterno mysterio!

Em cada ser, ou seja insecto ou mundo,
duplo raio vital impera e inspira:
—a vida universal e a vida propria;—
naquella, ha o servo; ha nesta o individuo;
ali, o imperio; aqui, a liberdade.
Uma só d'estas leis a arte conhece;
ambas, a natureza.

Eu sou o insecto impavido que tenta
na orbita singular do seu caminho
remir-se do seu fado aventuroso
através do infinito;
sou atomo a rolar no abysmo ethereo.

arrastado no sopro incomprehensivel
dos tufões do destino.
Atomo e insecto a mão de Deus me toma,
e da harmonia immensa no conjuncto,
invisivel embora, permaneço;
mas sou tambem poeta! hei de ser livre.

Quando o mundo quizer levar meus cantos
às craveiras de Horacio (ó desventura!)
—fóra da lei— terá de proclamal-os,
e réus de lesa-regra. Eu sobre a terra
conspiro contra imperios absolutos
por direito divino.
As leis do metro
que Roma e Grecia fez, e o mundo applaude,
chamaram para mestres os poemas,
e não estes as leis para modelos.

É bella a minha musa—a immensidade! —
onde se esconde a eterna lei do bello;
nella o busquei debalde, e emfim prendi-me!
embellezei-me no divino extasis,
neste capricho deslumbrante, esplendido
devaneio do eterno! e tão absorto
fiquei neste delirio, que, bem vêdes!
teço, em vez de poemas, devaneios.
Sei que uma lei preside ao meu trabalho,
não sei como se chama;

conheço que me inspira uma harmonia,
não sei como se explica.
Que tem que isto aconteça ao vate humilde,
se, antes de mestre Horacio escrever codigos,
e legislar contrastes de poemas,
o mundo repetia o canto homerico
sem pensar nos quilates que teria?

. . . .

Deixae-me aqui prender, minimo insecto,
ao grande vulto do cantor da *Iliada*.

Dois annos vão correr, e no intervallo immenso
o palco vae ficar sem vida, sem actores,
qual se no templo cheio um raio entrasse, e as flores,
o vaso, o altar, o pallio, o lampadario, o incenso,
lançasse aos ventos cego;
aquelle —não— tremendo, aquelle grito aziago,
assim desfez em nada a flor da extrema esp'rança,
o riso, a luz do amor! As brizas da bonança
torceram-se tufões, caíram sobre o lago,
erguendo-o irado pégo!

Entre o silencio torvo, após a tempestade,
não sei que vaga voz aos meus ouvidos passa!
é como flebeis ais, lamentos da desgraça,
que vão juntar-se longe á voz da immensidade!...

murmurio que desmaia!...
E eu sinto na minh'alma um lugubre presagio!
Ó meiga compaixão, se em peito humano existes,
vem, vem-me acompanhar! vamos buscar os tristes,
como se vão buscar os mortos de um naufragio
sobre a deserta praia!

Caminhando aldeia abaixo
vê-se um largo ameno e ledo;
para a esquerda, amplo e ridente,
um palacio côr de rosa;
para a direita, arvoredo,
e ao longe os véus do occidente.
Ali se esconde a formosa
que deixámos fulminada
junto á Senhora do Amparo.
Não se ouvem passos na escada!...
pelas janellas... ninguem!...
as portas... fechado é tudo
como um sarcophago avaro!
tem rosea côr, mas é mudo!
lembra só que ali pousou
anjo de mysticas fallas
que, morto ao gear nocturno,
as brancas azas fechou!...
Dos anginhos o taburno
todo se forra de galas!

Alonguemos o caminho:
á esquerda, o largo dos freixos,
e a casa de D. Martinho;
tomando sobre a direita,
abre um longo e erguido muro
de granito negro e duro
amplo, esmerado portão,
em que olvido oú desamparo
de longos annos, talvez,
deixou pender para o chão
e apodrir as amplas portas
de espesso castanho escuro,
em ramagens moldurado,
velho estylo portuguez.
Em cada leme arrancado
inda a inutil pregaria,
como na mão do esqueleto
os longos dedos inertes
apontando a terra fria!
Era o desprezo completo!
Nas ombreiras de granito,
longos relevos de musgo,
que brota de cada fenda;
sobre a torça, a silva e o feto;
em tudo signaes de olvido,
emblemas da solidão!
Um longo pateo sombrio,
atapetado de relva,

se estende em frente ao portão;
pela esquerda, os muros negros
de um decrepito edificio,
d'onde fogem despegados
uns ramos de trepadeiras,
de loureiros e limeiras,
que, em tempo antigo, á parede,
por esmerado artificio,
teceram florida rede;
do outro lado, altas figueiras
ao pé de uns cardos ingentes,
de ingentes armados braços.
Não têm vidros as janellas,
cortinas ou transparentes!
lembram olhos de caveira!
Quando a ventania enrija,
estremece a casa inteira.
Pela fendida cornija
cae o telhado a pedaços!...
Têm grandeza estas ruinas!
Quem seguir a rua, encontra
na fachada principal
amplissima escadaria
que dá para a entrada nobre,
e ao lado, a frente e o portal
de uma fendida capella;
uns fragmentos de caixilhos
nesta e ness'outra janella,

e um vidro de longe em longe!...
Tempo, tempo inexoravel,
que apagas todos os brilhos,
e és causa de tanto damno!...
Quem vive aqui? pobre ou monge?
pobre e monge! vive Albano!

....

Ai! como ha de aquella alma sér contente,
sorrir-se, espanejar-se á luz do sol,
vivendo aqui, neste sepulchro ingente,
onde não entra um riso do arrebol?!

Se, victima infeliz de improbas sinas,
vê cardos, silvas bravas, fetos vis?!
se vejeta sumido entre ruinas,
como goivo de campa entre reptis?!

Como ha de ir afagal-o amiga a sorte,
se nada que o rodeia lhe sorri?!
se tudo quanto o cerca falla em morte?!
se tudo é bravo, e negro, e mudo ali?!

Ai! na atmosphera densa, triste, infecta
d'aquelle escuro, frio, fundo algar,
como póde expandir-se a alma ao poeta,
e achar inspirações para cantar?!...

Por isso é sempre triste aquella fronte!
por isso o triste olhar, que ao chão prendeu,
raras vezes passeia no horisonte,
e quasi nunca se levanta ao céu!

Por isso, quando folga alegre a turba,
elle, parea infeliz, suspira e sae;
e a festa com seus lutos não perturba;
e foge como a sombra que se esvae!

É cruel a viuvez de uma alma nobre;
triste, a pobreza; a solidão, mortal!
porém, como a tristeza que se encobre...
não ha tristeza assim, martyrio igual!...

. . . .

Entremos! entrae commigo
na triste mansão calada!...
Não oiço ninguem!... ninguem!...
pela entrada principal...
temos a porta fechada;
a da capella... tambem!...
Este silencio é fatal.
Caminhemos pateo alem.
Vêdes? uma porta aberta;
chamemos: —«Albano!... Albano!...»
nem um echo se desperta.
nem signal de passo humano

da funda estancia nos vem!...
Entremos!... O salão, mudo!...
mudo, o longo corredor!...
podre e roto o pavimento!...
no estuque aberto e cinzento
o barro, o musgo, o bolor!...
Mais outra sala... outra sala...
como solitario tudo,
nu, desguarnecido está!...
e nas estancias desertas
o vento, sómente, falla
pelas mil bôcas abertas
que o tempo ás ruinas dá!...
Os velhos tectos de cupula,
de velho, nobre castanho,
aqui, nus, alem, doirados,
todos florões e relevos,
já dos muros desligados,
coroam de aspecto estranho
este sarcophago ingente,
onde misero o presente
recorda opulentos evos!...
....

Ó triste solidão, triste de quem te habita!
E aqui a vida arrasta o pobre cenobita!
e aqui lhe desce Deus na luz da inspiração!
e aqui lhe desabrocha a pallida canção!

quasi inodora flor! lume que mal scintilla!...
mas vem o vento e leva as folhas da sibylla,
e vão disseminar, pela atmosphera vã,
poemas de uma noite as brizas da manhã!...
e que resta ao poeta?... os ais que o peito exhala!
a lagrima furtiva! a dor que geme e cala!
dos sonhos de esperança o raio que se esvae...

....

Atraz d'aquella porta ouviu-se agora um ai!...
Lá dentro chora alguem!...
Quem?

Num salão arrogante, alto, quadrado,
vasto, formoso, e mais que os outros nobre,
dos ventos inda e chuvas resguardado,
velho damasco azul os panos cobre
das paredes; o tecto emmoldurado
é branco, azul e oiro; o pavimento,
de rugosa madeira, pede e espera
alcatifa de Hamburgo ou Cachemira;
duas cadeiras e um sofá que restam
mostram no almofadado, fofo assento,
uns fragmentos de seda... uma chimera
de fausto e de miseria, em que se admira
o esplendido passado que inda attestam.
Vê-se encostado alem
o mais formoso armario, onde entalhára

da arte provinciana a phantasia
ramagens, camafeus, palmas e flores,
cordões... quantos bordados e primores
do paciente esculptor a alta poesia
imaginára, ali disseminados
se ostentam á porfia..
De alem, um trophéu de armas; d'este lado,
uma estante de livros, mesa ao pé,
cadeira de espaldar, papel, tinteiro;
pendente da parede, um bilheteiro,
uma bolsa de caça e uma espingarda.
Do outro lado se esconde para um canto,
alumiada só de escassa luz,
uma pequena mesa de pau santo;
sobre ella, um oratorio;
nelle, tres miniaturas de marfim:
o Evangelista, a Virgem, Magdalena...
falta o martyr e a cruz!...
Tudo o salão recebe e tudo abarca,
e tudo ali se agrupa e se confunde,
para que, quando o inverno a casa inunde,
os muros do salão lhe sirvam de arca.

Inda não conheceis a velha preta,
a serva... a mãe de Albano, dês que a morte
o fez orfão no mundo, e pobre, e só?
a triste companheira do poeta?

a coragem, o amparo, a paciencia,
o desvelo, a familia, a providencia,
que é ciume, prazer, amor e dó?
a que o trouxe creança nos seus braços?
a que poz sempre o seio entre elle e a sorte
que o tentava esmagar? a que o carpia
nas horas tenebrosas da amargura,
e, afagando-o com tremulos abraços,
lhe dizia: —Meu filho, descançae!—?
essa alma toda rosa, alvura, dia,
sob a lutuosa côr da noite escura,
inda a não conheceis? pois vêde-a! olhae!
Quasi de todo cega vive agora!
nesses olhos que o pranto inunda e alaga,
dia por dia a luz se lhe descora,
como a luz da candeia que se apaga!

Prostrada, e co'as mãos postas,
tendo o oratorio em frente,
submissa e reverente,
baixinho implora a Deus
Domingas, a africana!
e no tisnado rosto
retrata-lhe o desgosto
de dentro os escarcéus.

Recurvam-se-lhe as ondas
no intimo do peito,

e um grito contrafeito
entre uns murmurios sae.
Nas palpebras vermelhas
o pranto que rebenta,
fugir, suster-se tenta,
vacilla, treme, cae.

C'roa-lhe a negra fronte
a carapinha breve
de pura e crespa neve;
mas tem no coração
as chammas africanas,
que accesas lá conserva
a octogenaria serva.
Oiçamos-lhe a oração:

—«Mãe de Deus! Senhora! mãe
dos peccadores tambem!
que é do meu filho, Senhora?
levantou-se antes da aurora,
e não vem!... porque não vem?!

—Adeus, Domingas! adeus!—
me disse elle, e aos braços meus
veiu prender-se... e chorava!...
que dor, Senhora, o matava?...
Justos céus! ó justos céus!...

Virgem, olha para mim!

pois queres que eu morra assim
no meio de tantas penas?...
Mãe! e és tu que me condemnas?...
Que fim de vida!... ai! que fim!

Pois dize! não ha de vir
meigo, contente, a sorrir,
o meu filho tão querido?...
ou de vibora mordido...
Partir! oh! sim, vou partir!

Creei-me nos meus sertões
entre as onças e os leões!
nas suas lutas bisarras
ganhei a leveza e as garras!
sou costumada aos baldões!...

Não! meu filho ha de voltar!
nem eu quero já chorar,
que a dor meus olhos estanca!...
Virgem, se a senhora branca
o matar.... se ella o matar!...

Eu sei-lhe do ardente amor!
vigio-lhe o riso e a dor!...
Virgem, meu filho tem zelos!
se num só dos seus cabellos
pousar a mão de um traidor,

ai da vil que m'o roubou!
quasi cega como estou,
hei de a branca para exemplo
matar no leito... no templo...
vou dilaceral-a! vou!...

Triste mãe! quando morreu
deu-me o seu filho!... era meu!...
certamente aquella santa,
se o matam, chora e se espanta
d'elle entrar sem mim no céu!»

Assim deprecava Domingas, a cega,
nos duplos impulsos de serva e de fera;
na humillima prece blasfemias emprega!
arrulhos de pomba! rugir de panthera!

E um passo apressado soava na escada,
entrava na casa... tornou-se mais tardo!
parava ante a porta que estava cerrada...
passados momentos entrava Ricardo!

Jesus! que assustado, que pallido rosto!
nos labios trementes lhe adeja um segredo!
que raios sinistros no olhar descomposto!
que riso convulso que gela de medo!

Quer ser prazenteiro, cruel se apresenta;

disfarça-lhe as maguas ficticio marasmo;
vem cheio de penas, prazeres ostenta;
quer ser desdenhoso, e é todo sarcasmo!

—«Bons dias, velha Domingas!
venho banhado em suor!
Hoje é dia de aguaceiro,
mas eu sou bom marinheiro,
saltei bancos e restingas,
e eis-me a teus pés, minha flor!»
—«Trazeis-me novas?»
—«Podéra!
pois pensas que ando no mundo,
eu! philosopho profundo!
atraz de alguma chimera?»
—«Do meu filhinho?»
—«Uma carta!»
—«Partiu?!...»
—«Foi dar um passeio!»
—«Por onde?»
—«Perguntas bem!
em viagens de recreio,
escusas de ter receio,
que não ha de haver estrago!
foi buscar... pinhões a Esparta;
figueiras e aipo a Carthago;
benze em Roma algum rosario,

e a cruz em Jerusalem...
Sabes que indulgencias tem
quem sobe ao monte Calvario?...
—(E crispa os labios trementes,
e em vez de rir range os dentes!)—
Passa o entrudo por Sevilha;
na paschoa ha de ver Toledo,
e compra-te ali (segredo!)
una terciada mantilla!
Visita na primavera
as nobres cinzas de Mario,
alguma extincta cratera,
e o tumulo de Lucrecia;
depois atravessa as ondas,
e vae descobrir na Grecia
as cinzas de Epaminondas!
Bom caminho, mau caminho,
levam-n-o a povos diversos...
quando volta ao patrio ninho
traz... um volume de versos!»
—«Meu Deus! meu Deus! é pois certo
que nunca mais hei de vel-o?
quiz furtar-se ao meu desvelo!...
Se a sorte me quer escrava,
já agora me não liberto!
sempre, é certo! a fera brava
tem de morrer no deserto!...
....

Minha patria! meu jardim!
minhas florestas amenas!
minhas selvaticas flores!
minha vida sem amores,
e minha morte sem penas!

Ai de mim!

Lá se parte o desditoso,
semeando inuteis ais,
sem leito, sem agasalho,
elle! que era tão mimoso
dò suor do meu trabalho
depois que ficou sem paes!...
Velava-o, se elle dormia;
beijava-o, se elle acordava;
se elle chorava, eu sorria;
se elle sorria, eu cantava!...
Ingrato, que assim me deixa
curvada na sepultura!...
Oh! levae-me esse retrato!
deixar-me! se a minha queixa
póde chegar-lhe aos ouvidos,
ha de ter remorso! Ingrato!
trocar a minha ternũra...

por quem?...

por quem prefere ao meu filho
umas joias e uns vestidos!
por um montão de vaidades
que não têm valor, nem brilho!

Quero morrer de saudades!
hei de queixar-me a sua mãe!

. . . .
. . . .

Partir... e é quasi inverno!
se fosse inda no estio!...
porém, meu filho! agora
vae-se morrer de frio
por esse mundo fóra!...

Meu Deus! e sem dinheiro
sair de Portugal!...
aquecem pouco e mal
os lares do estrangeiro!

Chora, velhinha, chora,
que já não tens ninguem!
—Tu és a minha mãe—
dizia-me elle!... e agora?!...

Agora, cão sem dono,
escrava sem senhor,
vae-te deitar á porta
da sua alcova, e chora,
dizendo-lhe o seu nome!
Expulsam-te? que importa?

talvez a tua dor...
talvez tenha mais dó
do que esse que tão só...
Sim! sim! morro de fome!...
Deus! Deus! dá-me vista, e eu corro
atraz d'elle a terra inteira!...
Cega!... Soccorro! soccorro!
prantos! lavae-me a cegueira!»
—«Domingas, ouve!»
—«Que escuto?!
choraes?! vós, que sempre rides?!
oiço-vos soluçar!
chorae, senhor! choremos como as vides!
hoje é dia de luto;
que havemos de fazer, senão chorar?!»
—«Isto... não é chorar, Domingas!... isto...
é fazer concessões á natureza!...
precisei... de ensaiar o estudo pratico
d'esta philosophia da tristeza;
se na lição tu vês que tanto insisto,
é... porque... estou provando o gosto ao pranto!
Sim! chorarei!... talvez!... por elle, não!
louco de mim, que lhe queria tanto!
tratar-me com tamanha ingratidão!
pagar-me co'uma carta esta amisade!...
é levar muito longe a crueldade!
é ser bem ferozmente deshumano!
Depois... teve rasão, senhor Albano!

um frivolo, como eu, que mais merece?
um homem que faz rir tem lá saudades,
ou póde lá ficar em pena immerso?!
numa carta um —adeus—, e tudo esquece!...
Domingas, ouve!... Albano era um perverso!...»

—«Mentira, senhor! mentira!
elle! o meu filho dilecto!
Jurae-me que é vosso affecto
quem taes palavras inspira!
A carta!»

—«É para ambos nós;
lê, Domingas, e medita!»
—«Ai! quem me podéra ver
a sua querida escripta!»
—«E eu sei lá se a posso ler,
tremendo-me tanto a voz?!»

Depois de alguns instantes de silencio
a leitura se faz, só de soluços
de momento a momento interrompida:

—«Ricardo:

Vou partir; não sei lutar co'a sorte;
não é fraqueza, é brio; evito a ingloria morte
dos martyres sem palma, e poupo á multidão
estupida e feroz ensejos de irrisão.
Lutar!... oh! não! jamais! porque me julgo, amigo,
baixo para mandão; alto para mendigo.

Eu sei que era loucura este indomado amor;
tinha-m'o dito, ha muito, uma secreta dor
que me pungia na alma. Ao pobre as penas cabem,
e a c'roa de aurea luz, no dia em que se acabem.
Para onde vou?... não sei; nem tentes descobrir
as portas que o destino ao meu caminho abrir;
vou... não sei onde, não; entrego á desventura
o leme do meu ser; a minha sorte obscura
promette-me no mundo ingentes solidões,
onde eu possa curtir saudades e afflicções.
Á multidão que importa o nomada que passa?
lamento que se esconde, é fumo que esvoaça,
folha que se desprende, arrulho que se esvae!
e a vida passa breve, e a campa breve cae
a proteger o morto. Emfim, se a longa vida
o céu me condemnar, e, lebre perseguida,
voltar ao meu covil, virei talvez morrer
no leito de meus paes, e ao lado seu jazer;
mas se eu caír por lá, no longo apartamento,
aqui te deixo, amigo, o escasso testamento
que tens de me cumprir com pio amor: A ti...
deixo-te o meu retrato... e os versos que escrevi!
mas isto, meu irmão, tem um piedoso encargo!
adoça á minha negra o calix fundo e amargo
que em suas mãos trasborda; onde ella vacillar,
ampara-a; que não falte o lume no seu lar
durante o longo inverno; o pão, na velha mesa;
a roupa, no seu leito, e a luz, de noite accesa.

Se morre, aceia-a bem!... Se já me não restar
o preço da mortalha... amigo, o que faltar...
que suppra o teu amor o immenso que lhe eu devo!...
Cobre de feral crepe a mesa onde te escrevo,
a minha livraria, e esse diploma vão
que trouxe de Coimbra; eis todo o meu brasão.
A Josefina... Ai, triste!... O pranto ás faces desce!
a vista se me enturva!... o braço desfallece!
dize-lhe... que outro amor... Não! não!... que te pedi...
que nunca mais... Jesus!... dize-lhe que morri!
mas que ella nunca saiba este martyrio insano!
Não posso mais! Abraça o desditoso

Albano.

Chorei, retomo a penna; eis-me sereno e forte;
não quero que me esqueça a solitaria Ucha;
Domingas é tão velha!... após a sua morte
dá tudo o que me reste á pobre da Sagucha;
e dá-me á tua noiva... (eu já não tenho a quem!...)
a Virgem de marfim... era de minha mãe!»

CANTO VIII
PROVIDENCIA

CANTO VIII

PROVIDENCIA

Nous n'avons que nos mains à lever en silence
Vers cette Providence,
D'où vient la récompense,
D'où le bienfait descend.

LAMARTINE.

Eis-te chegada emfim, hora solemne,
após dois annos de silencio e trevas!
Eis o fatal momento em que os romeiros,
que em paragens distantes vão perdidos,
hão de encontrar-se, os que boiarem vivos
e libertos, no pelago do mundo!

A humana vida é como a vaga triste:
um rio a traz no berço, e ao mar a entrega;

ergue-se a ingenua entre enxovaes de escuma;
encosta-se á collina, e rumoreja;
na praia se deleita, e ao mar se volta.
De outras ondas o fervido cortejo
a beija, a acaricia, a cerca, a envolve
em amplexo convulso e estremecido;
e o mar no seio a toma, e o vento a encrespa,
e com ella as ignaras companheiras.

Um tufão zune, cae, desparte o grupo!
abre no centro o abysmo! as ondas tremulas
partem oceano em fóra! após momentos,
outro mar, outros ventos, outras praias,
em paragens oppostas, longe, longe,
cospem as açoitadas foragidas
ao comido esqueleto de um cachopo;
e vae-se-lhes cambiando assim a vida,
momento por momento, a gota e gota!

Após um anno, um seculo, um minuto,
que o só capricho do destino marca,
no gêlo dos escuros invios polos,
ou nas tropicaes laminas de argento,
ou do equador nos mares que se cobrem
de escamas de oiro e lume, vem cruzar-se
d'aquellas brandas vagas, que partiram
em doce amplexo juntas mar em fóra,
mal distinctos fragmentos! uma baga

gelida ou luminosa, e um véu de escuma;
uma palheta e um som, que denunciam
gastas feições, ou cantos de saudade,
de voz e rostos que já foram juntos
em convivio fraterno! Ai! mas tão outras
são do que foram já! E as companheiras?!
e o riso? e a esp'rança? e os tepidos aromas
da praia natalicia? tudo é morto!
e essa breve estação, que o seu fadario
ali as deixa a memorar saudades,
finda breve tambem: cruzam-se as vagas,
e inteira a transfusão vae completar-se
no vortice do tempo!...

A vida humana
tem por espelhos vagas fugitivas!

Vinde, voae commigo ás solidões do espaço!
E pois que a todos falta uma aza em cada braço,
e olhos que vejam longe, ó rei da creação,
reptil vaidoso e nu, remonta na amplidão,
pedindo á phantasia azas de azul e verde
com que a tua alma voa... e quanta vez se perde!...
Descerra os olhos da alma; os terreos fecha, e vem!
ascende á grande luz! revoa espaço alem!
deixa os confins da Europa, as ribas do occidente!

Ahi tens o espelho grande, a grande voz gemente!
D'ali, a Africa adusta; o ninho dos leões;
cidades junto ao mar; no centro, amplos sertões,
rugidos e areaes; e o sol a prumo aberto,
pousando em cada raio um monstro no deserto!
da Europa o mercador tenaz, doente e cru,
e o negro dos sertões, selvagem semi-nu,
a olhar e a presentir no barco aventureiro
grilhões! e em cada braço um caçador negreiro!
e o bravo que despreza a sanha do leão,
treme quando tremúla augusto pavilhão
de povo *culto* e *bom* no topo de algum mastro!
Que importa o mote e a côr? a luz fatal d'esse astro
leva a profundo abysmo! o negro sabe-o já!
A Africa é só... viveiro! a Europa é culta e má!
que em seu mercado immundo humanos fructos vende,
e ao preço ascoso e vil, mão fratricida estende!

Caiâmos ao poente... aqui! no centro... aqui!
Vê-se de extremo a extremo! a America sorri
nas orlas do occidente; áquem, o velho mundo:
no centro, o grande oceano, o pelago iracundo,
o mar! a eterna luta e a eterna escravidão!
gigante que se arroja aos muros da prisão,
e sobre o leito immenso abate o vulto enorme!
murmura, desfallece, arqueja, chora... dorme!
É prancha lisa então, que a mão de Deus lançou
entre as nações que um dia o cahos separou:

é quadro onde se admira a etherea formosura,
com astros por esmalte, e mundos por moldura!

No ponto eis-nos emfim! convem aqui pairar!
silencio! o pano sobe! o drama vae findar!...

Tento na praia africana!
Vêde! entre as cores da Europa,
cores, pendões de alem-mar!
Barca veleira e garrida
Africa deixa na pôpa;
foge aos bafejos da terra;
sôlta de boias e amarras
vae-se de rota batida;
entre as corvetas de guerra
passa como aguia atrevida,
presa levando nas garras,
azas levando nas vélas!...

Singra entre os bancos da costa:
corta marneis e baixios;
mostra aos pasmados navios,
alta, a bandeira de estrellas.

Vela-lhe a carga o pendão;
carga que chora e blasfema
sob os flagicios da algema,
sob os vergões do grilhão!

Leva... bem vêdes! escravos!
negros leões ás centenas!
leva rebanhos de bravos
sob alvitanas de antennas!
Leva...

Meu Deus! pois que vae lá na tolda!
brancos ali?!... oh! não! não póde ser!
Mulher... mentira! a vista se me tolda!...
Um filho ao collo!... e é mãe essa mulher?!...

Vendida! vendida!
tu vaes a gemer!
tão pobre e tão rota!
chorosa!... ai! chorosa!...
. . . .
. . . .

Florinha pendida,
tu vaes-te a morrer
na longa derrota!
Pobrinha e mimosa!
tão nova e tão magra!
descalça e bonita!
Que dor te consagra
soluços de amor
no peito que estala,
nos olhos de afflicta?...

Teu filho não falla,
mas beija-te, e ri!
Que germen de flor
tu levas ahi!
Que durma e se acoite
ao doce agasalho
do teu coração!
Tu és como a noite,
que choras orvalho
no tenro botão!...

Mulher, porque geme
tua alma penada,
e alongas, coitada,
sem preces, nem queixas,
teu braço que treme,
á praia que deixas?!...

Na patria da raça negra
fica, nos trances d'est'hora,
tanta saudade que chòra,
tanta ambição que se alegra!

Junto ao mar, sobre um rochedo,
assomou neste momento
rosto branco, macilento,
esprcitando a furto e a medo!

A barca é longe! suspira!...
Abre as mãos, acha um thesoiro!
—Oiro!... oiro!... peças d'oiro!...—
De novo as conta e remira!...

Que remorso, Deus eterno!
que susto o seu rosto exprime!...
Esse oiro é preço de um crime,
de um crime que vale o inferno!

e anceia, pavida lebre!
Por cada longo cabello
lhe escorrem bagas de gêlo:
treme de frio, e tem febre!

Ruge-lhe intima a borrasca!
olha em torno: o olhar chammeja,
como o raio que dardeja
sobre a rocha, e a fende, e a lasca!

É como na jaula o tigre:
ruge, raiva, e se devora
nessa afflicção que o descora,
nesse furor que o denigre.

—«Parae, lobos da America!
—exclama emfim— malditos!
se chegam lá meus gritos,

demonios, são de um pae!
Vendi-vos só Maria!
meu filho vae roubado!
deixae-o ao desterrado!
ladrões, parae! parae!»

E responde-lhe um canto de alegria
de sobre o tombadilho,
e a voz chorosa da infeliz Maria:

Côro dos marinheiros

—«Nos mares de vagas ferventes,
aos sopros crueis do pampeiro,
se choram amores ausentes;
tu cantas e ris, marinheiro!
Pica a amarra!
prôa á barra!
Ó marinheiro! ó marinheiro!»

Maria

—«Perdi tudo! Amor, amor,
que me dás tão negro fim!
Triste vida morta em flor!
Eu vendida, escrava... ó dor!
Ai de mim!...»

E sobre a rocha, alem, o espectro erguido,
espumante, blasfemo, rugidor,
diz, de lume no olhar, collo estendido:

—«Voae, legiões do inferno!
Não vêdes tanto abutre
que em sangue meu se nutre?...
Afunda-vos um raio!...
Mal haja a vossa escrava!...
Oh! dae-m'a, revendei-m'a
pelo oiro que me queima....
É vosso! ahi vae... tomae-o!...»

E semeia oiro no ar,
que tine, luz, cae no mar!

Côro dos marinheiros

—«Ficae-vos em terra, dormentes!
queimae-vos ao pé do braseiro!
Os mares são só dos valentes;
a tolda, colchão do gageiro!
Gavea geme!
Pulso ao leme!
Ó marinheiro! ó marinheiro!»

Maria

—«Vem commigo, ó filho, vem!
loiro amor, meu cherubim!

Deus castiga! é justo! é bem!
Minha mãe! ó minha mãe!...
Ai de mim!...»

E de novo o rugir da fera brava
responde á voz da miseranda escrava:

—«Mal haja a fonte pura,
que me não mata á sêde,
e o sol, que me concede
o seu calor e brilho!
Mal haja o Deus eterno,
que me ouve e não troveja,
o Deus que se não peja
de ter em mim um filho!...»

E a voz blasfema echoa no infinito!
e os mal distinctos sons do côro ao longe,
e a rugidora voz dos cavos mares,
vão abafar nos ares
os pavorosos carmes do precito!

Côro dos marinheiros

—«As barcas são pontes do mundo!
Quem passa na ponte, barqueiro?
Cuidado no rio, que é fundo!
cuidado, que o vento é ponteiro!

Caça a véla!
Olha a estrella!
Ó marinheiro! ó marinheiro!...»

Maria

—«Inda o vejo! e a sua voz
ao convez do bergantim
vem chamar... talvez por nós!...
É teu pae... é meu algoz!...
Ai de mim!...»

Haveis já conhecido aquelles vultos
que para sempre Deus vae separar
por duplo, horrendo abysmo: o crime e o mar?...

Tem symetria a sorte em suas dores,
em suas alegrias, e em seus damnos,
como têm symetria as vibrações
dos echos e do mar!

Não vos lembraes de um cantico de amores
que ouvistes ha dois annos,
de um côro festival, de umas canções
meigas de affecto, e tristes de saudade,
junto ás aguas do limpido Pavia
tão brando e tão sereno?
Pois na scena que vêdes inda ha cores

d'aquelle quadro ameno,
inda ha vultos e sons que se conhecem,
collocações de grupos como lá!
Mas que tom differente no conjuncto!
e em cada ser, que luz, que sentimento,
tão demudado já!
O effeito é sempre grande;
mas um tinha, no ameno e no tranquillo,
o *qué* dos quadros sacros de Murillo;
outro reflecte as cores de Rembrand.
Tinha aquelle do outono o brando sol
coado pelas ramas;
este, o sol africano: lava e lume;
e no abrasado mar, fundo crysol,
fervente, immenso, eterno,
das coruscantes vagas o cardume;
relampagos e chammas,
reverberos do inferno!
Naquelle havia o vulto já de Antonio,
sobre a collina extrema:
sempre covarde e vil, sempre demonio;
mas lá inda tentava, e aqui blasfema.
Lá descantava um côro de donzellas
á sombra de chorões e de loireiros;
aqui, á sombra de enfunadas vélas,
resoa um côro rouco de negreiros.
Alem, Maria, a memorar saudades
de casto amor; aqui, remorso e penas,

confiadas á voz das tempestades,
e ao susurrar do vento nas antennas.

Só falta ao quadro a velha mutilada,
que talvez... sabe-o Deus! neste momento
esteja triste em supplice lamento
rezando... pobre mãe! á mãe do céu
pela sorte da filha desgraçada,
e pela alma do filho que morreu!...
E falta-nos (cruel reminiscencia!)
o triste, o amante, o scismador Albano!...
Quem sabe? falta acaso a Providencia,
embora o amor em todo o mundo acabe?...
....
Quem sabe?...

Vae-se perdendo o negreiro
por entre as brumas do oceano!
Inda alem no altivo sêrro
se ergue o vulto do precito,
infame, torvo, maldito,
que veiu remir um crime
nas agruras do desterro,
e novo crime o macula,
e novo remorso o opprime!...
....
....

O seu turbido aspecto causa medo!
Referve-lhe em cachões
o sangue que ás lufadas lhe circula!
No meio de violentas convulsões
uma vertigem passa ante os seus olhos!
Quer fugir... impossivel! que o rochedo
o tem chumbado a si!...
Embaixo o abysmo o chama, e lhe sorri!...
Outra vertigem vem, e o toma, e o cega...
Debaixo de seus pés vacilla... nuta...
treme-lhe inteiro o pedestal de escolhos...
Tenta gritar... é mudo! apenas ruge
um som sumido e cavo! espera... escuta...
e um sonido infernal em torno estruge...
Dos pés lhe foge o chão... vertiginoso
sobre si gira... os olhos dilatados
querem saltar das orbitas sangrentas...
o pesadelo o esmaga... a luz se esvae...
recresce o rodopio pavoroso...
A extrema convulsão vem-n-o açoitar:
inteiriça-se... pára... estende o braço...
inclina-se... cae!...
Inda um momento a remoinhar no espaço...
....
Trinta braças abaixo abre-se o mar!...

Achou sepulchro entre as marinhas rochas;
ali o reclamava o seu thesoiro

no leito de indomados temporaes.
Na campa teve, por funereas tochas,
os sinistros clarões das peças de oiro,
accendidas com chammas infernaes!...

E a vaga passa;
une-se o mar!
e a mansa brisa
que se esvoaça
o mar alisa,
e a escuma apaga.
Sorri-se a vaga,
o sol, e o ar.

Ao longe, de entre o nevoeiro,
resoa uma gargalhada
sobre o convez do negreiro;
e de Maria ajoelhada
responde ao profundo choro
a voz da maruja em côro:

—«Chorae, crocodillos da praia!
vesti-vos co'a pel' do cordeiro!
cobri-vos co'o mar que se espraia!
debalde! não volta o negreiro!
Iça! amaina!
Tudo á faina!
Ó marinheiro! ó marinheiro!»

E Maria, apertando o filho ao peito,
diz, com prantos na voz, rosto desfeito:

— «Ante o Deus que sempre em vão
te chamava para si,
leva, Antonio, o meu perdão...
Martyr, lava o coração!...
Ai de ti!...»

Vêdes um vulto alem, no fim do largo oceano,
mirando o vasto mar, cevando a dor da ausencia?...
Ali vae ter Maria; e ali poz Deus Albano!
Já vêdes que não falta á dor a Providencia!...

CANTO IX
VIA-SACRA

CANTO IX

VIA-SACRA

Em meio da jornada a estrada se truncou,
e eu sem norte me vou, não sei por onde vou!
Sou como o viandante errabundo e sósinho
entre rochas a prumo onde não vê caminho.

JULIO DE CASTILHO.

Abril, mez das aguas limpidas!
terra amena, e céu profundo!
mez das flores e dos canticos!
mez dos amores do mundo!...

Cantae, cristaes do ribeiro!
cantae, rouxinoes das balsas!
cantae, ermo e viração!
cantae, aragens do outeiro!

e vós, florinhas descalças,
cantae canções ao serão!...

Que primavera cheirosa,
que susurro, e que fragrancia,
em torno d'esta fogueira!
É que a infancia cheira a rosa,
e a rosa recende a infancia!
flor e infancia é primavera,
riso, amor, ventura inteira!
e é, dizer no olhar amores
á mais guapa fiandeira,
a canção que mais se esmera
junto á rosa que mais cheira.
Ai! que affectos que não diz
o arquejar de peitos rudos
neste protestar paixões,
em que os labios ficam mudos
e fallam... as virações;
e se a bôca se descerra,
logo o serrano cajado
acode ao rosto córado
riscando flores na terra.
Amor que espreita e se esconde
num ai que se exhala a medo!
se um suspiro lhe responde,
fica entendido o segredo
e correspondido o amor!

Inda ha mais outra linguagem
que entra bem da alma no centro;
agrada, se anda ao redor
do peito, em grata romagem...
oh! mas quando ella consola
é quando penetra dentro,
bem dentro dos corações!
sabe-a dizer a viola,
o serrano e a rapariga,
nos requebros dos bordões,
no remate da cantiga!

Nem só rosas têm fragrancia,
nem só aves são cantores,
nem só balseiras têm lyra!
a primavera é da infancia,
a infancia canta de amores,
recende a rosas, delira!...

Uma fogueira e um serão,
uma viola e uns amores,
ventura plena e sincera
no rir, no olhar, na canção...
não sei que mais primavera
tenham céus, ou tenham flores!

O céu tem rosas de lume?
tem a terra philomelas

entre balseiras de estrellas,
que, em vez de luz, têm perfume?
pois todas essas riquezas
na aldeia um serão resume!
canta o rancho das donzellas,
carpindo o linho da roca;
dos labios, que se descerram,
que aroma se não exhala!
parece mesmo que falla
uma rosa em cada bôca!
E ouve-se um zumbir de abelhas
naquelle enxame de amores,
buscando o mel porque almeja
na diaphana balseira,
que, por phantasticas flores,
em pennachos de centelhas
se derrama e se estrelleja!
porque a magica fogueira,
que entre as bellas e os tafues
de muito arder se consume,
lembra estranho arbusto loiro
que, sobre um tronco de lume,
remeche as ramas azues
e as suas florinhas de oiro!...

Uma fogueira e um serão,
uma viola e uns amores,
ventura plena e sincera

no rir, no olhar, na canção...
não sei que mais primavera
tenham céus, ou tenham flores!

Pois ao pé d'este brazido,
que tantos pés nus aquenta,
e tanto rosto alumia,
quem tiver prestes o ouvido,
vista perspicaz e attenta,
ha de achar vagas feições
de algum vulto conhecido,
e, entre risos e canções,
ouvir casos de agonia,
de tristezas e baldões,
de gente amiga talvez!

Tres annos correndo vão
dês que em profunda viuvez
deixámos a pobre aldeia!...
De saber noticias hoje
minh'alma porque refoge?
meu peito porque receia?...
Que nos dirás tu, serão?!...

Uma fiandeira

—«Tempéra a viola e canta!

Vamos! quem pede sou eu!...
Não sejas tão avarento
das prendas que Deus te deu!...»

O tocador da viola

—«Vou cantar! se me negasse,
perdia a minha demanda!
feia que pede, supplica;
formosa que pede, manda!...»

Conversa á parte

—«Escuta, Guilhermina! emquanto canta
d'aquella banda o Marcos e a Luzia...
Tenho aqui um engulho na garganta...
se t'o não digo, abafo!»
—«Ai que porfia!
Falla por uma vez!... Dize —que queres?»
—«Mais baixo, Guilhermina, ou vou-me embora!
Sabes o que me dizem lá por fóra?»
—«Que te morres por todas as mulheres!...»
—«Não! não! por ti sómente!...»
—«Ora inda bem!
E que eu morro por ti?...»
—«Não o diz ninguem!
Casou-se n'outro dia o Sá e a Rita;
casa-se neste povo o mundo inteiro;
casa o José do Alqueve e a Mariannita;
casa o diabo á quatro...»

—«E tu solteiro!
Deves tomar por teu medianeiro,
de hoje ávante,
S. Gonçalo de Amarante,
que é santo e casamenteiro.»
—«Quero o amor que me consagres
á sombra das nossas telhas;
S. Gonçalo casa as velhas...
obrigado aos seus milagres!»
—«Não n-o escutes, Guilhermina,
que é mentiroso e melado!
não creias o que elle diz!
Se aqui estivesse a Josina
a ouvir-te o palavreado...
adeus, orelhas!
adeus, nariz!
levavas que era um consolo!»
—«Esse amor era uma vez!
um dia chamou-me tolo,
e...»
—«Errou-te o nome, talvez!?»

Luzia e Marcos cantando ao desafio

—«Menina dos pés pequenos,
deixe-os 'star, porque os retira?
quanto mais os pés esconde
mais a viola suspira!»

—«Retiro de ao pé do lume,
que não quero a pel' crestada;
tenho os pés tão pequeninos...
se os queimo... fico sem nada!»

—«Antes ponha os pés em agua,
do que em tamanho calor:
com agua se cria a rosa,
no fogo se cresta a flor.»

—«Mas isso é flor de canteiro,
não é cá rosa de gente:
essa é mais bella e mais fria,
eu sou mais feia e... mais quente!»

—«É quente, e pede emprestado
um pouco de lume ás brazas,
sem pensar, branca pombinha,
que póde crestar as azas?»

— «Talvez que seja por brio
que eu chego os pés ao clarão...
e são a coisa que eu tenho
mais longe do coração!»

Vozes da turba

—«Anda, Luzia! aquece-me o peralta!
Marcos, olha os bordões, e desce a prima!

afinas muito quando a idéa falta...»
—«Pobre rapaz, se a *prima* lhe vae alta,
sempre tem um *bordão* a que se arrima!»
—«Marcos, deixa fallar, e viva a malta!
tempéra-me a viola, e busca a rima!»

—«Rosita, só tu hoje tão calada,
de quando em quando a suspirar...»
—«São dores
que lhe andam lá no peito!»
—«Nada! nada!»
—«Se são no cotovello, inda peiores!»

—«Que penas tenho, Rosa!...»
—«Tu?! coitado!
Tens *pennas,* pobre Gil! és mocho, ou pato?
Pensei que eras, vê lá! doninha, ou rato,
por andares... assim, tão depennado,
mesmo um pedinte!...»
—«E sou pedinte, sou:
peço esmolas de amor...»
—«Busca outro officio!»
—«Tenho fome!»
—«Não tens! é manha! é vicio!
Irmão, busca outra porta: eu cá não dou!»
—«Tens outras devoções?»
—«Talvez que tenha!»
—«Com santo milagreiro?»

—«Assim, assim!»
—«Vade retro, diabo! e Deus me avenha!
Dizes-me a sua graça... o *santo* e a senha?»

—«Presente, meu alferes!»
—«Serafim!...
Pois já, meu rapazote?!...»
—«É como canta!...»
—«E co'uma franga assim toda chibante!...
És inda franganito, petulante!»
—«Quinze annos tenho já! de que se espanta?»
—«Eu? capitão menino! amor gentil!
Ora diga-me aqui muito em segredo:
já póde receber os sacramentos?...»
—«Já conto um mandamento em cada dedo;
e, se me aperta muito, senhor Gil,
estampo-lhe na cara... os mandamentos!»
—«Sabe doutrina o moço!...»

—«Olá! caluda,
que vae passando a ronda: o cabo e a lei.
Se pega a bulha, eu chamo—Aqui de el-rei!
e ha de chegar alguem que nos acuda.
outra cantiga, Marcos!»
—«Vá que seja!»
—«O Gil, o Gil tambem ás vezes canta!»
—«O Gil, quando tem medo, só gagueja!»
—«Tenho o laço da corda na garganta!...

Vamos a ver! — Começa, rapariga!
uma de vós: a Filomena, a Angelica,
a Beatriz, a Firmina, ou tu, Perpetua!...
Então! vem a cantiga?...»

Firmina e Gil cantando

— «Canta o melro no loireiro,
e o pardal nos milheiraes;
cantà o pimpão, que tem medo,
de noite nos pinheiraes!...»

— «Nos pinheiraes andam lobos,
e eu dos lobos não receio;
tremo, sim, da artilheria,
menina, que traz no seio!»

— «São peças que não têm carga,
peças que andam sempre frias;
forte soldado brioso
que treme de armas vazias!»

— «Não! lá dentro ha lume acceso!
Por mais que negue, não creio...
seus olhos são artilheiros,
e estão-me apontando em cheio!»

— «Inda que oiça trovoada,
não tenha medo a corisco:

se algum dia derem fogo,
não ha de ser contra um pisco!...»

Vozes da turba

—«Bravo, Firmina!
Marcos, mais outro á cinta! afina! afina!»
—«Ficou-lhe de onze varas a camisa.»
—«Coitado! pobre Gil! bem n-a precisa!»

—«Boas noites!»
—«Bemvinda, Rosalina!
Porque vens a chorar? que succedeu?»
—«Fui hoje á Ucha...»
—«A velha já morreu?»
—«Antes ella morresse!
Pobre Delfina! que penas
a triste velha não tem!...
já vale a pena ser mãe
para chorar de afflicção
noite e dia!...»
—«Morreu-lhe acaso... a Maria?»
—«Tambem não!
Isto é caso de pasmar!:
foi vendida, a pobresinha...»
—«Por quem?»
—«Pelo proprio amante
aos moiros de alem do mar!...»
—«Jesus! Maria santissima!

vendida uma alma christã!...»
—«Como quem vende um cordeiro,
tudo a peso: carne e lã!...»
—«E aos moiros, que não têm Deus,
ou não têm o verdadeiro!...
Ó Jesus! Senhor dos céus!...»
—«Quem trouxe a nova?»
—«O soldado
neto da Antonia do Gago
foi quem disse hoje á Delfina
esta noticia que eu trago.»
—«Chegou já hoje, é verdade!
vem da Africa, o desgraçado,
co'uma doença mofina
que o tem tido: vae...não vae!»
—«Ai de quem commette um erro!
uma dor cria outra dor,
quem anda mal sempre cáe!...»
—«Pagou-lhe bem tanto amor,
e o sacrificio que fez
de acompanhal-o ao desterro!...»
—«E o filho?»
—«Foi-se com ella!»
—«Inda bem!
se ha de viver com tal pae,
antes vá morrer co'a mãe!...»
—«Viver com tal pae?! se é morto!»
—«Morto! morto! Pae do céu!...»

— «Pois quando o navio negro
saiu do porto,
logo o malvado morreu!...
Levantou-se um furacão
mal que o barco abriu as vélas...
era dia, anoiteceu;
o mar chegava ás estrellas:
e viu-se fugir o céu
através da cerração!
e eram trovões e coriscos,
e o céu todo feito em fitas,
todo accêso e todo roto!
nisto avistou-se um leão
a correr por uns restolhos
mais que um lobo ou que um cavallo,
deitando fumo da bôca,
e faiscas pelos olhos...
chegar, medil-o, agarral-o,
e engolir inteiro o Antonio!»
— «*Per signum crucis!* canhoto!
Anjo bento! Era o demonio!...»
— «É bem de crer!:
fórma um pulo, cae nas aguas,
sae de dentro lume e fumo...
e o mar fica todo a arder!...»
— «E a barca seguindo o rumo,
e a triste carpindo magoas...
isto... Jesus!... faz morrer!...»

—«Tenho o cabello erguido na cabeça,
como se visse um lobo ao pé de mim!»
—«É provavel que a velha desfalleça!»
—«Já hoje o Serafim
a foi achar por morta,
enregelada e fria,
no limiar da porta!»
—«Pois de certo! nem ella hoje devia
ficar sósinha!...»
—«E quem te diz que fica?
Graças a Deus, levei-lhe companhia!»
—«Quem?»
—«A cega Domingas, mal escuta
da minha bôca historia tão mofina,
que a leve á triste mãe, pede, supplica,
dizendo:— Se quizesses, Rosalina,
davas-me a tua mão, que já não vejo,
e levavas-me lá.
Tambem... vivo tão só neste sepulchro!...
Vâmos!... Que faço eu cá?—
Saltei-lhe á cara negra, e dei-lhe um beijo!
Não ha nada, não ha, que tanto afoite,
como o servir a Deus num bom desejo!
Caia a tarde, e as duas desgraçadas
choravam abraçadas.
Á cerradinha da noite
voltei-me sósinha a casa,
sem tremer da escuridão!

Pela mão levei a cega,
trouxe-me Deus pela mão!...»
—«Desgraçada e desgraçada...
se Deus não for ajudal-as
não podem dar grande rego!...
uma, cega!... outra, aleijada!...»
—«Ao menos são duas fallas,
e uma á outra faz conchego!»
—«Parece que a desgraça fez morada
na pobre aldeia!: um dia... e nunca esquece!
foge o senhor Albano... alma penada!
a fidalga consome-se e enlouquece!
hoje a morte do Antonio!... É sina! é sina!...
Se inda resistirás, pobre Delfina!...»

....
....

E calaram-se as cantigas,
e a viola emmudeceu!
e as pobres das raparigas
lembram estatuas plangentes
em torno das cinzas quentes
de uma pyra mausoleu!

Serão sombras? terão vida?
A mente escruta e receia!
quando a chamma bruxoleia,

vida em seus rostos retrata;
mas sempre a mente duvida
se o que vê não serão só
volateis sombras de pó,
como as da velha Pompeia,
que um beijo da aragem mata!

Ouve-se em torno um soluçar confuso;
em cada rosto a interna dôr se pinta;
descáe a roca em funeral da cinta;
da mão inerte pende inerte o fuso!

E treme fatua na fogueira a chamma;
nos rostos mestos sombra e luz vasqueja:
quadro phantastico onde o horror adeja;
o fumo o envolve, a labareda o inflamma!
....
....

Apaga-te, morre,
furtivo sorriso!
desruga-te, corre,
cortina de crepe,
cobrindo-me as cores
do meu paraiso!
Ó candidas flores,
que o rócio geoso
vos creste e decepe!

Ó cõro mimoso
das aves canoras,
amantes e amadas
gentis philomelas,
fugi co'as auroras!
fugi co'as estrellas!
Das verdes ramadas
deixae as alfombras!
deixae a deveza!
deixae-me co'as sombras
da minha tristeza!...

Dez horas da noite! Um vulto
segue a tortuosa estrada
que parte de *Santo Aleixo*,
e sobe á *Pedra do Coito*.
Traz o rosto quasi occulto
do chapéu co'as abas largas;
ao lado esquerdo sobraça
a longa capa que o cobre.
Vê-se artistico desleixo,
e o tom que imprime a desgraça,
naquella figura nobre!
Na dextra, robusta mão,
empunha, com gesto afoito,
longo, nodoso bordão.

Á Pedra do Coito pára!
Olha o lagar, na fundada;
olha, em frente, os olivedos;
olha, á direita, a seara,
que o brando orvalho estrelleja;
á esquerda, o soito, que espera
as suas plumagens de oiro;
ali, gaipos de vinhedos,
e um pomar florido e loiro!...
Escuta a fonte, o ribeiro,
a briza, o mocho, os reptis,
latidos, uivos distantes,
e a flauta do pegureiro,
que namora echos vibrantes
nas quebradas e alcantis!
Dentro de si mesmo escuta
o côro de uma só nota,
que todas as notas conta
dos hymnos do Creador!
longinqua harmonia ignota
que enche o espaço, e ninguem sabe
se de um murmurio desponta
de uma abelhá e de uma flor,
se nasce do mar, da gruta,
se a flux das estrellas brota,
se do alto vem, se remonta,
se é riso, ou choro profundo.
Serão de uma eterna luta

ais cavernosos do mundo?
ou serão das primaveras
solemnes psalmos ethereos?
ou será rolar de espheras
pelo abysmo dos mysterios?...

—«A patria! o que foi meu! a mesma voz!...
Echos da minha infancia, eis-vos despertos!
—diz elle emfim— sois vós!
não vos perdi nas vastidões do oceano,
não vos mataram povos, ou desertos,
a furia dos bulcões, a podre calma!...
Eis-te acordado, Albano!...
Guardaste-os bem, minh'alma!

És tu, lagar das lendas pavorosas,
tão negro e tão soturno!...

És tu, pomar paterno, onde eu na infancia
colhia fructos, se poupava as rosas!
Diz-me que estás florido esta fragrancia
do tepido ar nocturno,
que me envolve e sauda,
como fraterno abraço estremecido,
quando os olhos têm pranto e a bôca é muda,
ao pobre irmão que andou por lá perdido!
Floreja e canta, meu pomar de amores,
já que eu perdi meu canto e minhas flores!...

Soito mysterioso, inda te guarda
o teu fructo ouriçado,
após as ledas fainas da vindima,
a branca serraninha loira e sarda,
rosto do norte a que, por mais agrado,
quiz Deus lançar um raro véu por cima?
Recordas inda os d'ella e meus segredos,
e, junto á noite, os magustaes brinquedos?...

Vinhedo de meus paes,
onde eu vinha colher brandos *abraços*
nos vossos longos, estendidos braços!
Busquei depois outras prisões fataes,
cingiram-me outros laços,
perdi-vos, e perdi-me,
numa culpa de amor que se não rime!

Escuros, sempre tristes olivaes,
onde a ave não descanta: cala, ou chora!
Venho mais triste, sou mais vosso agora!

. . . .
. . . .

Tudo o mesmo que foi, e eu tão diverso!
Tudo na primavera... eu só no inverno!
Pois eu não sou teu filho, Deus eterno?!
Bastardo, envilecido no universo,

o miserrimo sou,
o só de quem afastas o teu braço,
que é magestade e amor,
de quantos seres á amplidão do espaço
a tua mão lançou?!...
Senhor!... Senhor!...»

Será blasfemia, ou supplica?!...
desgosto,
lhe dizem a voz tremula
e o rosto!

O olhar sinistro e languido
scintilla!...
Encara o abysmo, pavido...
vacilla!...

—«Eis o marco fatal! eis o limite
da minha aldeia natalicia!... Eu tremo!...
Um passo mais, e quebro um juramento
que a Deus aqui prestei!... Ai dos perjuros!
quer meu fado cruel que vos imite,
e vejo-vos o peito inda sangrento,
fataes sombras de Cesar e de Remo!
Passar o Rubicon... Salvar os muros
da minha pobre Roma, que deixei
para nunca mais ver?!... E Deus consente?
E Deus perdoará?...

. . . .

Elle bem sabe a dor com que voltei;
seguiu na via-sacra o triste ausente;
as esperanças que me trazem cá
sabe-as elle!...
De todo o teu poder, Senhor, te mune!
Eis prostrada a teus pés a hostia imbelle...
Perdôa, ou pune!...»

E descoberto, e prostrado,
para os confins do oriente
estende os olhos e os braços.
A lua meiga e doente,
luz dos afflictos dilecta,
tem-n-o em cheio alumiado.
Era um vulto de propheta
sobre o monte alcantilado
olhando a santa cidade!
Falla aos ethereos espaços
neste cantar de saudade:

—«Venho peccar, Senhor! Graça, perdão te peço!
Dizes que lava a dor o crime do confesso...
abro-te a consciencia... abro-te o coração!...
bem vês a minha dor! deves-me o teu perdão!

Longe me andava errando em terra estranha, longe!

tão só como divaga o triste, a fera, o monge,
sósinho a combater contra a desdita! Emfim
ía a cair um dia... Ergui-me! olhei por mim!
Morrer... morrer de fome!... Era fugir da luta!
era o suicidio vil de uma alma que se enluta,
e desce por temor de se fazer voar!
era... não ter valor... nem mesmo de chorar!
Surgi, lidei, vivi! A terra brazileira
é-nos amiga e irmã; foi lá que a vez primeira,
após deixar a patria, eu pude emfim dizer,
aos céus erguendo as mãos: —Senhor! quero viver!—
Vivi!... Seria esp'rança?...
Á tarde, quando a aragem
vinha brincar serena ás ondas e á folhagem,
deixava o meu trabalho, ía-me á beira-mar,
subir para um rochedo, e ali scismar, scismar!
dizendo aos olhos: —Vêde! alem vos fica a aurora,
a patria!— e ao coração: —Lá nos mataram! chora!—
Se airoso barco eu via ao longe na amplidão,
e as quinas ondular no tremulo pendão,
voava num batel mal que elle entrava a barra!
ía abraçar-lhe o leme! ía beijar-lhe a amarra!
sentia-me chorar! sentia-me tão bem!...
beijava nelle a patria! e o berço! e minha mãe!
e no humido costado a face lhe poisava!...
Ai! quanta vez tremi quando elle m'a beijava!...
Beijava! eu bem sentia, e o beijo era leal!
era um saudoso adeus! mandava-o Portugal!

E quanta vez, oh! quanta, a um rosto conhecido
não ia a minha voz!... Mas eu tinha morrido!
que iria o morto... a sombra... ouvir, saber ali?
e á tentação fatal mil vezes, mil! fugi!

Um dia (Deus, escuta!) á praia americana
chega negreira barca! O frete é carga humana...
a nodoa do presente... escravos, e grilhões!
o que ha de encher de horror vindoiras gerações!...
Entre o infeliz rebanho eu vi, Senhor, Maria!
Maria, que chorava! e um filho, que sorria!
Que havia de eu fazer? salval-a! A minha voz
fel-a caír-me aos pés! e a sua historia atroz
prendeu-me! ouvi-a absorto! Era um delirio, um sonho,
um pesadelo enorme, um trovejar medonho!
a morte do carrasco! a sorte da infeliz!
uns cahos! um inferno!

—E agora vós, me diz,
a filha que não teve um pobre d'um carinho
que desse á velha mãe que jaz no immundo ninho,
deixae! Quando meu filho, o loiro cherubim,
que vêdes tão gentil, me desprezar a mim,
como eu a minha mãe... (é lei de Deus, e é justa!)
hei de eu comparecer ante a presença augusta
co' a palma do martyrio, e a c'roa do perdão!
Bemvindos, meus grilhões! começa a expiação!
Mas vós, vós não tremeis de serdes meu retrato?
pois não vos horrorisa a expiação do ingrato?

se um grande amor vos chama, a que ficaes aqui?
não sejaes mau, senhor! salvae-a! ide! parti!
roubae a louca amante á febre que a consome!
E pois que dia e noite é sempre o vosso nome...
—Louca! disseste louca?!...

—Acaso o não sabeis?
Dês que a deixastes só, nos tratos mais crueis
lhe vive a alma sem luz! em vós só cuida e falla!
Deixae-me a ingratidão, senhor! ide salval-a!—

Aqui me tens, meu Deus! Pelo meu parco haver
comprei o seu resgate. A velha ha de morrer
nos braços que eram seus; e, na hora derradeira,
ha de encostar o rosto á molle travesseira
do filial regaço; e ha de esmaltar-lhe então
as faces um sorriso; os labios, um perdão!
Um dia mais, e chega a filha peccadora...
Eu devorei o espaço!... eis-me chegado!...

Agora
o réu confesso espera!... Outorgas tanto dom
ao peccador que chora!... eu choro, e tu és bom!...
Beijo da patria o chão! saúdo o céu radiante!
cumpra-se o meu destino! eis-me sereno!... Ávante!»

Lá vae o vulto sombrio!
e o côro dos mil cantores
das balseiras e arvoredos

retoma o quebrado fio
dos epithalamios ledos
em honra dos seus amores!...

. . . .
. . . .

Homem, que és ante o Senhor?
és fumo de um grão d'incenso!
Pois que importa a tua dor
ás alegrias do immenso?!

. . . .
. . . .

Deixa os caminhos, e passa
pelo *Enxudro,* o soito annoso;
chega aos pomares da *Costa*...
pára! Defronte a desgraça
parece olhal-o iracunda!
Chega a um roble o desditoso,
ao tronco se abraça e encosta,
e frio suor o inunda!

Duas janellas abertas,
de luz interna incendidas,
como as fogueiras despertas
de sentinellas perdidas,

o estão defronte a mirar!
Lembram dois olhos ardentes
de insomnias, febre e delirios;
e nos vasquejos trementes
mostram reflexos de cirios
ao pé do funereo altar!
Quem vive ali? Josephina!
ali o principio e o termo;
a luz que mata e fascina!...
tudo mais escuro e ermo!...
Eia, pois! cumpra-se a sina!...

Chega ao pé dos velhos muros
da casa onde viu a luz...
encontra a capella aberta...
entra... vacilla... recúa!
que receio o prende e espanta?
Bate um reflexo da lua
na face da Virgem santa
que o mira, meiga e desperta,
e tem nos braços Jesus,
menino risonho e mudo!
Sobre o altar caida a cruz
parece dizer a Deus:
—«Ninguem, Senhor, me levanta!»

Ruinas! ruinas tudo!
muros, tecto a desabar!

côro, estante, sacristia,
tribuna, sacrario, altar!...
e o lampadario, que ardia
noite e dia,
eil-o sem oleo, apagado,
preso do fendido cume,
qual thuribulo no ar,
parado,
sem ter incenso, nem lume!

Entra, procura, ajoelha
sobre a campa de seus paes.
A lua não lhe viu prantos,
nem a capella ouviu ais;
mas nunca templo mais pobre
ouviu murmurios mais santos!
e após a prece fervente
curva-se, e termina assim:
— «Minha mãe, vela por mim!
A tua benção, meu pae!»

Sobe ao altar, reverente
levanta a cruz, beija-a, e sae.

Passa um homem pela rua...
— «Guarde-te Deus, bom paizano!»
— «Que o Senhor vos guarde e acoite.»
— «Que horas são?»

—«Vae alta a lua...
onze horas, ou meia noite.»
-«Nesta casa vive alguem?»
—«Em tempo, o senhor Albano,
que, se não tiver morrido,
ninguem sabe onde se emprega
por esses mundos alem,
e uma velha preta e cega...
hoje, ninguem!»
—«Ninguem?!... a velha morreu?»
—«Não sei!... desappareceu!»
....
....

—«Dize-me: sabes, ou não,
de um senhor Ricardo?...»
—«Basta!
um fidalgo, um rapazão,
de bom tronco e boa casta...
foi-se agora a Santo Estevão
desposar a sua amada;
ámanhã recebe a noiva,
a prima cá da morgada,
que era a mãe de todos nós!...
Matou-a a teima do pae...»

—«Vae com Deus, paizano, vae!
Deus te guarde, e não murmures!»

— «Adeus, senhor!... — Esta voz!..?
Já vi esta cara algures!...»

Junto do vasto palacio, hoje tumulo,
onde a ventura sorrira noutr'ora,
pobre de Albano! das dores no cumulo
gira, volteia, soluça, deplora,
pungindo-lhe a dor
intima n'alma, o profundo martyrio,
penas tão sevas que deu... que lhe deram...
Cerce cortaram-lhe o pallido lyrio!
triste! e em seu peito que flores morreram
á mingua de amor!

Chegou-se ao portão de ferro,
que se abre para o jardim,
como ante as grades do encerro
onde mora um cherubim
vedado ás vistas do mundo...

Na longa, extensa alameda,
que se abre em flocos de rosa,
reina um silencio profundo!
A avesinha muda e quêda
na madresilva cheirosa
tambem sabe o que são dores!...
A lua velava as flores
de luz doirada e saudosa.

A grade, apenas cerrada,
desuniu-se ao brando impulso
da mão tremula e gelada,
e elle entrou hirto, convulso,
e parou!...

Tal como o réu sentenciado á morte,
que um dia os fossos da prisão salvou,
fugindo aos duros tratos que lhe infligem,
e, respirando o ar da liberdade,
sente-se estranho, e pára allucinado
prêsa de uma vertigem,
traído, falseado
das forças e da sorte;
e segura a cabeça que se esvae
perdendo a esp'rança e o norte,
treme e delira,
forceja, luta, e emfim
vacilla e cae,
assim Albano, entrando no jardim,
co'os effluvios vitaes que ali respira
das flores do vedado paraiso,
sente o valor fugir-lhe, e a vida, e o siso!...

Corre-o sossobro tremulo
a fibra e fibra!...
Nisto... voz meiga e limpida
na alma lhe vibra!

Longe, em balseira flórida,
desponta o canto!
Conhece a voz angelica...
funde-se em pranto!

— «Casta diva, que prateias
a sagrada selva annosa,
volve o rosto a nós, formosa...»

Pára o canto!
e a cavatina sonora
termina entanto
numa risada que chora!...

— «A voz d'ella, meu Deus! —exclama o triste—
Ó meiga pomba, que é da luz d'essa alma
que irradiava tanto?
Ai, negra desventura, que a feriste!
Senhor! Senhor! torna-lhe a luz e a calma!
tira-lhe o riso, e restitue-lhe o pranto!

Ó Virgem mãe de Deus e dos afflictos!
ó candida açucena do Calvario!
ó minha Mãe divina!
não te movem, Senhora, aquelles gritos?!
É tempo, ó Mãe! termina o meu fadario!
ou toma esta alma, ou dá-me Josephina!»

«Quem é? quem foi que chamou
a pobrinha que morreu?»
—«Eu!»
—«Olha! o echo respondeu!...
dorme!... coitado, acordou!
não tenhas medo... aqui estou!
vou-te cantar, adormece;
vamos, que a noite arrefece:
—Dos crueis, fogosos seios,
modifica a ardente chamma...
ah!... ah!...
Queres que eu seja tua ama?...
Filho, adormeceste já?...»

E a louca adoravel de rosto sereno
ao longe atravessa na florea clareira;
phantastica virgem das lendas do Rheno,
deixando entre as brumas luzente rasteira!

São brancas, aereas, as vestes que arrasta
a fada nocturna, que á luz se evapora!
esquiva, saudosa visão meiga e casta,
que foge ante os beijos da aragem da aurora!

A lua, o silencio do quadro, a distancia
do côro das aves tão meigo e tão vago,
das humidas flores a etherea fragrancia,
os prantos da fonte chorando no lago,

e o immenso mysterio das horas tão mortas,
nos mostram no vulto, que vaga desperto,
um anjo, que espera que Deus lhe abra as portas
do lucido templo do eterno concerto.

Recobra-se Albano ao vêl-a!
Percorre a alameda inteira,
e chega á vasta clareira
onde a luz da sua estrella
surgira e se lhe mostrára!

Albano pára, e ella pára!...
Olham-se de frente a frente!
No centro espreita a desgraça:
de cima a esp'rança vigia!
Vae travar-se a extrema luta...
de repente
compacta nuvem sombria
defronte da lua passa,
e mais o quadro se enluta!
Nenhum se move, nem falla:
ella, hirta; elle, tremente:
elle commovido a olhal-a,
ella pasmada e contente;
nelle a borbulhar o pranto,
nella um riso a despontar;
nelle o amor devoto e santo,
nella o templo sem altar.

sem luz, sem cantos, sem Deus!
Eram extasis de um crente
que toma por divindade
fugitiva sombra fatua!
Era um poeta, um vidente,
que fica immerso em saudade
ante as feições de uma estatua!

— «Josephina!» exclama...
Ninguem lhe responde!
ninguem lhe enxuga os prantos que derrama
na mesta face que nas mãos esconde!...

— «Josephina!... pois tu não me conheces?...
não tens uma palavra que me dês?...
Mandei sem fructo a Deus as minhas preces!...»
E caíu-lhe aos pés!

— «Triste! d'onde vens tu?... Não sei quem és!...
Eu já não sou mulher: sou uma estrella,
e desço á meia noite ao meu jardim,
quando não vê ninguem,
a chamar as florinhas para mim,
e a entretecer a nupcial capella
de laranjeira, e myrtos, e jasmim...
e o noivo nunca vem!...
Olha! tão linda a minha c'rôa, vês?
Juntei-lhe hoje este ramo de cecem,

e mais o amor-perfeito...
mas ámanhã, verás, tudo é desfeito!
e eu volto á meia noite inda outra vez
tecer outra capella,
um mimo de singela...
e o noivo nunca vem!...
Se elle ámanhã vier,
vem cá, se queres ver felizes noivos
em divinaes delirios!...
Eu torno a ser mulher!
Não é linda a capella?...»
Era de goivos,
de cypreste e martyrios!

—«O noivo, o teu amor, que tanto esperas,
repara bem! sou eu!
Ai, flor das mallogradas primaveras!
olha-me bem!...»
—«Não és... não és... morreu!
Hontem um passarinho
chamou-me do seu ninho,
e disse-me:—Vem cá, senhora bella!
eu sei do teu amor...
vive longe! mais alto inda que o sol!
Que lhe queres mandar? —Toma: esta flor!
e dize-lhe que venha, rouxinol!
Subiu, subiu, subiu, e entrou no céu!
Eu subi atrás d'elle, e fiz-me estrella.»

— «Ó Deus! ó Providencia!
tu queres que eu blasfeme?
vaso de etherea essencia,
minh'alma se evapora!
a fé vacilla e treme!
a esp'rança já descora!
Que me será do amor?...

....

Josephina, inda um momento,
e matas-me, ou dás-me a vida,
vida que foi, que é tormento,
da alma que trago perdida!
Por alma de tua mãe!
pela tua alma, querida!
pela bemaventurança
dos paes que Deus me lá tem!
pela sagrada lembrança
dos nossos castos amores!
pela divinal essencia
das tuas queridas flores,
e pela tua innocencia
pura, celeste, divina!
por ti... por mim, Josephina!
vê, vê bem se me conheces!
A minha voz não acorda
no teu sacrario das preces

algum som nalguma corda
que por lá seja esquecida
no mais recondito arcano?
tu não te lembras de Albano?...»
—«Albano?!... tu és Albano?»
—«O teu amante!»
—«O poeta?...
Era um pintor, que pintava
retratos de Julieta...»
—«Junto á Senhora do Amparo...»
—«Sim! sim! quando eu soluçava...
Mas inda agora reparo!
no céu ha festas, e eu falto!...
Moro tão alto, tão alto!...
Vês? além,
mesmo ao pé d'aquella estrella
minha irmã!
Queres a minha capella?...
O meu noivo inda não vem...
tecerei outra ámanhã...»

E fugiu,
luzente meteoro
a que o abysmo ethereo o seio abriu!

Um frio glacial no seio d'elle
estancou de repente os ais e o choro:
e, nas ancias crueis de um paroxismo,

sente que o tomam attracções do abysmo...
tenta suster-se... e mão fatal o impelle!

....
....

Ergue-se... olha... escuta...
e cáe sem forças!...

Terminou-se a luta!

CANTO X
Á BEIRA DO ABYSMO

CANTO X

Á BEIRA DO ABYSMO

Memento... quia pulvis es.
PSALMOS.

É naquelle salão tristonho e vasto
onde ha trinta e dois mezes se chorava
Domingas, a africana, a cega escrava.
Vêde-o sentado alem pallido e gasto!

Retesadas as veias do pescoço;
tez pallida, rugosa, macerada;
e alveja-lhe a cabeça descarnada,
como se fosse um velho o triste moço!

Do amante desditoso resta aquillo!
do genio uma só luz: a febre accesa!...
Folheia um manuscripto sobre a mesa,
e lê trechos avulsos; vinde ouvil-o:

—Adeus, ruidosa Hespanha:
Madrid—a dos folgares;
Granada—a moira, a estranha;
Malaga—a dos cantares;
Valencia—a dos matizes;
Sevilha—a flor da terra;
Cadix—a flor dos mares;
adeus! por toda a parte
abafa os trons da guerra
um festival concerto;
serás para os felizes;
sou triste, vou deixar-te;
inda me fica perto
o fumo dos meus lares.

Adeus, Hespanha! adeus, formosa louca!
tu não vês o destino alem attento
a medir-te e a espreitar?
e tu, ora no campo, ora no circo,
ebria sempre de sangue! assim foi Roma!
um dia ferrea mão te busca e toma,
e morres... a cantar!

....

....

Monstro de fogo, arrebata-me!
silva! muge! ao norte o rumo!
sacode as crinas de fumo!
leva-me, igneo furacão!
rasga a terra! sobe! afunda-te!
róla! devora os espaços!
retesa os teus ferreos braços!
abre as crateras, volcão!

Monstro—arrojo—reptil—machina
de multiplicar a vida,
fez-te a sciencia, o estudo, a lida,
que inventa, cria, destroe;
e ao crer-se o homem no vertice
dos destinos (que o dirigem!)
sentou-se e disse: —Vertigem!
creei-te, leva-me! —E foi!

E, coriscando relampagos,
o novo férvido nume
traçou lavouras de lume
em todo o globo, e passou!
e os horisontes chegaram-se,
e os povos viram-se ao perto,
e illuminado o deserto
disse: —o deserto acabou!

. . . .

. . . .

Altivos Pyrinéos, lá me ficaes ao sul;
irmãos da minha estrella, adeus!
meus horisontes e meus céus,
de vós não mais verei o transparente azul!

. . . .
. . . .

Liberdade... era aqui; mentiu-me a fama!
França! França!... onde estás, ó grande! ó magna!
eras fonte, e és lagôa, onde se estagna
a agua que o mundo infecto em ti derrama!

Eras luz, e és espelho, onde se estampa
todo o mudavel perpassar do mundo;
e em derredor de ti, berço fecundo,
vicejam tristes cyprestaes de campa!

Onde a idéa que tens? onde os teus hymnos?
vives á lei da sorte, á lei do acaso,
julgando norte o sul, nascente o occaso...
tu, que viveste a preparar destinos!

. . . .
. . . .

Visão querida, porque assim fugiste?...
Hontem á noite, o céu era sereno,

fui sentar-me a scismar triste, bem triste,
numa collina do encantado Rheno:
formam lendas aqui a terra e os céus!
dos gazes transparentes da neblina,
maga visão etherea, me surgiste!
eras tu, Josephina!
viste-me, e caminhavas, caminhavas,
co'os teus olhos azues presos nos meus;
a encontrar-te, visão, tambem corri
tremulo, anhelante,
para apertar-te contra o seio amante;
mas comecei a ver (triste condão!)
que, quanto mais corrias para mim,
mais me fugias, relutando em vão;
e já cansada emfim
do impotente lutar, visão celeste,
em tenue vapor te desfizeste!

. . . .
. . . .

Nobre Polonia, luta! é grande esse estertor!
já que ninguem acode ao teu gemer profundo,
morre lutando só! tinge de sangue o mundo!
pois que outro lhe não resta, impõe-lhe esse rubor!

Ó fortes contra o fraco! ó aguias! ó leões!
ouvis da liberdade os lamentosos brados?

não vindes? tendes medo, ignobeis potentados!
vergonha sobre vós, monarchas e nações!

Polonia, aqui me tens! oh! possa-me envolver
na mais pequena dobra a homerica mortalha!
seja no cadafalso, ou seja na batalha,
sombrio Mouravieff, bemdigo-te ao morrer!

Só vós sois grandes, sim; mas não morrereis sós!
eu quero a morte! e, pois que a minha mocidade
tão malograda foi, que a vossa heroicidade
me dê sombra de palma em campa junto a vós.

. . . .

Atirei-me a sonhar á sepultura
onde os felizes mortos seus aquece,
amante desvelada e estremecida,
a gloria! mas em breve, ó desventura!
acordei entre as garras d'esta vida
que me segue, me prende, me endoidece.

. . . .
. . . .

Não sabes, Josephina?
estes lagos da Italia e da Suissa,
na sua clara, lisa, e doce calma,

têm o mago condão que me fascina,
e inspiram-me um scismar que me enfeitiça!
É porque dos teus olhos têm a côr,
e a etherea transparencia da tu'alma;
porém que frios! não lhes acho oh! não!
esse raio de amor
que me vinha direito ao coração
a encher-me de harmonias no meu intimo,
a entornar-me diluvios de paixão!

. . . .
. . . .

Ó theatro! ó Norma! ó Norma! ó Casta-diva!...
mas eu fugi de lá, não pude ouvil-a!
era a minha saudade rediviva!...

. . . .
. . . .

Hontem a turba dizia
na cathedral de Milão:
—Formosa Santa Isabel!
são d'oiro e de pedraria
as rosas que traz na mão!
—Aquillo explica o milagre.
Conheceis o artista?—Não.
—Pois ao divino pincel

é justo que se consagre
a gloria que mereceu.
Repara como são bellos
aquelles negros cabellos
por sobre uns olhos do céu!—

A santa és tu, Josephina;
o ignoto pintor fui eu.
Tu, divino Raphael,
meu pobre tributo abonas;
tu, que nas tuas Madonas
retrataste a Fornarina.

Não quer outros premios a arte,
nem gloria que a condecore;
já que eu morro por amar-te,
quero que o mundo te adore.

. . . .
. . . .

O titanico esforço nunca morre;
Hercules não morreu, revigorisa
inda os braços e os hombros;
a lida é dom do céu, que se eternisa,
e o fecundo suor que em fios corre
dá prodigios e assombros.

Hontem creou a imprensa; o sol portento
ás almas diz: —É dia!— e de esplendores
crepita e reverbera!
depois cria os volcões locomotores,
dá raios por transporte ao pensamento,
e tem nas mãos a esphera!

Afunda-se na terra! sobe aos ares!
une á America a Europa! e, sempre duro,
o braço omnipotente
toma, aferra o alvião, brande-o seguro,
rasga a terra em Suez, une dois mares,
e mostra alem o oriente!

Some-te, Adamastor, que nova estrada
abre aos nautas Lesseps, o novo Gama,
braço, paciencia, idéa!
Que mais erguido assumpto, e nobre fama!
Harpa das grandes glorias, canta a enxada!
transforma-te, epopéa!

Albano, eis o trabalho que engrandece!
váe callejar as mãos, obscuro obreiro,
neste chão que dá gloria!
seja o teu nome embora o derradeiro
no rol dos operarios, nunca esquece!
ha de aprendel-o a historia!

. . . .
. . . .

Ó patria do Senhor! ó terra da agonia!
adeus, copia fiel da minha soledade!
se aqui me demorasse um dia mais... um dia...
uma hora... que sei eu?... morria de saudade.-

E aqui fechou Albano o seu roteiro;
a pouco e pouco o desviou de si;
poz nas mãos a cabeça escandecida,
murmurando baixinho: — «E não morri!!...
Adeus, inseparavel companheiro,
confidente fiel da minha vida!
fechei-te para sempre! e, se te abri,
foi só porque, ao chegar do abysmo á aresta,
quiz olhar para traz... e nada vi!...
olho para diante... e nada resta!...»

. . . .
. . . .

—«Eis tudo consummado! Acho suave,
após a longa via dolorosa
do meu tormento obscuro,

colher as azas, immerger, poisar,
e adormecer! Não póde mais uma ave
que desfallece no altaneiro vôo!
Eu vim bater ás portas do futuro:
cansei-me de bater e de chamar...
que me resta, se nada ouvi, nem vi?...
ficar de fóra; adormecer aqui.

....
....

Tudo no mundo se parece ao mundo;
a esphera é sempre o typo d'esta vida:
nella extremos não ha! num ponto só
fincâmos a balisa da partida;
e, quando completâmos a jornada,
sem volvermos atraz, em nossa frente
inda a mesma balisa sobre o pó
nos delimita o extremo da tornada!...

Se a nossa alma, de triste ou de contente,
se perde espaço alem, vôa, delira,
doideja, cria, encontra, colhe, offerta,
sonha e dorme, deixae-a, que desperta
achando o ponto emfim d'onde partira!

Pois tambem eu, como a açodada fera,
após muito fugir, chego ao meu ninho,

e frio inverno encontro a primavera!...
Se da vida eu riscasse o dia de hoje!...
Requeimam tanto as penas e o deserto!...
Não se foge no mundo, não de certo,
uma vez que do mundo se não foge!...

. . . .
. . . .

Eis-me de novo em posse do meu lar!
Mas onde estão as bençãos, a alegria,
a acolher o bemvindo? Só chegar,
abrir a porta, que nos não resiste,
e achar na casa velha, nua, e fria,
sómente um companheiro,
fiel, mas sempre mudo, —o candieiro,
que nos alumiou sem nos amar!...
Como isto, ó Deus, é triste!

. . . .
. . . .

Entrei; fui percorrer a casa toda;
que cheiro a solidão! que morto aspecto!
ninguem veiu lançar-se entre os meus braços!
nem um sorriso, um pranto, um pobre affecto
acordou ante os echos de meus passos!...

. . . .
. . . .

Preguiçosas ruinas do meu tecto,
porque não desabaes?
poupaes um crime a quem viveu sem crimes!
fazeis, dando-me vós a morte amiga,
que eu na hora derradeira a Deus bemdiga,
e mancho as mãos se vós me não mataes!

. . . .
. . . .

O homem sobre a terra é como o arbusto:
em quanto uma raiz o alenta, o prende,
sustenta-se de pé:
mesmo se o raio da desgraça o fende
não cae: florece inda ferido e a custo:
mas se lhe falta a esp'rança, o amor, a fé!...

. . . .
. . . .

O suicida não se mata:
não!... cae, fere-se na quéda;
aperta-lhe a sorte ingrata
o laço em que os pés lhe enreda.

. . . .
. . . .

Dizem que o suicida é fraco...
será?...

Quereis que lhe venha a morte
d'um poder, que, sendo forte,
tão poucas forças lhe dá!...

. . . .
. . . .

Vive-se para um fim, e eu já não tenho
um fim para que viva!
A alma creou-a Deus para ser livre,
e a minha está captiva!
Vou demolir-lhe o encerro!
Alma, volve-te aos céus!
foge d'aqui, vae, vae mostrar a Deus
as chagas que te abriram no desterro!...

. . . .
. . . .

Duas horas da noite!... Quando a aurora
apparecer, as agonias do horto
para mim serão findas!
Que a aurora, ao menos, chore sobre o morto,
que mais ninguem, ninguem, no mundo chora!
. . . .
Lagrimas da manhã, sêde bemvindas!...

. . . .
. . . .

Acaso estarei louco?...
Triste de certo; e sem alento... embora!
mas louco... ai! não! quero morrer em calma!

Pensemos inda um pouco;
entremos dentro d'alma:

Porque me pendes tu, fronte esvaida,
para os frios umbraes da sepultura?...
Porque aos rudes trabalhos d'esta vida
veiu convidativa a noite escura
tentar-me co'o prazer do somno eterno,
e arrastar-me invencivel ao meu leito!...
tenho finda a tarefa, e estão sem força
os pés, os braços, a cabeça, o peito...
impossivel é já suster-me em pé!
As raizes que á vida me prendiam,
o amor, a esp'rança, a fé,
quebrou-as o tufão da desventura,
e impelle-me ao abysmo, á sepultura!...

....
....

Se meus paes me vivessem, viveria,
para lhes ser amparo na jornada,
juro da minha divida sagrada,
e para os não matar co'a minha morte:

e eu teria um regaço onde encostar-me,
e onde esconder-me á vingativa sorte...
não tinha, minha mãe desventurada?
Meu pae, o meu amigo, o honrado velho,
dar-me-ia animo, braço, amor, conselho...
mas não tenho ninguem... não tenho nada!

. . . .
. . . .

Quando tinha esperança amei a gloria,
sonho o mais seductor da humanidade!
sonho que nos eleva á divindade
no sacro altar do Pantheon da historia.
Mas quando vejo o resfolgar volcanico
das crateras que assopra a sociedade,
e o transmutar de face a quanto existe,
e o vacillar constante da verdade,
e este desmoronar da fragil tenda
que no infinito coube á raça humana,
que dia a dia treme, oscilla, range,
e ameaça abysmar a caravana
ao proximo bramir do cataclysmo,
a mim pergunto então:
—Pois o fragil batel em que boiâmos
no temeroso pelago do abysmo
será nau almirante em que embarcasses
de Deus ao nuto, ó rei da creação?!—

. . . .

Vaidade humana, cinge a c'roa, e canta!
pois te acclamas rainha. eia, soberba!
toma o sceptro... de canna, e ascende ao solio
de lodo que amassaste!... Ai! o teu erro!
Humanidade, em tua lida acerba
és seria, emquanto és nobre no desterro;
ridicula, subindo ao capitolio.

. . . .

Quando olho a lua absorto,
e o pensamento abysmo
naquella face nua,
naquelle vulto morto,
calado, esteril, frio,
ao mundo meu sombrio
descaio attento, e scismo,
e á terra aponto a lua!
Talvez... talvez que houvesse
esp'ranças, flores, vida,
um dia ali; quem sabe?!
mas tudo se arrefece
de Deus a um sopro leve...
bem póde ser que breve
o que em ti vive acabe,
ó terra; e fiques erma
soidão nas solidões,

dizendo que és enferma
os ais de teus volcões.
E ahi tens a *eterna gloria*,
que se abysmou!
e a *immensa luz da historia*,
que se apagou!

. . . .

E quantos nomes são findos,
e quantos clarões extinctos
no vortice das eras?...
Homem dos futuros lindos,
ó sonhador de chimeras,
soterra a tua vaidade!
risca das folhas da historia,
dos diccionarios da gloria,
o sonho: *immortalidade.*

. . . .
. . . .

Existe Deus?... existe!
Falla-lhe a voz potente
nos prantos do contente,
e no sorrir do triste.
Mas Deus pune o suicida?
não póde, não receio:

pois se o fugir da vida
é demandar-lhe o seio,
a celestial guarida,
onde não chegam damnos,
como ha de a Providencia
punir tão santo anceio?
Tambem a penitencia,
que é suicidio lento,
encurta os terreos annos,
e nos depura a essencia,
que para si Deus quer.
Perdida toda a esp'rança
no equuleo do tormento,
é nelle só que ponho confiança;
para tudo lhe dar, quero morrer!

. . . .

Meu Deus! meu Deus! e não será vaidade
pensar que tu me vês? que tu me esperas?
a mim, atomo vil da immensidade!
reptil do globo-insecto entre as espheras!...

É muito engrandecer-me, e amesquinhar-te!...
Espirito doente, ergue-te... parte!...

. . . .
. . . .

Nossa alma vem de Deus, como do sol
vem um raio de luz a cada ser;
quando chega do occaso a despedida,
o triste anoitecer,
cada baga de luz toda incendida
se volve á lente do immortal pharol
que esparge a luz e a calma...
Assim parte a noss'alma
ao pôr do sol da vida!
Chama-se-lhe: morrer.

. . . .
. . . .

Entre o ser e o não ser que dista?
um passo curto só... pois dê-se;
breve a vida mortal fallece.
Oh! feliz quem a paz conquista!

. . . .

Bem vês, Senhor, não sou louco:
acho-me sereno e frio;
não tomes a minha morte
á conta de um desvario,
não tomes!
As inclemencias da sorte
has de encontrar, quando as sommes,

que foram muitas de mais
a pesarem-me nos hombros;
desaba-me a vida em ais,
e eu morro sob os escombros.

. . . .
. . . .

Tres horas da manhã! Meu bom rewolver,
deixa-me preparar-te... eis o tinido,
frio,
secco,
sem echo;
tal como deve ser a voz da morte!...
Cadaverico, azul, fulge o teu brilho!...
fascinas-me! és formoso! ao meu ouvido
dize, gelida bôca, o teu segredo...
emquanto eu firmo o dedo no gatilho!...
. . . .
A minha mão não treme! eu não descoro!
bem hajas, coração! não tenho medo!

. . . .
. . . .

Resta escolher sepultura...
Será na presa do rio,
onde, nas manhãs do estio,

se banhava Josephina,
sob a cerrada espessura
dos sinceiraes junto á Ucha...
Seja. E, por bem da minh'alma,
levo uma esmola á Sagucha,
á que no céu já tem palma,
e que ámanhã já tem céu
na filha que Deus lhe deu,
na flor do seu coração.
....
De tudo, tudo que é meu
tem Ricardo o testamento,
e sabe a minha intenção.
Sê forte, meu coração,
no derradeiro momento.

....

São horas já. Senhor, espera o martyr...
se o vês.
Meus paes, vou-me prostrar aos vossos pés.»

Saíu.

Do limiar da porta,
e dos umbraes da vida,
olhou a casa morta!

a extrema despedida
tremeu-lhe num murmurio.
A vida é como a hera,
que se enraiza e abraça
ás pedras do tugurio
onde se nasce, e passa
a florea primavera;
a furia da tormenta,
o redomoinho insano,
as hastes despedaça,
mas desprendel-as... não!
Ao despedir-se, Albano
partíra o coração.

Passando ante a mansão de Josephina
ouviu, no seu delirio,
notas finaes de uma canção divina,
talvez do seu amor... talvez do empyreo.

Chega aos altos da Laceira,
quando a lua no occidente
da serra os pincaros salva,
emquanto alem do nascente
surge lucida e tremente
sobre a Estrella a estrella d'alva;
e vem buscando-lhe a esteira
uns raios de luz festiva,
prenuncios da aurora esquiva;

aureas franjas do lençol
do immenso leito de amores,
que adornam perlas e flores,
e tem na cupula o sol.

Era o momento escolhido.
Em baixo o rio marulha,
nos sinceiraes escondido;
o orvalho treme nas flores;
longe uma rolinha arrulha
não sei que penas de amores.
Albano a ladeira desce,
e dos seus passos a bulha
no musgo rente emmudece.
Da escura choça é já perto...
scintilla uma luz na Ucha,
signal certo
de que não dorme a Sagucha!...

Quando elle depunha a esmola,
de ao pé do rio um susurro
de voz humana
se ajunta ao carpir da rola!...
A taes deshoras quem é?!...
Costeia a negra cabana,
prolonga-se co'a silveira,
e vae abraçar-se ao pé
da frondosa laranjeira.

Duplica-se a voz,
mais distincta por mais perto;
e taes palavras se ouviam
crescendo mais e mais:
—«E assim viveremos nós!»
—«De certo,
cumprindo neste deserto
penas que os céus nos enviam.»
—«Aqui vae agua, cuidado!
o passo mais largo... assim!
temos á esquerda um silvado,
chega-te bem para mim!
agora em frente... Coitada!
levas o braço moido
de me amparares?»
—«Pois não!
são d'aço os ossos da preta;
eu já sou pau resequido;
não se azomba o teu bordão,
não quebra a tua moleta.»

....

Offerecendo a Deus a sua mágua,
os dois vultos caminham para a Ucha;
Domingas abraçada co'a Sagucha
vinha do rio co'uma bilha d'agua!

ajuntando-se em mysticos abraços,
evitando os barrancos e os abrolhos,
prestando, a decepada, a luz dos olhos,
Domingas, a ceguinha, os pés e os braços!

Milagres divinaes da paciencia!
ó sublime potencia dos affectos!
d'estes dois pobres entes incompletos
inteira-se, perfaz-se uma existencia!

—«Compara bem, covarde impenitente!
Aquellas, sim, que choram no seu horto!...»
murmura Albano triste, afflicto, absorto,
e cae-lhe a arma fatal da mão tremente.

Prostra-se, e exclama: —«É Deus que me alumia!
ente inutil não ha, que Deus m'o ensina!
Senhor, eu surjo á tua voz divina!
toma est'alma sem fé, que se perdia!

O homem não é de si!... Eis-te, ó verdade!
Emquanto houver um som, a Deus se louva;
emquanto houver um braço que se mova,
esse braço pertence á humanidade!

Só Deus marca o principio, e marca o termo;
só elle sabe quando está cumprida
a suada tarefa d'esta vida,
por mais que o seio nos pareça enfermo.

Nas convulsões crueis d'um paroxismo
vinha-me a despenhar cego! ás escuras!
e sois vós, miserandas creaturas,
pharoes com que o Senhor me aclara o abysmo!

Fugi de mim, designios meus protervos!
suicidio, és do egoismo, és da descrença!
Senhor, aqui me tens! lavra a sentença
do miseravel servo dos teus servos!»

INDICE